



Alexis de Campos

PARNASO MARANHENSE.

Receivido
Mis Abril 96

COLLECCÃO DE POESIAS.

— 000 —

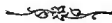
À VENDA:

S. T. de Progresso, r. de Sant'Anna, 41

PREÇO. 2.000.

Typ. do—PROGRESSO—r. de Sanctianna, 49.
Impresso por B. de Mattos,

PROLOGO.



Sendo de ha muito sentida a necessidade de colleccionar-se em um volume as poesias escritas por filhos d'esta Provincia, resolveram entre si alguns amigos, em meados do anno proximo findo, levar a effeito tão bella quanto util ideia; e, constituídos em uma commissão directora, começaram desde logo a pôr por obra a resolução tomada, já dirigindo communicações e convites aos que os quizessem auxiliar em tão bôa empresa e já procurando com empenho a aquisição de autographos ineditos e de publicações anteriormente feitas.

A commissão, que com o trábhalho, que ora offerece á consideração dos leitores, menos teve em vista dar a lume uma collecção de superio-

res producções a modo das que compoem o Parnazo Lusitano, do que reunir em um livro a maior copia de versos escriptos por filhos d'esta Provincia, não só para salvar a muitos do olvido, senão tambem para que por esse meio se tornasse bem patente a tendencia e particular aptidão, que existe entre nós para esse ramo litterario, ficou muito satisfeita e animada com o bom e geral acolhimento, que a ideia recebeu, já n'esta e já em outras Provincias.

A commissão entendeu que o volume devia ser intitulado—Parnaso Maranhense—visto como nenhuma designação melhor convinha á natureza e fim da obra; e assim tambem julgou muito acertado applicar os lucros, que por ventura possam provir da publicação emprehendida, em favor da eschola agricola do Cutim, attendendo a que esse estabelecimento é de summo interesse para a nossa terra e carece de todo o auxilio.

Na ordem da publicação das poesias pareceu melhor á commissão seguir a alphabetica, afim de que nenhuma susceptibilidade ficasse offendida com a precedencia na collocação.

Bem longe está a Commissão de suppor que o seu trabalho é em tudo perfeito e completo; mas resta-lhe a convicção de se não ter poupado a esforços e fadigas para conseguir do melhor modo o seu desideratum.

Sabe a commissão que, alem das poesias

agora colleccionadas, muitas existem que podiam fazer parte do volume; mas não pôde havê-los ou por excesso de acanhamento de seus auctores ou por falta das pessoas, que as conheciam e podiam offerecê-las, e menos esperá-las porque esta publicação já tem sido muito demorada.

Todavia, a Commissão, na esperança de adquiri-las, está resolvida a reserva-las para um segundo volume, que deseja publicar e para o qual pede desde já a protecção, o apoio, que tão benevolamente foi prestado ao primeiro.

Maranhão, 1 de Julho de 1861.

A COMMISSÃO

Gentil Homem de Almeida Braga.

Antonio Marques Rodrigues.

Raymundo de Brito Gomes de Sousa.

Luiz Antonio Vieira da Silva.

Joaquim Serra.

Joaquim da Costa Barradas.

A. GONÇALVES DIAS.

SOBOLOS RIOS.

(Trad: do hespanhol de Lope da Vega.)

Junto às margens dos rios
De Babilouia—a descartar sentados
Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cansados
Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

Os doces instrumentos
Que o senhor das batalhas já lonvarão
Em tempos mais contentes
E que nossas victorias celebrarão;
Quando presos ficamos,
Aos salgueiros extranhos penduramos.

Nossos donos por dita,
 Ou por curiosidade ou por vingança
 Ou porque em tal desdita
 Também piedade ao vencedor alcança,
 « Cantai, cantai » disserão:
 Com que mais nossas lagrimas crescerão.

E os que conduzião
 Captivos—nossos filhos e mulheres,
 Os hymnos nos pedião,
 Que augmentavão por lá nossos praseres;
 E em casos tão adversos,
 Os cantos de Sião,—os tristes versos!

Mas, em resposta, nós
 A seus rogos, chorando, respondemos:
 « Como pretendeis vós
 Que, a rojar ferros, miseros cantemos
 Nesta infeliz cadeia
 Versos da patria amada em terra alheia?

« Se de ti me olvidar,
 Doce Jerusalem, agora ou logo
 E longe de ti cantar,
 Myrre-se, pois cedeo á força ou rogo
 A mão que as cordas toca,
 Quando tal sorte lagrimas provoca.

« E se, cantando, der
 Signal de que perdi toda a memória;
 Em quanto assim viver

Cidade sancta, ausente dessa gloria
 A lingua se me apegue
 Na garganta, e respirar me negue.

« Nem justo é que se diga
 Que eu possa haver jamais contentamento
 Entre gente inimiga;
 Antes prefiro a todo o sentimento
 E até á vida cara,
 Ver-te feliz, Jerusalem preclara !

« Tu no entanto, ó rei divino,
 O castigo prepara ao Idumeo,
 Que sendo-nos visinho,
 Não acudio-nos,—antes ao chaldeo
 Auxiliou—no dia
 Em que a triste cidade nos rendia.

« E com voz arrogante,
 Mostrando em nosso mal seo odio injusto,
 Ia a bradar diante:
 —Arrasai, destruí, sem dó, sem susto:
 Nem deixe vossa espada
 Pedra, que torne a ser edificada !—

« Tu, Babilonia, agora
 Triumpha ! . . . Deos marcará teu dia !
 Abençoada a hora
 Em que pagues tão barbara onçadia !
 Ditoso quem viver
 E o capitão que tal vingança houver !

« E qual já nos fizestes,
 Das mães os tenros filhos arrancando,
 Não de fazer a estes,
 Que tendes caros; hão-de, os paes olhar
 Travar das louras tranças
 Para arrojat-os contra agudas lanças.

ESTANCIAS.

Tu não queres ligar-te commigo,
 Que me fosses mulher t'infamara!
 E' tua casa no sangue tão clara,
 Que eu me honrasse de unir-me contigo?!...

És acaso tão pura lindeza,
 Que eu não possa tua mão apertar?...
 Mas teos olhos com menos pureza
 Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa
 Para mim não darião no altar,
 Nesses labios alguém já não ousa
 Algum beijo de amor estampar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
 Despe a bronca vaidade que tens;
 Nem a mim teo amor me contenta,
 Nem me ferem teos falsos desdens.

Sei amar; mas a ti . . . não soubera;
 Sei sofrer; mas por ti . . . tãobem não;
 De te amar nenhum gosto tivera,
 De perder-te—nenhuma affeição.

O meo nome, que engeitas vaidosa,
 Que de illustres avós não herdei;
 Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
 Que eu contigo jamais partirei!

Não te assiste esse fado tristonho,
 Não te deixes vencer da affeição,
 Vive em paz! . . . que eu não quero, não sonho,
 Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha,
 Violentar-me por ti a dár ais,
 Possa ao menos morrer de vergonha,
 Quem de amor não morrera jamais!

Bahia—Maio de . . .

CANÇÃO.

(Trad. do allemão de Heine.)

Tens joias e diamantes,
 Quaes não tem tuas rivaes;

Tens os mais bellos dos olhos
 Amor, que desejas mais ?

E sobre esses olhos bellos
 Já de carmes immortaes
 Tenho composto volumes
 Amor, que desejas mais ?

E com esses olhos bellos,
 Até não queres mais,
 Tens-me posto á dependura
 Amor, que desejas mais ?

SONETO.

Baixel veloz, que ao tumido elemento
 A voz do nauta experto, afoito entrega,
 Demora o curso teo, perto navega
 Da terra, onde me fica o pensamento.

Em quanto vais cortando o salso argento
 Desta praia feliz não se despega,
 Meos olhos, não, que amargo pranto os rega,
 Minha alma, sim, e o amor que é meo tormento.

Baixel, que vaes fugindo despiedado,
 Sem temor dos contrastes da procella,
 Volta ao menos, qual vaes, tão apressado;

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella,
 E o pranto que ora verto amargurado,
 Possa eu verter feliz no seio della.

1848.

ESTANCIAS.

I.

O nosso indio errante vaga;
 Mas por onde quer que vá,
 Os ossos dos seus carrega;
 Por isso, onde quer que chega,
 Da vida n'amplo deserto,
 Como que a patria tem perto,
 Nunca dos seus longe está !

II.

Tem para si quo a poeira
 D'aquelle que choram morto,
 Quando a alma já descança
 Da eternidade no poito;
 Neuhures está melhor
 Do que na urna grosseira,
 Que a cada momento enchergam,
 Que de instante a instante regam
 Com seu prantear d'amôr !

III.

Ando, como elle, incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem proprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga,
Que em minha afflicção me diga
Dessas palavras que fazem
A dôr no peito abrandar !

E sei que morreste filha !
Sei que a dôr de te perder
Em quanto eu for vivo, nunca,
Nunca se hade esvaecer !

Mas qual teu jasiço, e onde
Jasem teus restos mortaes. . . .
Esse logar que te esconde,
Não vi, não verei já mais !

IV.

Não sei se ali nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora,
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora,
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão !
Se ali nasce o triste gojvo,
Ou só espinhos e abrolhos;
Ou se tambem de algans olhos
Recebes pia oblação !

V.

Sei que o pranto que se verte
 Longe do morto, não basta !
 E' pranto que a dôr não gasta,
 Que nenhum alivio traz !
 Sei que ao partir me dá vida,
 Minha alma andarâ perdida
 Para saber onde estás !

VI.

Irei sobre o teu sepulchro
 Chorar o meu ultimo adeos,
 Depois, remontando aos ceos,
 Direi a Deos: «Aqui estou !»
 Tu, d'entre o côro dos anjos
 Dos serafins resplendentes,
 Então as azas candentes,
 Que a vida não maculou,
 Desprega !—e meiga e humilhada
 Ao throno do Eterno vae,
 E na linguagem dos anjos,
 Dize a Jesus: «E' meu pae !»

VII.

Elle humanou-se !—quiz ser
 Filho tambem da mulher,
 Mas d'homem, não: porque os ceos
 Não tinham bastante espaço
 Para um homem pae de Deos !

Bem sabe elle quanta gloria
Sente o pae que um anjo tem !
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá tambem.

¶ de Maio—1861.

A. M. RODRIGUES.

A REVISTA NOCTURNA.

(Imitação de Zedlitz.)

A meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos: um tambor estranho
Acorda os mortos que enterrados são !

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras, que tiveram fim:
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe o marcial clarim.

Da Italia bella nas fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha,
Repetem échos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas,
 Que ao peito incutem natural pavor:
 Não correm, voam, os corceis fogosos,
 Que a espora incita ao desmedido ardor.

Os alvos ossos ao luar reluzem;
 —Tremem penachos que formosos são;
 —As armas tuem;—os cavallos rincham,
 Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas, o famoso Chefe,
 Eis que da campa ressurgindo vem:
 Não traz divisas no casaco branco,
 Move impassível o corcel que tem.

Seguem-no ao lado os marechaes valentes,
 Que a morte arrostram, que não te'm temor:
 Ney destemido na refrega intensa,
 Murat fervendo em marcial ardor.

Erguem soldados as luzentes armas;
 Beijando a terra o pavilhão está,
 E o Chefe exclama: « A denodada França
 Eterna gloria nas nações terá ! »

E' a revista que o moderno Cezar
 Passa aos guerreiros que enterrados são:
 A' meia noite, quando os vivos dormem,
 E ladra á lua o solitario cão !

VINTE E OITO DE JULHO.

(Aniversario da Independencia do Maranhão.)

1871

« Liberdade gentil, vem, nos protege, »
 Assim outr'ora nossos pais clamaram.
 E a Liberdade surgio, e os vis tyrannos,
 De medo e de terror mudos ficaram.

Da Patria e de Dom Pedro á voz ingente
 A terra de Cabral teve outra sorte.
 Dom Pedro nos bradou: Sejamos livres.
 Bradaram todos: Liberdade ou morte.

Mães estremosas, delicadas virgens,
 Trazei as palmas, as cheirosas flores:
 C'roai a Patria que sorri alegre,
 Que diz esp'rança, que nos diz amores.

Já não rufa o tambor, não zunem balas,
 Não tinem ferros, não se vê metralha;
 Cessou a grita das guerreiras hostes,
 A furia insana de cruel batalha.

Onde o sangue ce-preu, e a negra morte,
 Viçosa cresce a verdejante palma:
 As folhas tremem ao ciclar da brisa,
 E o sol ardente não derrama a calma.

Mães extremosas, delicadas virgens,
 Trazei as palmas, as cheirosas flôres:
 C'roai a Patria que sorri alegre,
 Que diz esp'rança, que nos diz amores.

Deus, e Patria, e virtude, e grandes feitos,
 Honraram nossos pais, os nossos bravos:
 Socegados na paz, fortes na guerra,
 Viveram livres, e jamais escravos.

E assim o Filho do immortal Dom Pedro
 Nos leva ao templo da severa Historia:
 Mancebo, como nós, conversa os livros,
 Ama o valor, as tradiçções de gloria.

Mães extremosas, delicadas virgens,
 Trazei as palmas, as cheirosas flôres:
 C'roai a Patria que surri alegre,
 Que diz esp'rança, que nos diz amores.

A VERDADE, A JUSTIÇA, E O BELLO.

(Tegner.)

Modelam facilmente os homens fortes
 O mundo á sua espada,

E pode a Fama soltar ingente vôo,
 Qual aguia desmedida.
 Mas no prelio nem sempre a espada fina
 Em sangue se embriaga,
 E no rijo tuir salta em pedaços:
 Das aves a rainha
 As densas nuvens rasga, e quantas vezes
 Do sol aparta os olhos,
 Esmorece, fraquêa, cahe por terra!
 Dos tyrannos o fructo
 Não viuga um só instante, e morre e passa
 Qual vento do deserto.
 A verdade é quem reina. Sempre eterna
 Os combates arrostra:
 Dos tyrannos não teme as negras iras
 O algoz, o ferro, o fogo:
 Não descora, não treme, o cên procura,
 E no céu, e no mundo,
 E no tempo veloz corre o seu verbo.
 Também reina a justiça,
 Immortal e sagrada. Embora as flores
 O mán no chão as pize,
 A verde folha dispa, o tronco abata,
 Ninguem arrancar pode
 A profunda raiz, rica de seiva.
 O mal adorem todos,
 Que podemos guardar do bem a imagem.
 E' tenaz a vontade
 Que do homem destemido o peito busca:
 Armas veste a justiça,
 Perseguida a verdade a voz levanta,
 Os povos se transformam,

A dor fica esquecida, as palmas surgem.
 E tu, anjo querido,
 Sacro-sancta Poesia, que traduzes
 A belleza divina,
 Tambem és immortal. Não te assemelhas
 Das flores ao perfume:
 Se concebes o bello, eterno vive,
 Cada vez mais pomposo,
 E nas azas do tempo a chuva d'oiro,
 Scintillante sacodes.
 A' verdade sublime o homem prenda-se,
 Sustente-se a justiça,
 Festejemos o bello. Entre os humanos,
 Essas prendas celestes
 Hão de sempre existir, sempre formosas:
 Aquillo que é da terra
 A' terra voltará, e nunca morrem
 Os principios eternos.

O BRASIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
 E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
 Não cobrem, não ornam meu patrio Brasil:
 Estatuas não temos, primores das artes,
 Mas temos os bosques por todas as partes,
 E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpas fontes,
 As flores, os fructos, os prados, os montes,
 Esmaltam, protegem meu patrio Brasil,
 E o canto das aves na selva escutamos,
 E o sol não tememos, e a sombra buscamos
 Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Vênus, as Graças, os loucos Amores,
 Celestes no marmor, na forma, nas cores
 Não temos, não temos no patrio Brasil;
 Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
 De rosto moreno, caracter altivo,
 E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
 E tudo que vive na terra, nos ares,
 E' bello, é sublime no patrio Brazil:
 Azul é o céu, as florestas frondosas,
 Valentes os homens, as virgens mimosas,
 E as verdes palmeiras viçosas a mil.

A. J. FRANCO DE SÁ.

O SOL, E A PRINCEZA.

(Doña Valaquia.)

Quando a aurora no ceo raia,
Uma princeza gentil
Vai banhar-se em lisa praia,
Nas ondas de prata e anil.

Dos lindos membros a alvura
Lhe reluz por entre um véu,
E rutilla n'agoa pura,
Qual uma estrella no ceo.

E da vaga adamantina
Mergulhada no crystal,
Se veste da luz-divina,
Que vem do sol matinal.

Elle pára em seu caminho
 Enamorado de a ver,
 Cobre-a de luz, e cariuho,
 Esquecendo o seu dever.

Tres vezes tenta no mundo
 Pôr a noite o seu lençol,
 E n'esse enlevo profundo
 Trez vezes encontra o sol.

E o sol á bella princeza
 Que de amores o rendeu,
 Conservando-lhe a belleza,
 N'uma rosa a converteu.

E' por isso que hoje a rosa
 De seus olhos ao fulgôr,
 Inclina a fronte mimosa,
 E se tingê de rubor.

Recife—1855.

ARREPENDIMENTO.

Oh, se depois da procella,
 Essa estrella, que perdi,
 De novo a mim se revela,
 Amigo, só devq a ti.

Deixava o céu pela terra
Como perdida Eloah;
Mas tua voz, que me eleva,
Faz com que ainda me atreva
A cantar hymnos de lá.

Se esqueci o canto puro
Por um momento veloz,
De novo agora o procuro,
E arrependido murmuro:
—Perdão—com tremula voz!

Esse dellyrio se acalma,
E rompendo o espesso veio,
Ferve de novo minh'alma,
Que só floresce no ceo!

Meu Deus, meu Deus não condemna
De minh'alma a embriaguez!
Vê que já brilha serena,
E chora qual Magdalena,
Vertendo aroma a teus pés.

De tua gloria aos fulgores
Eu bato as azas azues.
Vou onde vicejam flores,
Onde se vive de amores,
Onde se vive de luz.

AMOR E NAMÔRO.

Amor é vinho forte em que se apaulha
 D'essas hruégas de cahir no chão;
 O namoro é um calix de champanha,
 Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é clarão, que offusca,
 Fogueira alimentada com resina;
 Namôro é luz suave, que se busca,
 Como aquella, que expande a lamparina.

Amor é duro tronco, que se afferra,
 Entranhando no chão forte raiz;
 Namôro é linda rosa á flôr da terra,
 Que se abandona, se perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
 Apparece com ar de mata-mouro;
 Outra á vista do páo tem calafrio,
 Faz uzo da canella, estima o couro.

Um pula muros e barrancos salta,
 Levando quedas, que lhe são fataes;
 Outro anda com cautella, é um peralla,
 Que em ratociras não cahiu jamais.

Um ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
 Ora vive a bramir, ora prostrado;

Outro toma café, fuma charuto,
Calça luva, é rapaz civilizado.

Um soberbo e feroz, é-lhe preciso
Prautos que ver e flores que esfolhar;
Para o outro, porem, basta um sorriso,
Um aperto de mão, um breve olhar.

Agora, meu leitor, ouvir-vos quero:
Deste meu parallelo que dizeis?
Preferindo a qualquer, sêde sincero,
Confessai que o namôro é que dá leis!

Eu sou franco, namôro, eu te prefiro!
Dás que fazer do proximo á rabeça;
Mas não jogas cacete, não dás tiro,
Nem fizeste ninguem levar á breca.

Illuminas a vida em breve instante,
Sem consequencias nos trazer por fim.
És perfume da vida do estudante,
E remedio especifico do *spleen*.

Fazes que a *feia* por *soffrivel* passe,
E que passe a *soffrivel* por um anjo;
Fazes de uma criança um Lovelace,
Fazes criança tola de um marmanjo.

Por isso quem domina és tu, namôro,
Tanto no homem como na mulher;

Embora gritem pais—é desafôro—
Embora ralhem mães quanto quizer !

Hoje mais do que nunca estás na moda;
Não ha cabeça ahi de gente limpa,
Que não tenhas já feito andar á roda
Como ao sôpro do vento a leve grimpã.

E ao passo que amor já não ataca
N'este tempo ao dinheiro só fiel
Os peitos escondidos na casaca
Como outr'ora os cobertos de burel;

Tudo, tudo trabalha em tua vinha,
O seculo contigo sympathisa;
Todo o velho, rapaz, brucha ou mocinha
Tem tomado o namôro por divisa.

SETE DE SETEMBRO.

Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo formado por Deus,
Um indio gigante nascido nas mattas
Dormia cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigidãs zonas
O vasto colosso se estende a travez;

Repousa-lhe a fronte no immenso Amasonas,
E as agoas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria, ha tres sec'los, cruel pesadelo,
E a turba de insectos parada ao redor,
Lançara-lhe ferros, sorrindo-se ao vê-lo
Com os olhos fechados e o corpo em suor.

E as aves que gemem e as feras que rugem,
Os ventos que zunem, os proprios fuzis,
Não quebram-lhe o somno! crearam ferrugem
Em pulsos tão nobres cadeias tão vis!

Sorriam-se elles, sem verem que o somno
Somente o retinha no mesmo logar,
Bem como o menino reputa-se dono
Da onça dormida, que o ha de tragar.

Sorriam-se elles, sem verem que aos poucos
Nas veias o sangue fervia afinal.
No orgulho embuçados não viam, que loucos!
Que a hora batia solemne e fatal.

Mas eis de repente surgiu no horizonte
—Qual surge nas trevas brilhante pharol—
Um dia de glorias, os valles e os montes
Enchendo de vida, banhando de sol.

Romperam mil cantos, cessaram queixumes
Do trino das aves encheu-se o vergel,

E o prado de flores, e a flor de perfumes,
E o ramo de fructos, e os fructos de mel.

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
Das ventos nos troncos, da brisa na flor,
Da terra, das aves, do mar, que ribomba,
Um hymno de bençam se eleva ao Senhor.

Aos fervidos raios do sol fulgurante,
Do hymno inefavel ao magico som,
Do longo lethargo desperta o gigante,
Que excelso destino tivera por dom.

Desperta e dos membros sacode as cadeias,
Qual rija borrasca das nuvens o veo,
Qual aguia das azas sacode as areias,
Abrindo-as velozes nos campos do ceo.

E á turba insensata, que ao vê-lo se assombra,
Atira dos labios sorriso de dó!
Em vez de vingança prestando-lhe sombra,
Que o sol d'esse dia tornara-os em pó.

Desde esse momento sahindo da selva
As terras demanda, que um dia verá,
Se acaso o caminho nem sempre é de relva,
Que importa, diz elle, se avango p'ra lá?

Se ás vezes duvida, se treme, se cansa,
Ao sol de Setembro renasce outra vez

Nos membros a força, no peito a esperança,
E marcha e prosegue com mais rapidez.

E vendo este dia, que tanto memora,
Por sobre o horizonte de novo a surgir,
Co'um brado espontaneo saudemos-lhe a aurora,
Honrando o passado com fé no porvir.

Oh, hoje que raia tão limpa e calma
Nós filhos do Indio saudemo-la nós,
Com rosas na frente, com jubilo n'alma,
E o riso nos labios e o canto na voz !

Saudemo-la todos ! Taes dias são arcs
Na senda, que ao templo da gloria conduz;
Nas eras passadas são fulgidos marcos,
Que as trevas separam da enchente de luz.

Por ella animados com força dobrada
A' liça da Patria voemos tambem;
Se espinho e poeira tivermos na estrada,
Mais de uma corôa teremos alem.

Corramos, luctemos, cingindo de louros
A frente, que bate de ardor juvenil;
Um nome leguemos aos nossos vindouros,
Cubramos de glorias o nosso Brasil.

Unidos regnemos de nossos snores
As plantas, legado de avós e de paes;

Seus pomos dourados, no gosto melhores,
Os ramos vergados carreguem inda mais.

E como o guerreiro depois da victoria
No ganho estandarte repousa por fim,
Depois das fadigas, involtos na gloria,
Soldados da Patria, durmamos assim!

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos,
Que tornem maduros beneficos soes,
Depor-nos corôas, bem como as depomos
Na imagem querida de nossos heroes.

E após venha a historia, que os feitos estampa,
Os nossos narrando com traços fieis,
E honroso epitaphio nos grave na campa,
Cercando-a de flores e novos laureis.

SONETO.

Ape ! não posso mais; que sabbatina !
Nas mãos a Ordenação, compendio aberto,
Procuo objecções, mas não acerto,
E de balde a cachola se amofina.

Quando ás vezes parece que se atina,
E o final da massada vê-se perto,

Ligeira reflexão nos mostra ao certo
Ser asneira o que *ponta* se imagina.

E tudo para que? Para ser dono
De uma carta de borra ou de um capello!
Mas, por hoje os Praxistas abandono.

Fecho Rocha, Lobão, Carneiro e Mello;
Apago minha luz, pego no somno,
E *espicho-me* amanha como um camello.



SONETO.

N'esta casa do *Atterro* mil visinhas
Não querem que um rapaz 3.º annista
Estude o criminal, passe uma vista
D'antiga Ordenação por sobre as linhas.

Ha dnas sobretudo (são as minhas);
Oh, não ha estudante que resista!
Quer queira, quer não queira vai p'ra lista
Dos prestaveis *perus* das bonitinhas.

Combati fiz o esforço derradeiro!
Longe dos litigantes, entre flores,
Não hei de ser Doutor, sou jardineiro.

Que vida levarei ! vida de amores,
Que por fim ha de ter por paradeiro
Trez R. R. dos satanicos Doutores.

MEUS NAMOROS DE OLINDA.

(Episodio da vida de um calouro.)

Mens namôros de Olinda são flores,
Que desmaiam, cahindo no chão,
Sem gosarem do sol os ardores,
Desfolhadas ainda em botão.

São quaes nuvens, que o espaço percorrem,
Desenhando ligeiras imagens,
Esperanças, que nascem e morrem,
No deserto do peito miragens.

De sabão como o globo nitente,
Que brincando o menino produz,
Que um instante á vagar transparente
Resplandece vestido de luz.

E tão lindo brincando rutila,
Que dirieis o reino mimoso,

Onde sylphide aerea se exila
Para viver de perfume e de gozo;

Mas em breve se perde nos ares !
Meus namoros são todos assim ! . . .
Não passaram de meigos olhares
Meus namôros de Olinda por fim.

Mas, se todos morreram mui cedo
Não tiveram identica morte—
Dous se foram de spleen, um de medo,
E o melhor e final d'esta sorte:

Faz um anno: tive nma visinha;
Linda cousa, um anjinho do ceo !
Se eu de casa sabia, se vinha,
Lhe tirava, sorrindo, o chapeo.

Ao principio ficava arrufada
E fugia, a corar, da janella;
Eu, porem, quando a via zangada
Inda achava a menina mais bella.

Pouco a pouco se fez menos brava,
Que fereza no peito não tem,
Se eu sorrindo por ella passava,
Já, corando, sorria tambem.

Venturoso de mim ! fiz depressa
Em seu peito progresso tamanho,

Que já lia mais de uma promessa
No langor de seus olhos castanhos.

Que castellos, meu Deus, tão risinhos
N'essa quadra de amores não fiz !
E sonhava de amor ! . . . que de sonhos
De um futuro brilhante e feliz !

Oh ! sonhava o que em braços de Alcina
Não gozara, de certo, Roggeiro !
Puz de parte licção, sabbatina
E dei ferias ao men candieiro.

Eu morria de amor—e esta bola
De tal modo a menina virou . . .
(E me dizem que sou criançolla
Isto prova de mais que não sou)

No juizo fez tal desarranjo,
Que eu sonhava . . . que sonho divino !
Em meus braços beijar esse anjo,
Que em seus braços beijava um menino.

Mas um dia . . . e o vento era rijo,
Triste o sol n'esse dia fatal,
Eu p'ra as anlas meus passos dirijo
Sem, no entanto, prever nenhum mal.

A' dez passos da casa da bella,
Inda menos—já quasi defronte,

Eu sorria, e sorria a donzella
Quando sinto. . . . nem sei como conte ! . . .

Sinto gritos. . . . por certo não tinha
Quem os dava a menor polidez;
Era um d'elles—ladrão de gallinha—
E os mais todos do mesmo jaez.

Que vergonha, meu Deus, e que apuros !
As orelhas fizeram-se brasas,
Os meus olhos tornaram-se escuros,
E confusas dansaram-me as casas. . . .

Assim mesmo pensei que o perigo,
Oh! meu Deus, não passasse d'alli,
Fiz que a historia não era comigo
Mas em vão! desgraçado nasci.

E romperam! que horrivel barulho!
Que tremendo e incançavel estouro!
Um berrava d'alli—cascabulho—
D'aqui outros—calouro, calouro—

Do—calouro—não fiz muita conta,
Pois dizia—calouro—sou eu,
Cascabulho, porem, oh! que affronta!
Foi, (confesso) o que mais me doeu.

O suor gottejava da testa,
As topadas não tinham mais cabo,

Isto ao som da terrível orchestra,
Que os ouvidos quebrava ao diabo

Latas, busios, tambor, pratos velhos
Só se ouvindo uma ideia se faz;
Eu sentia tremer os joelhos,
Sou, comtudo, um valente rapaz.

Jámais nauta almejou estar em secco
Se naufraga iuda longe do porto,
Como então suspirei pelo bôco
Que, áfinal, consegui, quasi morto.

Como fóra do busio já fosse,
Murmurei, alimpando o suor:
Meu namôro, de certo, acabou-se,
E que pena . . . no ponto melhor.

N'este genero é pura fumaça,
Tudo quanto um calouro projecta,
E assim foi, que, por minha desgraça,
D'esta vez fui terrível propheta.

Desde essa hora de triste lembrança
Não fez ella mais caso de mim,
E um namôro de tanta esperança
Tão sem-graça finou-se-me assim.

Oh ! ingrata ! que amante perdeste !
P'ra castigo isto mesmo te basta,

Não sabias que peito era este
Que, de louca! sorrindo quebraste.

Tua imagem continha tão fixa
Tão constante, ah donzella! e fiel,
Que arrisquei-me a dar mais de um *espicha*;
Porem nada moveu-te, cruel.

Em passando por lá se acontece,
Que os meus olhos nos seus inda pouha,
Faz um momo, e dizer-me parece:
Cascabulho! oh! meu Deus, que vergonha!

Nunca mais ao depois d'essa esfrega
Quiz saber de namôro nenhum;
E o calouro que n'isso se emprega
Vou jurar—não tem senso commum.

De que servem mil sonhos tão bellos,
Em que fado invisivel procura
Illudir-nos formando castellos,
Povoados de tanta ventura;

Se do busio o troar leva o sonho,
Derribando o castello no pó,
Como outr'ora estampido medonho
Fez por terra cahir Jerichô.

Quando agora por mero pagode
Prego estouros, pois sou simi. . . .

Este aperto á memoria me acode;
E eu repito fumando um charuto.

Meus namôros de Olinda são flores,
Que desmaiam cahindo no chão,
Sem gozarem do sol os ardores,
Desfolhadas ainda em botão.

NENIA.

N'este momento nltimo, supremo,
Dizendo ao nosso amigo o adeus extremo,
Amigos, não chorai!
Elle passou da vida nos caminhos
Os pés dilacerando nos espinhos,
De mais. . . não teve pai!

Oh, sim! na infancia, do viver, a aurora,
Na juventude não tiveste uma hora,
Que não fosse de dor!
Uma esperança, que não fosse rôta,
E na taça da vida uma só gotta,
Que não fosse amargor!

Se um dia no horisonte escuro e triste
Uma estrella de luz brilhando viste,
E adorando-a, talvez,

Fitaste n'ella teu olhar ardente,
 O fugaz meteoro de repente
 Nas sombras se desfez.

A arvore fatal d'onde brotaste
 Nos ramos afogou-te a fragil haste,
 Privando-a do sol.
 Mas, ao sopro cruel da desventura
 Elevou-se tua alma inda mais pura
 Das magoas no chrisol!

Pensando em Deus, passaste pelo mundo,
 Sem as azas manchar no lodo immundo
 De fetido paul;
 Como por sobre lodaçal impuro
 Vôa a garça, esquecendo o charco escuro,
 Olhando o ceo azul.

É cançaste por fim ! Então voando
 Foste dos justos reunir-te ao bando
 Juncto ao throno de Deus;
 E ao mundo, que só dera-te veneno,
 Sem pezares, com animo sereno
 Disseste o ultimo adeus !

Nada esperavas d'elle ! Se uma trança
 De cabellos te dava inda esperanza
 De um amor de mulher,
 Guardaste no teu peito este segredo,
 Ninguem ouviu-te murmurar a medo
 O seu nome sequer.

N'essa agonia, que o viver consome,
 Na hora de morrer somente um nome
 Em teus labios sôou.
 Era de tua mãe o nome sancto,
 Que tua alma de filho amava tanto,
 Que, chamando-a, vôou !

Foi longo teu soffrer; descausa agora
 Onde tudo sorri e ninguem chora,
 Onde tudo é fiel.
 Terás por cada dor mil alegrias,
 Por cada gotta amarga, que bebias,
 Mil amphoras de mel.

Como o captivo na estrangeira praia
 As cadeias depõe, se o dia raia
 Que á patria o reconduz,
 Depozeste no exilio um corpo frio,
 Ninho sem rouxinol, templo vazio,
 Alampada sem luz !

Sobre elle o adeus extremo te dirijo;
 Se o mar foi tormentoso e o vento rijo,
 Bonança lá terás.
 Da virtude seguiste o duro trillho;
 Foste amigo fiel, foste bom filho;
 Adeus, repousa em paz !

Meu Deus, se em minha vida agora calma
 Lançares provações, dá que minh'alma
 Saia d'ellas assim !

E que um amigo sobre a minha lousa,
 Invocando teu nome, a mesma cousa
 Dizer possa de mim !

IMPROVISO. (*)

Se tu vieres, bella ^{compassiva} ~~parente~~,
 Como dos troncos velhos o renovo,
 Minha alma ao morrer talvez reviva
 Para te amar e te adorar de novo.

Ah, vem, corre p'ra qui n'este momento;
 Esquece ~~o~~ ^o teu pai, do teu Eugenio.
 Eu já colhi as palmas do talento,
 Contigo colherei corôas do genio.

(*) Recitada poucas horas antes da morte do auctor.

A. DA S. RABELLO.

DEVANEIO.

Vem ouvir, formosa Elvira,
Arpejos de minha lyra,
Que loucamente delira
Por ti, mulher divinal!
Os teus olhos deslumbrantes,
Tão vivos, tão chammejantes,
São estrellas rutilantes
Nessa fronte virginal!

Oh! meu Deus! agora vejo
Que um temerario desejo
Te accende o iris do pejo,
Que vem nas faces brilhar;

Gosto de vêr-te agitada,
Como és bella assim corada !
Estás qual nuvem dourada—
Do sol—batendo no mar !

Nas veias azues—ardente—
Teu sangue pula fervente,
Mas fugindo de repente,
Reflúe-se no coração;
Tremem teus labios de rosa,
És toda voluptuosa,
Da flamma vertiginosa,
Bem sinto tremer-te a mão !

Quem me dera nesses braços
Sentir delirios, abraços,
Quaes quentes, vividos traços
De luz, que fulge no ceo;
Assim preso na vertigem
Do teu amor, na origem,
O' minha pallida virgem,
Quizera vêr-te sem veio !

Tornára-te vacillante,
Se te desse nesse instante
Fervido beijo de amante,
Que te augmentando o rubor,
Com frenesi me apertáras,
E tão meiga suspiráras,
Que em devaneio mandáras
Soluçar, morrer de amor !

Nos teus seios entoados
 Palpitam arrebatados
 Mil desejos sofreados
 No fundo do peito teu;
 Se respirasse os odores,
 Se te gozasse os amores,
 Em paga de taes favores
 Dêra alma que Deus me deu !

Das paixões na tempestade,
 Deixa a fria magestade,
 Bem sei que é tua vontade
 Fartar-te de languidez;
 Assim de frente cahida,
 Em volupias immergida,
 Podia deixar a vida
 Quem te beijasse uma vez !

Por mais amor que tu sintas
 Do pudor nas rubras tintas,
 P'ra matar paixões famintas,
 És debil, não podes, não;
 N'um igneo beijo fremindo,
 Fanava-te possnindo,
 Que nas entranhas roçando,
 Tenho cá dentro um volcão !

DELÍRIO.

Quem é esta que apparece como a alva do dia,
 formosa como a lua, lustrosa como sol, for-
 midavel como bandeiras de exércitos ?

(CANTARES DE SALOMÃO.)

Já viste como é pomposa
 Aquella rubida rosa,
 Que na manham orvalhosa
 Parece sentir o sol ?
 Em doces perfumes arde,
 E vaidosa faz alarde
 Dos beijos quentes da tarde,
 Da tarde no arrebol.

Já viste a rôla carpindo,
 Por entre a relva fugindo,
 No cardo as azas ferindo,
 Sosinha na solidão ?
 Innocentinhas beldades
 Bem mostra sem falsidades,
 Se geme meigas saudades,
 Saudades do noivo são !

Já viste, uma vez pensando,
 A palmeira balauçando,
 Verdes beijos murmurando
 Sentidas queixas de amor ?

Assim outr'ora se ouvia,
 Se a tempestade rugia,
 Que o alaúde gemia,
 Gemia sem trovador.

No arvoredado copado,
 Nos ramos abandonado,
 Ao sôpro do vento irado,
 Lá ficava a soluçar;
 Se a roxa aurora chorava
 Na fonte que alli manava,
 Nas frouxas cordas soava,
 Soava arpejo no ar.

Não viste, porem, brilhantes,
 Nos teus sonhos delirantes,
 Dous olhos mui fascinantes,
 Que certa belleza tem;
 Não viste a virginea palma
 De suas paixões na calma,
 Crepitar-lhe o fogo n'alma,
 Se n'alma amores lhe vem !

Mais do que a flor orgulhosa
 E a palmeira buliçosa,
 Mais do que a rôla amorosa,
 É bella, tem mais paixão !
 Bem sei que infunde alegria
 Essa vaga melodia,
 Que o alaúde transvia,
 Transvia pela soidão.

Mas aquella virgem pura
 Respira com mais brandura
 Nos accents de ternura,
 Que o *ab eterno* lhe den;
 Nos olhos lhe bruxolêa
 A luz de amor, que incendea
 O rubro sangue, que ondea,
 Que ondea no collo seu.

Quando o peito lhe palpita,
 Na graça, na côr imita
 A formosa Salumitha
 Do sabio rei Salomão;
 Se a lua no céu lampeja,
 Seismando amôres doudeja
 Túmida, pallida arqueja,
 Arqueja no coração !

Sonhei-a terna, sandosa
 Como estrella nebulosa,
 Ou qual visão vaporosa
 Num rochedo á beira-mar;
 Depois aos braços me veio,
 Em ondas arfa-lhe o seio,
 Suspira no doce enleio,
 Enleio de muito amar.

Como o sol affogaeado
 Em rosea nuvem velado,
 O rosto tinha abrazado,
 E os labios côr de rubim;

Beije-lhe a face vistosa,
 Beije-lhe a testa alterosa,
 Beije-lhe a fina, mimosa,
 Mimosa mão de marfim.

Beije-lhe os labios flammautes
 Beije-lhe os olhos micantes,
 Beije-lhe os seios fragrantés,
 Mais do que a noite o jasmim !
 Vertiginoso em fital-a,
 Na cinta quero estreital-a,
 Sinto, porém, só beijal-a,
 Beijal-a toda por fim.

Bem como aragem cicia
 Na folha verde e macia,
 Assim, meu Deus, me dizia
 Um mago verbo de amor !
 Depois . . . seus olhos fechando,
 Leve suspiro exhalando,
 Senti seu peito pulsando,
 Pulsando com mais fervor !.

Dias e dias correram,
 No seu curso se embeberam,
 Nossos affectos morreram
 No meu tão bello sonhar;
 Depois a vejo. . . raiuha !
 Da formosura que tinha,
 Que magestosa que vinha,
 Que vinha p'ra me encantar !

Trouxe na mão linda rosa,
 Como essa, assim, tão viçosa,
 Tão viva, tão odorosa,
 No mundo procuro em vão;
 Ligeira qual debil fada,
 Me entrega a flor, e corada
 Me diz:—recebe, que é dada,
 E' dada de coração!—

Dês de então, meu pobre peito
 Vive gemendo e desfeito
 Por sua graça, e de feito,
 Minha alma muito lhe quer ! . . .
 Para gozal-a soffrera,
 Té na Gehena morrera,
 Mas saciar-me devera
 Com seu amor de mulher †

D., 14 de março—185. .

Em março o bosque silvestre
 De folhas novas se veste,
 De novo á vida sorri !

CORDEIRO.

Não vês tu, ó virgem bella,
 De Venus a branca estrella,
 Que luz dardeja no céu?

Assim teus olhos scintillam,
 Como o sol tambem rutilam
 No rosto formoso teu !

A face argentea da lua
 Não é mais meiga que a tua,
 Nem mais pura, mais gentil;
 Na fronte lisa e mimosa,
 Elevada e luminosa
 Ostentas graça infantil.

Que vivo fulgor assume,
 Quantas bellezas resume
 De teu corpø a rosea côr !
 E' tinta do norte ardente,
 Ou dos jardins do Oriente,
 Vaidosa, punicia flor !

Quizera a lyra de Apollo
 P'ra cantar-te o niveo collo,
 No teu festivo natal;
 És a briza revoando,
 Alvo cysne gorgeando
 Lá nas fontes de crystal!

Mas eu, sem estro, sem lyra,
 Sem arroubo, que desfira
 Na grinalda de teus annos,
 Não posso dar-te alegria
 Em torrentes de harmonia,
 Nem sondar os teus arcanos !

Se fosse vate arrojado,
 Divinamente inspirado
 No seio da solidão;
 Seguro destes eventos,
 Ia lêr os pensamentos
 Que escondes no coração !

EM VIAGEM.

Não viste buscando os montes
 E longinquos horisontes,
 Beijando os prados e fontes,
 A lua—rosa de amor ?
 Não viste—a frouxa, dormente,
 Fulgindo no occidente,
 Como a sultana indolente
 Nos paços do grão Senhor ?

Entre nuvens fluctuava,
 Candida luz derramava
 A mimosa estrella d'alva,
 Na terra—formosa assim;
 Pelas campinas relvosas,
 Com as azas vaporosas,
 Sopravam brizas saudosas
 Como um suspiro sem fim !

Um manto de vivas cores
 Se desfazia em fulgores
 No ceo, que é todo primores,
 Brilhava argenteo clarão;
 O campo verde, enflorado,
 Do ar puro, embalsamado,
 Que respirava á teu lado,
 Sentia louca paixão !

Surgindo o sol rutilante,
 A pomba no mesmo instante,
 Na collina verdejante,
 Um hymno doce gemeu:
 Não é mais linda—querida—
 A nossa leiva florida,
 Que o bello jardim d'Hermida
 De Juliétta e Romeu ?

Ao lado do meu—marchando
 Branco corsel—relinchando,
 Orgulhoso ia levando
 Um cherubim ou mulher?
 Nossos olhos se fallavam,
 Que mutuamente se amavam,
 Mas, cuidadosos guardavam
 Sigillo como se quer. . . .

O frescor da madrugada,
 Tua fronte perfumada,
 De rubro pejo corada,
 Não posso nunca olvidar !

A' ti, que bem vi chórando,
De ternura soluçando,
Teu coração sempre amando,
Hei de amor eterno dar!

Agosto de 18...

A. C. DOS R. RAIOL.

RECORDAÇÕES DA INFANCIA.

Essas lembranças, que o passado inspira,
Causão doce emoção, mas também — saudades —
Saudosas, tristes lagrimas.

Onde vaes, que assim corres tão ligeiro,
Que átraz não olhas, e que á nada attendes ! ?
 Espera,—espera, ó Tempo !
Não te volvas tão rapido e veloce,
 Qual do arco fugitiva
 A emplumada setta,
Por mão robusta arremessada aos ares !
 Espera,—espera, ó Tempo !

Que é da viçosa flor, a flor da vida,
Que aura suave, que a innocencia espíra,
 Fagueira bafejava ?

Tão candida e mimosa,
 Como o fulgor da estrella, que percorre
 Ao accordar da aurora;
 Tão amena, tão pura,
 Como o favonio, que no prado brinca,
 Antes que o astro magestoso e ardente
 A face mostre de sublime aspecto ?!
 Que é dessa flor, que eu tinha,
 Quando em jogo infantil, em brinco eu via
 Fugir as horas, deslizar-se o dia,
 Dias tão doces, horas deleitosas,
 Que apreciar não sonbe ?
 Quando no berço os mimos e os afagos
 Do seio maternal se me corrião
 Em docês expressões, que aos labios vinhão,
 Com risos de ternura,
 Como aos implumes—innocentes filhos
 Correm da rôla—cuidadosa e terna,
 No mimoso arrulhar, que envida extremos ?
 Sem que um só pensamento
 De meu peito innocente a paz turvasse ?

Espera, espera, ó Tempo !
 Mas ah ! que não me escutas, nem me voltas
 A enrugada face !
 Caminhas—. corres—, e contigo levas
 Ao nada, que era, da existencia tudo !

Se o grosso tronco, que lá fende os ares—
 Co' o estender das ramas;
 Se a rocha altiva e dura, onde se quebrão

Do mar, que em vão braveja em lucta insana,
 Enfurecidas ondas,
 Ao nada, que era, da existencia levas;
 Como escapar-me a flor pequena e debil
 A' esse abysmo de terrivel nome—,
 Onde encerras, ó Tempo, tudo, tudo—,
 Quanto existio outr'ora! ?

Mas a doce lembrança
 Da minha flor mimosa,
 Em quanto a morte não roubar-me a vida,
 Hei de gosar-a, ó Tempo,
 Tão doce—, como do alaúde o accento,
 Que a paz altera da calada noite,
 Quando, em sons de ternura modulando,
 Às celestes abóbadas
 Sob o canto mavioso !

O' meu patrio Japão ! meu sitio ameno !
 Que testemunha foste
 Desses momentos doces—venturosos !
 Margens virentes do Mearim tranquillo,
 Que iroso se arrebatá,
 Quando se encrespa a pororôca altiva,
 Que ergue a cerviz e rôla estrepitosa,
 Vencendo á força as aguas
 Da placida corrente !
 Que vida a minha, que eu gosei tão bella ? !
 Então apenas fugitiva—a noite—,
 A terra vinha a luz doirar do dia,
 Em canticos de jubilo profundo

Saudavão mil formosos passarinhos,
 Nos seus delgados ninhos,
 O Creador do Mundo !
 Então nos bosques—, nas frondosas mattas,
 A pequapá canóra,
 Na ausencia dessa luz, que báça e triste
 De longe reflectia,
 Chorova em cantos, que saudosa erguia !

Oh ! que saudade o coração me rala !
 Mas, se geme e suspira, e afflicto arqueja,
 Um ai mandando lá do imo aos labios,
 E uma lagrima aos olhos,
 Que me a face humedece,
 Ao recordar sereno,
 Desses bellos instantes—. melindrosos,
 Que amenos se movião,
 Como a torrente em limpido regato,
 Que não tropêça no mais debil seixo,
 Que não se enruga ao suspirar da brisa:
 Tambem, tambem no suspirado aperto
 Sinto banhar-me o peito,
 Doce prazer, que mixto se confunde
 Nesses ais que suspiro !

Dias da infancia, dias fortunosos—,
 Quando moço e loção eu nescio era
 O encanecido Tempo,
 Reccei de men peito o doce effluvio,
 Deste prazer, que eu sinto,
 Dias da infancia, reccei men pranto !

Hoje que, em balde, o coração resiste
 Ao choque, á lucta das paixões do mundo,
 Que, ardendo n'alma, o coração trucidão,
 Só vejo um após outro,
 Dias sombrios, que a existencia pungem,
 Tão tristonhos, tão pallidos,
 Como a flor pela sésta emurchecida,
 Que pouco á pouco desfolhada expira!
 Tibio reflexo funebre da lua,
 A meia face despontando apenas
 Sobre o mar tranquillo,
 Não é mais triste em socegada noite.

E á cada passo que volteja o Tempo,
 Mais perto enxergo a negra sepultura;
 De meus males tambem mais perto enxergo
 O infallivel termo.

1846.

A MELANCOLIA.

Oh! que véo se condensa ante meus olhos,
 Tão funereo, tão pallido,
 Como de gruta opaca a luz sombria!
 E o mundo de venturas,
 Onde em chusma fluctuão

Da vida encantos mil, que á vida aprazem,
 Só esse véo me esconde;
 Qual nuvem, que abafando o sol ardente,
 Seu brilho entenebrece,
 Ou qual do dia a luz candida e pura
 Encobre a noite escura !

Que mão occulta então me opprime o peito,
 E os suspiros me abafa !
 Que tédio e nojo, que me causa tudo,
 Que se me offerece por ventura aos olhos !
 Mas é tão languida a oppressão, que eu sinto,
 Dessa dôr, de que afflicto o peito aneia ? !

.....
 Oh ! meu Deus ! que viver é este ?... vida—
 Não... , não posso chamar, nem tambem morte;
 Pois entre a vida e a morte só parece
 Haver um passo apenas !

Nos embates, porem, da dor pungente,
 Mas frouxa, qual de luz, que se amortece,
 Baço e tibio clarão, ou qual no tronco,
 Já debil vai perdendo a flor o viço,
 Com só da sésta calidos ardores;
 Nesse tragar do calix de amargores
 Uns longes de doçura

Entre meus labios dissolver-se eu sinto !
 Como um pharol—se antolha-me o passado,
 Que do futuro sobre o mar me acena—

Um rumo lisongeiro
 Ao pensamento errante !
 Então, então—carpido e doloroso
 Lá do imo peito foge-me um suspiro,

Escapa-me uma lagrima,
 Que sobre as faces, borbulhando, esvai-se.
 Parece então que enxergo
 Do véo na transparencia—
 Os candidos prazeres—,
 Qu'entre os risos, que outr'ora desprendia,
 Tão meigos, pululando, me engolpavão—
 Em doce lymphá de delicia extreme!

 E o peito aneia ainda, mas no pranto
 Suave alivio encontra;
 Geme ainda minh'alma, mas recorda—
 Os ineffaveis gosos!

Triste melancolia!
 Se o triste pungir teu me afflige o peito—
 Tambem nesse pungir doçura encontro.—

1846.

A. O. G. DE CASTRO.

DESALENTO.

(Ao meu amigo J. J. Tavares Belfort.)

Pavido echo, que se perde ao longe,
Que foge triste de chorosa voz;
Lugubre canto nas regiões da morte,
Que a orphan entôa solitaria—a sós;

Rasteira hervinha, que alimenta o ermo,
Que o sol requeima, que não brota flor;
Ave sem ninho, que se gela á noite,
Que carpe a falta do seu doce amor;

Noite sem lua, que lhe ameigue as trevas,
Que a luz espalhe sobre o liso mar;
Adusto campo, que o katá despresa,
Que doce lymphá não lhe pode dar;

Pallida rosa, que o calor da sésta
 Deixou pendida sem perfume e côr;
 Cirio de morte, que a saudade accende,
 Que o pranto alembra de pungente dor;

Eis minha vida—como a voz chorosa
 De triste virgem, que perdeu seu pai!
 Ave sem ninho—não vos pede um riso,
 Só pede prantos, só vos diz—chorai!

Noite sem lua, que namore as ondas,
 Sem astro amigo, que vos diga—amai!
 S'envolve em lucto, não mendiga affectos,
 Só pede prantos, só vos diz—chorai!

Deixai que a rosa se desseque e morra
 Pendida e murcha pelo sol—deixai!
 Não pede beijos de fagueira brisa,
 Só pede prantos, só vos diz—chorai!

CONFIDENCIA.

Debalde lucto—não se extingue a chamma,
 A meu despeito o coração palpita
 Ao som d'um riso teu.

Inda mesmo trahido, elle te ama,
 Sabe que és d'outro mais em ti cogita,
 Nos gosos que perdeu . . .

Se te ouve os cantos no correr da brisa
 E o doce aroma angelical, celestes
 Contentes respirou;
 Uma phrase de amor, breve, concisa,
 Como os ardentes beijos que lhe deste
 Dos labios se escapou.

E quando no correr de leve dança
 Tua figura pallida diviso
 Alegre perpassar,
 Sinto n'alma um desejo que me lança
 A curvar-me a teus pés, e um teu sorriso
 Humilde supplicar.

Se é noite, nos meus sonhos mais fagueiros
 Eu te descubro em nuvem vaporosa
 Que a mente me seduz !
 Presinto o deslizar dos pés ligeiros,
 O mimoso pousar da mão sedosa,
 Que á vida me conduz !

Eu vejo os labios teus na cor da rosa,
 Nos petalos do lyrio recendente
 Da face a pallidez;
 E' porem, menos doce e perfumosa
 A pudibunda flor, menos nitente
 Do lyrio a candidez.

Não queiras pois que o peito desfalleça
A' mingoas d'um sorriso de esperança
 Dos doces labios teus;
Aquelle que te amou jamais esqueça,
Ao menos uma timida lembrança
 Mitigue os males seus.

A. DE CARVALHO.

ESCUta.

Bem como o lyrio candido e suave
Á margem da corrente, rindo, espelia
A leve sombra sua;
Casta virgem de Deus, quer vele ou durma
Se retrata em minha alma, e vive sempre
A doce imagem tua.

Meditabunda a conversar com os anjos,
Tendo a fronte pendida sobre o seio
De nitido marfim,
E os cabellos esparsos sobre os hombros,
E apoiando nas mãos a face linda
De rosa e de jasmim;

Trajando roupas brancas e mimosas
 Cujas franjas tremulas fluctuão
 Como as ondas do mar
 Quando, dormido o vendaval, das brisas
 Manso tangidas vêm cheias d'escumas
 Nas praias se quebrar;

Tendo no rosto angelica poesia,
 Nos labios risos, e nos meigos olhos
 Não sei que lá dos ceos—
 Lê-se nos puros olhos deslumbrantes
 A innocencia e a virtude de tua alma,
 Casto archanjo de Deus!

E a tua imagem me alimenta a vida,
 E o doce aroma, que tuas fallas soltão,
 Me embriaga de amor,
 E me inspira poesia, e força, e vida,
 Bem como aos tenros filhos branca pomba
 Dá vida e dá calor.

E tens altares dentro de meo peito,
 E eu te consagro um culto puro e santo,
 E santa adoração. . . .
 Virgem, virgem de amor, minha alma e vida,
 Meo anjo, e minha irmã, meo Deus, meo tudo,
 E' teu meo coração!

.....

E o que seria o vate, anjo formoso,
 Se a mão do tempo impia lhe roubasse
 Teo puro e santo amor?
 Pavida sombra que surgio da campa,
 Presbyteria sem cruz, tapéra á noute
 Povoada de horror !

Cruz isolada na soidão das mattas
 Cheia de lodo impuro e desherdada
 Do culto do Senhor;
 Lyra sem cordas, tronco desfolhado,
 Errante nauta á descripção das vagas,
 Perdido viajor.

Mas não . . . o meo amor sincero e fuudo
 Achou echo em teo peito almo e virgineo,
 Mimoso seraphim;
 E os nossos corações teem sympathias,
 Perfeita identidade, as nossas almas
 Ah são gêmeas emfim !

E o nosso amor me alenta e vivifica,
 Bem como o sol as arvores rachiticas
 Do impuro tremedal;
 Ou como a neve que de noute a bri sa
 Nas frescas azas traz em flocos nitidos
 A' murcha flor do val.

A. C. BERRÉDO.

A INFANCIA.

Dorme o somno da paz, doce e profundo,
Lindo anjinho do ceo, candido lyrio,
Meigo como o sorrir d'aurora bella
Entre cheirosas flores variadas,
 Que em jardim delectoso
 Plantou virgem louçan, pensando amores.
E' sagrado o repouso da innocencia,
E eu amo contemplar-te no repouso—
Por sobre o véo do somno transparente,
Quando teu seio, como em leve harpejo,
Se exhala em perfumados sons, macios.
 Assim solta do barro, que te opprime,
Alma singela, que sorrir só sabes,
Pomba innocente que entre rosas brincas,
9

O céu das illusões sem justo nome,
 Pode agora criar-te a mente livre,
 Digno, digno de ti, por ti formado
 A' propria imagem tua sacro-santa;
 Em quanto, de remorsos lacerado
 O mão no leito d'onro se revolve,
 Qual, se d'espinhos de tocum nocivos,
 Mão invisivel lhe alastrara os linhos,
 E a superficie do colxão de plumas.

Oh! nessas horas, ao descanso dadas,
 Elle não dorme, não! horrendo espectro,
 Estorcendo-se em dôr volteia em torno,
 Como um agouro pela ideia em febres;
 E á sua cabeceira vem sentar-se
 Em gelido silencio, agonisante!
 Tu, entretanto socegada e leda,
 Rindo, em fagueiro extasis te elevas,
 Como um subtil vapor, nas brancas azas
 Do Cherubim dos sonhos innocentes.
 Mas lá nas regiões do amor, do arroubo,
 Onde chegas talvez, transpondo o mundo,
 O que é que assim te arraiá as faces lindas.

Porque, oh! sim, porque
 Na placidez de teu jucundo rosto,
 Tão bello, tão sereno, tão mimoso,
 Brilhão divinos raios sobre encantos,
 Que nunca mareou paixão impura

Com o halito de serpe?!

Ah! quem sabe?! Só Deus; mas não revela
 Se douradas visões, mysteriosas
 Ao templo da ventura te arrebatão.

Eu vi pintada alegre borboleta,

Que em formosa campina esvoaçava,
 Com a relva, sem cuidado, andar aos beijos.
 Eu a vi repousar depois n'um ramo
 De copado jambeiro.

Correu ligeira a lua o aereo trilho:
 Surgiu o sol; eis logo o alado insecto
 A graciosa lida recomeça

Contente como dantes.

E' nessa bocaneta a imagem tua,
 Infancia suavei, cada dia brincas

E os brincos te não faltão,

Porque, Phenis, da cinza se revivem
 Para ti seu aroma expreme o cravo,
 Para ti seu sussurro o zeph'ro solta,
 Para ti mana o limpido ribeiro,
 Para ti se abrilhanta a natureza

De tantas maravilhas;

Teu somno brando, como o som da brisa,
 E' qual o emmudecer de uma harmonia,
 Que do sonho no echo se repete
 E no albor da manhã leve prosegue,
 Suave, como o osculo materno,
 Puro qual da açucena o odor esquivo,
 Que Euro imprudente lhe roubou no abraço
 De amorosa ternura mal cabida.

Aureos dias da infancia prazenteiros

Parai! onde vos ides assim prestes?!

Feliz a idade, em que o prazer é tudo

E entre prazeres se consome o tempo!

Ah! porque te não volves, doce amiga?

Porque não mais afagas

Que uma só vez os teus e vaes fugindo,

Sem dó de ouvir gemer triste a saudade?
Porque te auzentas na estação das flores,
Que inda em botão surgindo vem do calix,
Tão lindas, mas tão jovens, mas tão tenras?!...
Sim!... eu vejo!... eil-o alli, vem todo cores,
Casto, como sahio da Eterna Essencia! !... .

Formosa Elina, dá-lhe abrigo n'alma,
O nosso amor primeiro o céu o inspira
E o coração não erra em voto amante.
Ah! talvez despertando, o abalo sintas,
Vago, indistincto, como a luz d'aurora,
Pulsar teu peito virgem brandamente.

5 de Julho de 1846.

A. F. COLIN.

ELLA.

Eu a vi—era um anjo; à Deus orava
Prostrada aos pés do altar—como era bella !
Volvidos para a Virgem tinha os olhos
Em extasis de fé, d'amor ardente;
Por entre preces candida subia
Ao Eterno sua alma meiga e pura,
Como remonta aos ceos cheiroso incenso
Do thuribulo sacro ao som de cantos !

Era um anjo dos ceos baixado à terra,
Contemplando saudoso a patria estancia,
Flôr de innocencia, quadro de belleza,
Typo da criação. obra de esmero

Das mãos do grão Artífice Supremo
Animada por sopro milagroso.

Briza macia lhe brincava em torno,
Namorando-lhe a côma espessa e negra,
Que as pudibundas faces lhe cercavam
E a transparente cassa que seus membros
Mimosos—torneados—encobria.

Leve murmurio os seus rubros labíos
Docemente agitava—qual sussurro
De fonte que entre pedras se resvala,
Ou qual em bosque tremulo de myrtos
Cicia a fresca aragem bemfazeja,
Ao declinar do sol, em dia estivo.
—Era um anjo dos ceos baixado á terra,
Contemplando saudoso a patria estancia!

De trancelim finissimo pendia
Ao côlo de alabastro transparente
Aurea cruz delicada; arfava o seio
E a branda ondulação brilhar fazia
Das luzes c'ò reflexo a cruz sagrada
A espaços sobre o peito, denotando
Como um santo pharol refugio sacro,
Mansão bemdicta de christans virtudes.

Co'a delicada mão traçou devota
O signal dos christãos da frente ao seio.
E cessou de resar—e ergueu-se airosa,
Olhando inda uma vez a Virgem santa,

E um riso de innocencia e de candura
Nos labios assomou—de doce enlevo . . .
Ah ! não era mulher ente tão bello,
Era um anjo dos céos baixado á terra
Contemplando saudoso a patria estancia !

A. M. C. OLIVEIRA.

SONETO.

Quão bello o sol resurge no Oriente !
Quão risonha se mostra a natureza !
E esse monstro, a cruel, negra tristesa,
Me aperta o coração, me enlucta a mente !

Vai um dia, outro vem alegremente,
Ostentando aos mortaes nova belleza.
Só eu, ente infeliz, de angustias preza,
Chorando passo a vida amargamente.

E que vale ehorar? os meus lamentos
Não movem compaixão ! que desventura,
Findarão só co'a vida os meus tormentos !

Oh ! mofina existencia, oh ! sorte dura !
Vem, oh morte, acabar meus soffrimentos,
Vem mostrar-me o caminho da ventura !

AYRES DA S. SOUTO-MAIOR.



SONETO.

(A' morte de Nunes Machado.)

Lamento, egregio heroe, a morte tua
Encarando da patria a negra sorte,—
Pois o fado cruel com negro corte
Do Brasil estorvou a gloria sua.

Memoravel acção, empresa ardua
Invidou sustentar teu braço forte,
Abysmado ficou inteiro o Norte,
Ao vêr a liberal espada nua !

A' testa de teos bravos avançavas,
Morreste pela patria . . . e não vingaste
Esses bravos Catões, que commandavas !

Liberal na tribuna te mostraste
 Apoz a liberdade tu voavas,
 Libertar teos patricios almejaste !

SONETO.

Allura regular, rosto marcado,
 Lavada testa, sobranceira pouca,
 Olhos vivos, sagaz, regular bocca,
 Cabello corredio e acastanhado;

Moreno, porem não descorado,
 Pequeno buço os labios seos lhe touca,
 Voz forte, intelligivel, porem rouca,
 Empreendedor, zeloso e desfargado;

Cortesão, nos salões amando as bellas,
 Costumado a viver entre deidades,
 Desejando morrer nos braços d'ellas;

Eis o Ayres que diz puras verdades,
 Que tem por moças mil paixões, ao vel-as,
 Que seo retrato fez, livre vaidades.

UM SUSPIRO.

Vai triste, triste suspiro
Consolar quem por mim chora,
Renovar ternos adeuses
Que jurei na fatal hora.

Dize a quem de mim se lembra,
Que em meos braços soluçou,
Que meos adeuses receba,
Que saudoso já me vou.

Que vou sulcar bravas ondas,
Vou lutar com o mar irado,
Mas que levo no meo peito
O seo todo retratado.

Que trago sempre na idcia
Suas promessas de amor,
Que soffro como ella soffre,
Que sinto como ella a dor.

Que meos suspiros receba,
Soluçando, entre mil ais,
Que traga sempre no peito
Do seo amado os signaes.

Que jamais de mim se esqueça,
Que se recorde de mim,

Que lamenté minha sorte,
Cujos males não têm fim.

Dize, dize meu suspiro,
Meu companheiro na dor,
Qual a triste despedida
Que lhe envia o meu amor.

Que chorando me despeço,
Que te mando em meu lugar,
Receber os seus adeuses,
Por mim seu pranto enxugar.

C. C. CANTANHEDE.

—

CANÇÃO.

Si vous n'avez rien á me vire,
Pour quoi venir auprés de moi.

V. HUGO.

Se não queres que eu te adore,
Porque me sorris assim ?
Porque me fallas de amores . . .
Porque não foges de mim ?
Se não queres que eu te adore,
Porque me sorris assim !

Se não queres que eu te veja,
Porque não sahes da janella ?
Quando de longe me avistas
Porque não corres, ó bella ?
Se não queres que eu te veja,
Porque não sahes da janella ?

Se tu não gostas de mim,
Porque me apertas a mão?
Porque me deixas—na walsa,
Estreitar-te ao coração?
Se tu não gostas de mim,
Porque me apertas a mão?

Se não queres vêr meus olhos,
Porque não voltas os teus?
Ah!—eu sei. . . tu queres vêr
Se te vêem os olhos meus!
Se não queres vêr meus olhos,
Porque não voltas os teus?

Se não queres que eu te ame,
Porque me deste esta flor?
Esta rosa—tua imagem,
Expressão do teu amor?
Se não queres que eu te ame,
Porque me deste esta flor?

C. DE B. DE S. CAIOSO.

SONETO.

Mal o bater monotono dos remos
A cruel separação trouxe a lembrança,
Pareceu-me fugir toda a esperança,
O fado já cumprir que todos temos;

E como assim não ser, quando nós vemos,
Dos miseros humanos que a balança
Repleta é só de dôr, e sem honança
Os infindos pesares que soffremos!—

Deus oh ! Deus, permittê que em breve veja
Aos mortaes que mais prezão n'esta vida
E que a rever minha alma tanto almeja.

E quando remorder-me lá do fundo,
Das saudades o dente com agudesa—
Receba ella somente o ai profundo.

C. F. DE SÁ.

SAUDADES.

Meos ais arrancados do imo do peito,
Gerados na amarga, cruel soledade,
Recebe-os, querida, em teu coração,
Escuta-lhe os sons só dizem—*saudade!*

Aquelles donrados, celestes instantes
Em que me juravas eterna amizade,
Renova em minha alma, curvada de dores,
O doce pungir de amarga *saudade!*

Jamais de ti longe, tão doces instantes
Me escapão da alma, singella deidade!
Mas ah, minha amada, do bem que gosamos
Só hoje me resta perenne *saudade!*

Meo anjo, eu te vejo no rubro horisonte,
Na planta, no dia, na aurora na tarde,
Te escuto na brisa, no cicio d'aragem,
Na voz de minha alma, na voz da *saudade*.

Te vejo na flor, no campo, na relva,—
Mas é phantasia. . . . cruel realidade!
E só na minha alma que estás de continuo,
E' só no meo peito com a triste *saudade*!

C. C. FERREIRA ROÇA.

O BEIJO NO AR.

Não sei que sentia, se estava dormindo
Se era acordado, ou ledo sonhava
Na hora ditosa em que a teu lado
A voz eu te ouvia que meiga fallava !

Tuo meigo semblante, tão bello, meo anjo,
Cobria uma nuvem de doce tristesa . . .
Teos olhos brilhantes, de vividos raios
Que fallas fallavão com tanta belleza !

Discreto, eu confesso, não pude mirar-te,
Falei-te de amor, fugiste de mim
Busquei-te outra vez, paraste medrosa,
Não fujas te disse, disseste-me: sim ! . . .

Prendi-te em meus braços de amor enlevado,
Um beijo vulcânico já ia te dar . . .
Então despertei . . . estava sonhando . . .
E o beijo amoroso foi dado no ar !

E. DE FREITAS.

SONETO.

(Acrostico.)

Ditoso vezes mil, ah ! se eu tivera
O gosto de te ver sempre a meu lado !
Nos teus olhos gentís o meu cuidado,
Ah ! Jonia encantadora, eu só poséra.

Jurar-te a cada instante só fizera
O mais ardente amor, mais sublimado,
A teus pés de continuo alfim prostrado,
Nenhum'outra ventura eu mais quiséra !

Ah ! quão pouco te custa eu ser ditoso !
Bem poderas, oh ! Jonia, n'um momento,
Eleva-me a ser teu, ser venturoso !

Lisongeiro, e fallaz contentamento!
 Lograr-te, Jónia bella! . . . Oh! céo piedoso!
 Onde me levas tu, meu pensamento!

NO MAR.

(N'um dia de annos.)

Vãa, suspiro meu, transpõe os mares,
 Chega de Lisia á plaga afortunada,
 De Natércia gentil chega á morada,
 Interprete vae ser dos meus pesares.

Quando nas niveas faces tu pousares,
 Beija primeiro a bocca nacarada,
 Dize depois, quão triste, amargurada
 A vida passo entregue a mil azares.

Ah! não lhe escondas quanto no meu peito
 Lavra com força atroz melancholia,
 Da saudade cruel pungente effeito!

Dize, que beijos mil Josimo envia,
 E o protesto de amor outr'ora feito,
 Lhe renova em louvor d'este almo dia.

IMPROVISO

Triste silencio !
Ninguem respira !
Em vão minh'alma
Geme e suspira ! . . .

Não vejo Lilia . . .
Talvez agora
Nem ella pense
Em quem a adóra ! . . .

Zephiros brandos,
Levae-lhe um beijo;
Dae-lh'o na face,
Que é o meu desejo:

Dizei, que triste,
E pesaroso,
Aqui deixaste
Um desditoso ! . . .

Contae-lhe as magoas
D'esta existencia,
Que se definha
Na sua ausencia:

Mas ah ! se verdes,
Que está dormindo,

Pouzae-lhe em torno
Do rosto lindo,

E adejando—
Suavemente,
Deixae que durma
Tranquillamente.

Do molle somno
Não a acordeis;
Vinde, apressae-vos,
Não mais tardeis;

Vinde contar-me
Onde é que a vistes,
E se o meu beijo
N'ella imprimistes.

Lisboa—1844.

SONETO.

(Ao deixar Maranhão.)

Terra da minha patria, eu te saúdo!
E deixando-te, ah! deixo a minha vida....
Recebe o triste adeus da despedida
De quem ama o teu céu mais do que tudo!

Não é da sorte o aspecto carrancudo,
Que nest'hora solemne me intimida;
Deixo Lilia gentil, Lilia querida,
Lilia... mór bem que a vida... ah! não me illudo!

Patria! doce penhor que amo e venéro...
E' força que te eu deixe (oh! dôr pungente!)
Mas ah! ver-te uma vez eu inda espero.

E se tu não permittes, Deus clemente,
Que eu gose este favor, que imploro e quero,
Põe termo á minha vida incontinentemente.

F. SOTERO DOS REIS.



A MORTE DE HYPOLITO.

(Racine.)

Aj enas nós sahimos de Tresêna,
Sobre seu carro Hyppolito, postada
Em torno delle a sua guarda afflicta,
No silencio o imitava: pensativo
Toma o caminho, que a Myssenas guia;
As redeas nos pescocos fluctuando
Desses corceis, soberbos n'outro tempo,
Cheios á sua voz d'um nobre fogo,
Que, descabindo a frente, merencoria
A vista, do senhor se conformavam
A' sombria tristeza: eis rompe um grito
Da profundez das ondas, pavoroso,

Os socegados ares perturbando;
 Das entranhas da terra lhe responde,
 Gemendo, voz horrisona. No peito
 O sangue se nos gela: a clina eriça-se
 Aos attentos corceis. Do plaino equoreo
 Em tanto sobre o dorso humida serra
 Empóla em grossos borbotões; a onda
 Se avizinha e espedaça, vomitando,
 Entre rolos de espuma, a nossos olhos
 Um monstro furioso. A larga fronte
 De ameaçadoras pontas se garante;
 Cobre-lhe o corpo amarelada escama:
 Touro feroz, dragão encrucicado,
 A extensa cola em roscas sinuosas
 Se lhe curva e recurva: a praia toda
 Treme e retreme aos seus longos mingidos.
 O mesmo céu, com vê-lo, se horrorisa:
 O ar se inficiona, a terra abala-se,
 A onda que o lançou, espavorida
 Recúa. Sem se armar d'esforço inutil,
 Tudo fugio, asylo procurando
 Em um visinho Templo, só Hyppolyto,
 O digno filho de Theséo não foge:
 Os cavallos sustem, o arco atésa,
 Remette ao monstro, e desfechando um dardo
 Com mão segura, lhe abre n'um dos lados
 Larga ferida. A fera debatendo-se
 De dor, de raiva, vem pulando e aos pés
 Dos cavallos medrosos cahe bramindo,
 Rebolca-se no chão e lhes amostra
 A guéla inflamada, fumo e sangue
 Sobre elles vomitando: apoderou-se

Dos corceis o terror: arrancão, voão,
 Surdos á voz, que os doma, desbocados;
 Em baldados esforços se consume
 O teu filho, senhor; sanguinea espuma
 Lhes roxêa o bocado: um Deos se via,
 (Dizem) no trance horrendo, aguilhoando
 Os ilhaes pulverosos desses brutos.
 De rocha em rocha o medo os precipita;
 O eixo range e estala: o ardido Hyppolito
 Vio voar em pedaços o seu carro
 E nas redeas, cahindo, se embaraça.
 Desculpa a minha dor; tão crua imagem
 De pranto me ha de ser fonte pereune:
 Eu vi, senhor, eu vi teu triste filho
 Arrastrado por brutos, que nutrio.
 Se elle os nomêa, á sua voz aterrão-se,
 Correm: todo o seu corpo n'um momento
 Era uma chaga pura. A nossos gritos,
 O campo retumbava, lamentosos.
 Nos brutos finalmente o fogo afroxa:
 Parão, não longe dos antigos tumulos,
 Que dos reis seus avós as cinzas guardão.
 Corro chorando, a sua guarda segue-me,
 Seu generoso sangue é quem nos guia:
 Elle as rochas tingio; e gotejando,
 De seus cabellos inda as sarças mostrão
 O sanguento despojo. Chego, chamo-o;
 A mão elle me estende, os olhos abre
 Nadando já na morte, e logo os cerra:
 « Uma vida innocente o céu me arranca,
 « (Me diz) da triste Aricia te encarrego.
 « Amigo, se meu pai desenganado

« Inda chorar um dia, deste filho,
« Falsamente accusado, a crua morte,
« Para aplacar meu sangue, a miulha sombra,
« Dize-lhe da captiva a sorte adoce;
« E que lhe restituia . . . » Aqui expirou,
Um corpo só deixando nos meus braços
Desfigurado todo, triste objecto,
Onde dos céos a cholera triumphava
E que sen proprio pai desconhecêra !

F. J. CORREA.

AS DUAS ILHAS.

(Traduzido de Victor Hugo.)

I.

Duas Ilhas existem cujos mares
Separa um mundo,—de longe dominando
As ondas, como cabeças de gigantes.
Ao seo aspecto inhospito e fragoso,
Bem se vê que Deos as tirou do fundo pego
Para um grande designio, que nutria.
Sua frente, alvo dos raios, delles fuma;
Sobre os seos flancos nús o mar reserve;
Roncão volcões occultos em seo seio.

Estas Ilhas, em cuja alpestre base
Em flor a onda rebenta e se tritura,
São como dous navios de pírata,

Presos por ancora eterna que os segura.
 A mão que destas bravias, negras costas
 Dispoz os sitios agrestes, hem parece
 Que tão terriveis as fez e temerosas,
 Para que n'uma nascesse Bonaparte,
 E n'outra Napoleão morrer podesse !

« Uma foi o seo berço ! outra o seo tumulto ! »
 Estas palavras bastão para os sec'los . . .
 Jamais hão de os vindouros esquece-las,
 Tenha o mundo de soffrer grandes desordens.
 A' estas Ilhas, de tetrica apparencia,
 Ao appello, virão, de sua sombra,
 As gerações futuras, attrahidas.
 Os raios que nos seos cimos descarregão,
 E seos cachopos e suas tempestades
 São um funebre hymno que o recordão.

Longe das nossas praias, abaladas
 Pelos rudes furacões da sua sorte,
 Sobre estas duas Ilhas solitarias
 Fê-lo nascer e morrer a Providencia,
 Para que elle podesse vir ao mundo,
 Sem que um abalo profundo annunciasse
 O seo primeiro momento, e, enfim, podesse,
 Sem revolver a terra, docemente
 Expirar sobre o seo leito de soldado !

II.

Que de fagueiros sonhos á principio
 O embalarão ! ao depois que triste acôrdo !

E' que, farto de gozar do seo engano,
 O despertára a amarga experiencia,
 Para deixa-lo com elle fronte á fronte,
 Fazendo-lhe ver o nada das vaidades
 De que doura o ambicioso o seo futuro,
 A realeza, o throno, a gloria, a fama!

Na Corsega, onde nasceo, sendo inda infante,
 Lhe revelavão visões seo sceptro ephemero
 E a aguia imperial se equilibrando
 Sobre os seos estandartes vencedores;
 E nesta expectação, que o enlevava,
 Ja elle ouvia soberbo o hymno unisono,
 Babel de linguas, que, ás portas concorrido
 De sua tenda, ao depois, cantava em jubilo
 O seo povo universal que o acompanhava.

III.

ACCLAMAÇÃO.

« Gloria á Napoleão ! gloria ao supremo
 Dominador da terra, á quem Deos mesmo
 Do diadema cingio a fronte augusta.
 Obedecem-lhe as Nações que vão do Nilo
 Ao Borysthenes, por elle debelladas.
 Os reis, estirpes de velhas dynastias,
 S'inclinão, ao vê-lo passar; e elle, altivo,
 Em Roma, outr'ora a arbitra do mundo,
 Só vio espaço p'r'o throno de um menino.

« Para levar ás gentes assustadas
 O trovão da guerra, com que elle as fulmina,
 Tem suas aguias as azas sempre abertas.
 Sem saber do seo grado soberano,
 Não delibera o Divan nem o Conclave.
 Aos estandartes seos, humidos sempre
 Do sangue, vêem-se juntos, das batalhas,
 Crescentes ao velho Egypto conquistados,
 E á Moscovia a cruz d'ouro do grand'Ivo.

« O tostado Mameluco, o forte Godo,
 O Polaco, de lança embandeirada,
 Todos á sua ambição cegos se prestão.
 Para elles é lei sua vontade,
 Fé seo nome, que enche todo o mundo.
 Estremecendo de ardor, ás suas ordens
 Um povo de nações marcha orgulhoso !

« Sua mão, quando acaso toca o termo
 A' que aspirára o seo infrene orgulho,
 Faz a esmola de um reino á algum soldado,
 Ou reis velar ao umbral do seo palacio,
 P'ra que, vindo dos combates ou das festas,
 Possa dormir em paz entre os vencidos,
 Como dorme o pescador na sua barca.

« Subio tão alto o gigante, em seo arrojo,
 Que nos parece tocar com a fronte excelsa
 Essa esphera ideal, alem das nuvens,
 Onde jamais rebenta a tempestade.
 Para attingir-lhe a cabeça sobranceira,
 Fôra preciso que lá subisse o raio !»

IV.

Pois assim aconteceu, sem s'espera-lo !
 E, derribado la dessas alturas,
 Tombou por terra o colosso, fumegando
 De cem raios com que fôra ferido.
 Castigarão os reis o seo tyrauno.
 Sobre um rochedo em vida o exposerão;
 E o gigante, captivo, pela terra
 Foi confiado á guarda do Oceano.

Como ahi o viver lhe era amargo,
 Quando, á tarde, o pôr do sol lhe recordava
 O seo passado e presente, comparados,
 E que elle, distrahido, se perdia
 Pela areia das praias, só comsigo,
 Até que, cahindo em si, se apercebia
 Que um odioso inglez o acompanhava !

Como pezava-lhe ouvir o accusarem
 Esses mesmos que pouco ainda havia
 O seo braço vênecedor divinisavão !
 Porque ao clamor unanime dos povos
 Respondia a voz implacavel do remorso
 Que no seo coração se lamentava !

V.

IMPRECAÇÃO.

« Opprobrio ! castigo ! anathema ! vingança !
 Punão-no os ceos e a terra, combinados !

Vimos enfim ruir o gran'colosso !
 Euvenerar possa o resto dos seus dias,
 E persegui-lo ainda além do tumulto
 A consciencia tremenda dos seus crimes !

« Permitta Deos que, ao fallar-se no seu nome,
 Do Manzanar, do Jordão, do Sena ao Volga,
 Troe, echoando, a maldição dos mortos,
 A' sua gloria fatal sacrificados,
 Nessas scenas de luto e mortandade,
 A que victorias chamava o seu orgulho !

« Que elle veja em tropel agglomerar-se
 Ao derredor de si as suas victimas;
 Que esta turba, evadida dos abysmos,
 Revelando os segredos d'alem tumulto,
 Desfigurada pelo ferro e fogo,
 A suja ossada encontrando nus contra os outros,
 Lhe faça um Josaphat de Santa Helena !

« Seja-lhe a vida uma morte permanente
 Que elle sinta cada dia e á cada hora !
 E humilhado e cheio de remorsos,
 A sua soberba em lagrimas se mude !
 Ignorando quasi a sua gloria,
 E escarnecendo da sua immunidadade,
 Hão-lhe duros cartereiros carregado
 De fria cadeia a essa mão ousada,
 Acostumada a curvar regias cabeças !

« Julgou elle que com sua fortuna,
 Em victorias fecunda, venceria

A nomeada do povo rei do mundo;
 Mas veio Deos e -extinguio-lhe d'um só sopro
 De sua gloria homicida o negro facho,
 Só deixando ao rival da eterna Roma
 O tempo e lugar que ao homem são precisos
 Para deitar-se na sua sepultura.

« Estes mares terão o seo jazigo,
 Ameaçado ja do esquecimento.
 Em San'Diuz debalde mandou elle,
 De antemão, preparar o seo sepulcro,
 De rico marmore e ouro resplendente.
 Não permittio o ceo que reaes sombras,
 Ah! vindo chorar seos infortanios,
 Vissem dormir entre elles descansado
 Do seo tyranno o cadaver insolente ! »

VI.

Como a taça do prazer no fim amarga !
 Como um sonho, á principio deleitoso,
 Ao depois se converte em pesadelo !
 Quando moços, fácilmente confiamos
 Em douradas illusões, que nos fascinão.
 Mas depois, quando a alma ja é farta,
 E chega a idade fatal dos desenganos,
 Suas vistas lançando no passado,
 O homem sente tremer-lhe a consciencia !

Assim, ao passar por pé d'uma montanha,
 Levamos muito tempo a contempla-la,
 Impressionados de ver seos altos pincaros,

Seos bosques, verde manto que lhe pende
Do bronco dorso, e as nuvens que a coroão,
Amontoadas sobre a sua fronte.

Subi e ide la mesmo contempla-la
Nessas zonas aereas. Parecia-vos
Tocar o céo, la chegando, e entre nuvens
Vos achais perdido: tudo transformou-se.
E' um abysmo medonho onde negrejão
Seculares pinheiros, e se cruzão
As torrentes e o fogo dos coriscos !

VII.

Tal é a gloria: á principio um bello prisma,
Ao depois um espelho expiatorio,
Aonde a purpura em sangue se converte !
Primeiramente, dispondo, como um arbitro,
Dos destinos do mundo, e leis dictando,
Pelo direito da espada, tambem teve
Ao depois de ser vencido e humilhado.
Duas epochas off'rece a sua vida:
N'uma elle ideiava os seos triumphos,
N'outra nos seos revezes só pensava.

Na Corsega, em Santa Helena, ainda hoje,
Nas invernosas noites, o barqueiro,
Quando alguma exhalação atmospherica
Vê brilhar sobre a ponta de um rochedo,
O tristonho capitão se lhe figura,
Imovel, braços cruzados, projectando
A sua classica sombra pelas ondas;

É diz que, por final contentamento,
 Elle vem reinar no meio da procella,
 Como outr'ora reinava nos combates.

Se elle perdeu um imperio, duas patrias
 Lhe ficarão, que o seo nome esclarece
 E igualmente deslustra,—duas ilhas:
 Uma nos mares de Vasco, outra d'Annibal;
 E deste sec'lo attestando a maravilha,
 Jamais será o seo nome proferido,
 Sem que retumbe n'um e n'outro polo!

Assim, quando uma bomba assoladora,
 Inflammada, descreve a sua curva
 Em ceo negro, por cima se balança
 Dos muros assustados, que a espreitão;
 Depois, como um abutre carniceiro,
 De agudas garras, de cabeça implume,
 Que fere, ao pousar, a terra com as azas,
 Cabe, e com um estrondo que ensurdece,
 Varre e descalça a área das cidades;

Muito tempo depois da sua queda,
 Vê-se ainda fumegar a bocca negra,
 Sonora e larga do morteiro, d'onde
 Subio, para cair, o globo ferreo,
 E o lugar onde a bomba arrebentando,
 S'extinguio vomitando o incendio e a morte!

O LACRYMARUM FONSI

Eu amo as lagrimas porque só exprimem
Sentimentos que vão do coração,
Porque não mentem, como mente o riso,
Que muitas vezes occulta uma traição.

Eu amo as lagrimas porque só as verte
Uma alma sensitiva e generosa,
Que soffre e chora, n'um canto, solitaria,
E guarda comsigo a dor, silenciosa.

Eu amo as lagrimas porque ellas correm
De uma fonte que o mundo não corrompe;
Santa pia em que a alma se baptisa,
Quando o mundo a ventura lh'interrompe.

Eu amo as lagrimas porque ellas dizem
Que carece de consolo o que as derrama.
Quem, ao vê-las correr, se não commove
E' um reprobó a quem o ceo desama.

Eu amo as lagrimas porque ellas guião
Ás regiões da bemaventurança,
Como outr'ora a çontrita Magdalena,
Que só nellas fundou sua esperança.

Eu amo as lagrimas porque Deos amou-as,
Quando andou entre os homens peregrino:

Nunca vio um afflicto, que com elle
 Não repartisse o seo amor divino.

Eu amo as lagrimas porque não as tenho;
 A natureza avara m'as negou!
 Que, inspirando-me dellas sede ardente,
 Por inimiga, a fonte me seccou.

SUAVES MISCETIS ODORES.

Voluptuosas flores, meos enlevos,
 Inundai-me d'effluvios os sentidos;
 Remoçai-me o coração, nelle avivando
 As illusões e o amor, amortecidos!

Candidas filhas do ceo, copias divinas,
 Sois mais bellas que as vírgens dos humanos;
 Estas deixão no fim dos seos deleites
 Saciedade e tristes desenganos.

E vós, celestes imagens da pureza,
 O desejo qu'inspirais não degenera:
 O veneno do goso o não corrompe;
 E' um fogo de vestal, que não se altera.

Tudo á vós se associa, ó meos amores,
 Quanto ha de mais bello e agradável;

E desta doce attracção é só a causa
Essa vossa belleza incomparavel.

A madrugada verte suas perolas
Nos castos seios qu'expandis medrosas;
Os favonios, brincando, se perfumão
Nas delicadas petalas cheirosas.

Não se fartão de adejar as borboletas
Onde flores nas hastes se balançãõ,
Ora nesta pousando, ora naquella;
E neste enleio suave jamais cançãõ.

E' do nectar das flores que se nutre
O cambiante colibri mimoso;
E' tambem dellas que as abelhas fazem
O seo grato manjar delicioso.

Dellas tecem-se c'roas e grinaldas,
Que leva a noiva ás aras do hymeneo,
E a virgem que deixou as falsas glorias
Da terra, que trocou pelas do ceo.

Não ha moça que ás flores não recorra,
Quando quer parecer bella e louçan;
E se assim enfeitadas se apresentãõ,
São quaes rosas ao sopro da manhan.

De que estranhas delicias nos repassa
O ineffavel extasis divino.

Que o perfume das flores nos suscita
A' maviosa impressão de um sacro hymno.

E' ainda das flores a fragrancia
Que refrea as illusões, que o goso excita,
Creando um mundo ideal de phantasias,
Nos deslumbrantes salões que a dança agita.

São as flores que prestão aos amantes
Essa mnda linguagem qu'elles fallão;
Por ellas doces segredos se transmittem,
Que o coração occulta, os labios calão

Voluptuosas flores, meos enlevos,
Inundai-me d'effluvios os sentidos;
Remoçai-me o coração, nelle avivando
As illusões e o amor, amortecidos !

7. DIAS CARNEIRO.

PELO ITAPICURU'.

A tarde era bella;—sopravam macias
As brisas;—tardias
Rolavam-se as nuvens do espaço no azul.
As sombras cahiam do outeiro visinho;—
Ninguem no camiuhó;—
O rio sosinho;—
A margem de areia;—o chão sem paul.

As folhas se agitam;—o remo estridente
Fere a agua dormente
Eis passa uma barca ligeira a correr.
As vezes um surdo gemido se ouvia;
A quilha tremia;
A areia rangia
E a barca cingrava sem nunca empecer.

As aves já dormem; o som que rebentã
 E' voz somnolenta
 D'algun passarinho desperto ao remar:
 As garças somente se encolhem de frio
 A' beira do rio,
 Fitando o sombrio
 Silencio das aguas no lento escoar.

Seus galhos pendentés a velha engaranna
 Balança de ufana
 Ao sopro dos ventos—ao fresco do val:
 E os ramos mais fortes nos troncos ferrados,
 Gemendo curvados,
 Os fructos pesados
 Atufam nas ondas do puro cristal.

E a barca passava.—O sol no horizonte
 Por cima do monte
 Sens ultimos raios a pouco vibrou:
 E a tarde mais bella nos ares se arreia
 Do brilho que a teia
 Das nuvens roseia
 Nas orlas do espaço que o sol despresou.

Silencio ! escutemos,—ás prestes arfagens
 Da barca,—ás aragens,—
 Aos silvos das garças que espanta o rumor,—
 Aos remos que espumam entôa orgulhoso
 Seu canto amoroso,
 Vulgar, mas saudoso,
 Dos rudes barqueiros um bom trovador.

Já vejo as altas palmeiras
Dos bosques da minha terra;
Meus barqueiros, cerra ! cerra !
Té chegar no meu sertão:
Tenho saudade das noites
Que só goza o sertanejo,
Ha bem tempo que não vejo
Desafio no serão.

Quero ver de novo as varzeas
Onde pasta o hizerrinho,
Onde occulto no caminho
Canta á noite o jacamim:
Quero gozar essas brisas,
Que passam sobre a lagoa
Pelas margens, que povoa
Sem cultura alvo jasmim.

Quero ver pelas montanhas
O lento pingar do orvalho,
Se embebendo no cascalho
Como nos seios de irman—
E as flores alem nos valles
Mais perfumes exhalando
Nas azas da aragem—quando
Das nuvens desce a manhan:

Quero ouvir tambem á tarde
Quando o silencio penetra
A doce voz que interpreta
Dos bosques o encanto e a dor:

Quero ver do alto rochedo
 No horisonte de palmeiras
 De palhas por entre esteiras
 O sol rodando ao se pôr.

Tenho saudades das festas,
 Que fazem na minha terra,
 Onde a viola na serra
 Seus harpejos vae soar:
 Quando a lua côm de prata,
 Nos serões da cercania,
 Correm versos á porfia
 Como as ondas sobre o mar;

—Onde a bella sertaneja,
 Vergonhosa e feiticêira,
 Pucha a dança por fieira,
 Como aqui não sabem, não:
 E lançam meigos, serenos,
 Seus olhos tão indolentes,
 Que de amores innocentes
 Fallam vivo ao coração.

Já sinto meu peito alegre
 Mais folgado nestes ares,
 Este ceo longe dos mares
 E' mais terno e varonil:
 Por aqui já se respira
 O agreste aroma das flores,
 Que matisam de mil cores
 Os campos no mez de abril.

O viço deste arvoredó,
 O cahir destas folhagens
 E o rumor destas aragens,
 De flores tocando o chão,
 Tudo isto é já sertanejo,
 Mens barqueiros, cerra! cerra!
 Té chegar na minha terra
 Que eu só vivo no sertão.

O verso e a harmonia que cantam da prôa
 Se espalham,—e soa
 Nos echos dos montes um cantico igual.
 E a barca ligeira que increspa a corrente,
 No canto indolente
 Descuida-se a gente
 E a barca se enlaça n'um cru cipóal.

E logo revolta no leito do rio.
 Como um corropio.
 Deslisa ao declive das aguas á foz:
 Mas subito estaca, que as varas se curvam,
 As ondas se turvam,
 Intensam-se, incurvam,
 E estalam-se os nervos dos rijos cipós.

E a barca passava;—n'aerea penugem—
 De limpida nuvem
 Prateiam-se os limbos de magica luz;
 No frouxo ambiente destouca-se a lua,
 A nuvem recua
 E o espaço tressua
 Dos vagos incantos que a lua conduz.

E os ares condensam-se; e a noite trescala,
 E a vida se exhala
 Nos doces effluvios dos astros do céo:
 E a barca no rio c'ò a lua parece
 Aranha que esquece
 O fio que tece
 N'argentea brancura de tremulo véo.

E os remos batendo coacham certos
 Quaes passos matreiros
 Das antas nas folhas, que o sol derrubou.
 E ao fresco da noite, que espessa cahia,
 A barca corria,
 Arfava, estendia
 Sumindo-se ao longo do rio... e chegou.

PERDOAE-LHE, SENHOR.

Ella era um anjo que perdeu seu trilho,
 Esqueceu-se do céo, crendo no brilho
 Que a gente faz cegar.
 Dae-lhe, Senhor, um riso por piedade
 Ao anjo, que no charco da vaidade
 Deixou-se enxafurdar.

Antes ver dos mendigos o supplicio,
 Que—puros pela dor do sacrificio—
 A miseria os matou:

Ella—mais infeliz que o vagabundo,
 As brancas vestes no paul do mundo
 Sorrindo mareou.

O peito da mulher é como a tela,
 Toma as cores da mão que imprime nella,
 Quer tintas, quer amor:
 Se este é nobre, é d'um anjo a imagem sua,
 Se o homem que ella adora a disvirtua,
 Perdoae-lhe, Senhor.

Perdoae-lhe, Senhor, se a tua essencia,
 Envolvida na argilla,—da innocencia
 Perdeu a lucidez:
 A flor do valle no bater do vento
 Tambem cahê murcha, por faltar alento
 A' fragil candidez.

Ella, coitada!—procurava amores,
 Como a abelha procura o mel nas flores
 Ao raiar da manhan:
 Se fel esta encontrou, veneno aquella,
 Não lhe enculpem o erro—sua estrella
 E' viver neste afan.

A garça as vezes passa sobre o lodo,
 Mas não pode uma só nodoa de todo
 Ficar n'aza de brim:
 Nelle porem a virgem fica impura;
 Senhor, porque fizestes a brancura
 Das azas do anjo assim?

E' triste ver-se o pallido vestigio
 Que recorda um angelico prestigio
 Na virgem que o perdeu:
 Pois quantas vezes sem perfume a rosa,
 Entre as cores dos petalos formosa,
 Lastima o fado seu?!

Ella era um anjo que perdeu seu trilha,
 Esqueceu-se do ceo, crendo no brilho
 Que a gente faz cegar:
 Dae-lhe, Senhor um riso por piedade
 Ao anjo, que no charco da vaidade
 Deixou-se enxafurdar.

Á UM RETRATO.

19:

La ho vedutta, o Lorenzo,
 la—divina fanciulla!
 U. FOSCOLO.

A tinta do pintor por sobre a tela
 Um retrato estampou;
 O rosto é bello e a formosura é *della*
 E tudo que o pintor deixou na tela
 Parece que animou.

Nelle um sorriso pula da innocencia,
 Travesso a mais não ser:

Oh ! que riso imprudente !—e esta imprudencia,
 A não ser privilegio da innocencia
 Far-me-hia endoidecer.

Mas não,—ella é ainda tão creança
 Para inspirar amor !
 E assim mesmo um cortejo de esperanza
 Faz-me gerar na mente esta criança,
 Mau grado ao pensador.

Procuro me entender na luz dormente,
 Que o ultimo olhar soltou,
 E nada posso ver senão que ausente
 Não suspira, nem geme a alma dormente,
 Que o retrato imitou.

E fica nisto o goso da pintura;
 E onde o corpo está ?
 Ai ! bem longe de mim todo se apura
 Em ser muito mais bello que a pintura,
 Que comigo andará.

Mas não importa; eu saberei dar vida,
 Dar-lhe corpo e expressão:
 E a pintura será tão parecida,
 Que cresça como a virgem—tenha vida,
 E mais—um coração.

Hade gemer e suspirar de amores,
 —A copia e nada mais—

Ha de queimar por mim insenso e odores,
 Que tornarão felizes meus amores
 De invejar aos mortaes.

Á—

Teus olhos brilhantes
 Me cegam de luz:
 São vivos diamantes
 De raios cingidos,
 Da noite embutidos
 Em dois cilios,—nús.
 Teus olhos que agitam,
 Que queimam se fitam,
 Teus olhos brilhantes
 Me cegam de luz.

Mas ai ! não pudessem
 Teus olhos ser taes !
 Que morte elles dessem,
 Não fogo e martyrio
 Da mente ao delirio,
 Do peito a meus ais !
 Se nunca elles matam,
 Mas se alma arrebatam,
 Ai ! nunca pudessem
 Teus olhos ser taes !

Teu corpo fluctua
 Qual concha no mar,—
 Mas doce que a lua,
 Mais frõnxo que a espuma,
 Mais tenue que a pluma
 Nos braços do ar:
 Se a dança os vestidos
 Te agita,—aos sentidos
 Teu corpo fluctua
 Qual concha no mar.

Mas ai ! nunca eu visse
 Como és tão gentil !
 Que nunca sentisse
 Teu corpo engraçado
 Voar balançado
 Na dança subtil !
 Se roe-me o desejo
 De ver-te e não vejo,
 Ah ! nunca te visse
 Como és tão gentil.

Teus seios me turvam
 A vista e a rasão:—
 Nas roupas se curvam
 Tão presos, tão vivos...
 Oh ! doces captivos,
 Quebrae tal prisão
 E inquietos, travessos,
 Do collo nos gessos,
 Teus seios me turvam
 A vista e a rasão.

E Deus faz na terra
Mulheres assim !
E quando o homem erra,
Perdido de amores,
Será, meus senhores,
Um doido por fim ?
Se o peito suspira,
Se a mente d'clira,
Se Deus faz na terra
Mulheres assim ?

F. VIEIRA DE SOUSA.

SEU NOME.

Seu nome é unguido do perfume e aroma
De maga flor do cco, que Deus cultiva.
E' bello como a lua quando assoma,
Como uma virgem meiga e pensativa.

E' doce como o nectar e ambrosia,
Como um canto de amor de amante virgem,
Como de eolia harpa a melodia,
Como um beijo que escalda e dá vertigem.

Como a luz da manhan que á terra desce,
Como um raio d'esp'rança na agonia.
E' nome, que meu peito alenta e aquece,
E que murmuro a sós, o de Maria.

AINDA A TI.

Murmura muito embora a sós contigo
 Palavras de desdem, de maldicção !
 Tua sombra sou eu; teus passos sigo;
 Sou teu phantasma; não me escapas, não !

Hei de gelar-te nos labios o sorriso,
 Quando alegre estiveres no festim.
 O mundo não será teu paraíso,
 Tendo sido um inferno para mim !

Plantaste a dor no fundo de minh'alma;
 Mordeste um coração, que só te amou !
 Vingaste-te; pois bem; porem a palma,
 A palma do triumpho quem ganhou ?

Oh, não, não és feliz; consulta agora
 O sincero sentir do coração!
 Soffre, louca, essa dor que te devora;
 Soffre; eu não soffro, não !

O PASSEIO.

Que noite aquella !
 PALMEIRIM.

Não foi nos campos, onde a vida corre
 Placida, longe do rumor do mundo,

Onde um suspiro, que nos lábios morre,
Traz o segredo de um amor profundo.

Onde o arroio de christal deslisa
Por entre o aroma de mimosas flores;
Onde parece que a formosa lua
Respira e sente, como nós, amores !

Não foi nas praias onde as brandas vagas
Vem á tardinha soluçar, gemer;
Onde os amantes com o sorrir nos lábios
Sonham venturas de um feliz viver.

Onde a donzella, que só pensa e scisma
Em aureos sonhos, que os amores tem,
Meiga suspira e arroubada escuta
Canções do nauta, que do mar lhe vem.

Não; essa noite em que eu feliz sentia
Sobre o meu braço tua mão pender,
Entre os ruidos d'este mundo louco
Serena vimo-la perpassar, correr !

E no bulicio d'este mundo frivolo,
Entre essa turba sempre louca e van,
Eu recolhia tuas phrases soltas
No imo peito com fervor e afan !

Que de venturas em aspirar teu habito;
Fixar teus olhos que o pudor baixava !

Manso, bem manso te batia o seio,
Que eu em delyrio contra o meu chegava.

E a voz tão fresca e argentina e pura,
Que me parece estar ouvindo ainda !
Se n'este mundo já gozei venturas,
Foi n'essa noite, n'essa noite linda.

Em puro extasi minha voz tremia,
Talvez te lembres, descorado estava !
Tudo o que eu via era só pompa e risos,
Tudo de amores e praser fallava !

Que noite linda, que luar formoso !
Meu peito ardente de praser tremia !
De tuas tranças aspirava o aroma,
Sobre o meu braço tua mão pendia.

E no bulicio d'este mundo frivolo
Serena vimo-la perpassar, correr
A noite linda que me deu praseres,
Sonhos, venturas de um feliz viver !

VELHOS AMORES; NOVOS AMORES.

Os meus velhos amores se finaram
Como as rosas que o hynverno desfolhou.

Foram sonhos da noite, veio a aurora,
Que d'esses loucos sonhos me livrou !

A aurora foi um rir dos labios d'ella,
Foi um olhar dos seus que me encantou !
Foi o rosto divino d'esse archanjo,
Que de um beijo do Eterno se formou.

A aurora foi seu collo puro e bello
Qual do marmor jamais cinzel tirou.
A aurora foi seu porte magestoso
Qual poeta jamais, nunca sonhou !

A aurora foi o aroma d'essas tranças,
Que nas azas da brisa a mim chegon.
Foi um meigo suspiro, que do seio
Sosinha e pensativa ella exhalou !

A aurora que p'ra mim surgiu brilhante,
Qual nunca n'esta vida alguém gosou,
Foi o ledo momento em que eu a vendo
De contente meu peito palpitou !

Então eu conheci que revivia,
Meu peito até então jamais amou !
Os meus velhos amores eram sonhos,
Que a luz dos olhos d'ella dissipou !

F. FRANCO DE SA'.

INNOCENCIA E AMOR.

Ah ! se ao menos eu pudesse,
Dizer-te quanto padece,
Minha alma dès que te vi!
Pois nem suspeitas ainda,
O' minha bella Lucinda,
O que hei soffrido por ti!

A tua alminha innocente,
A teus paes ama somente,
E nem conhece outro amar:
Co'a mente iuda erma de amores,
Só vives de luz e flores,
Sabes só rir e brincar !

Se meus olhos amorosos,
Os teus encontram formosos

Inda não sabes corar,
 Não sentes ainda a chamma,
 Que no peito nos derrama,
 Um terno, dormente olhar !

Tua mimosa mãosinha,
 No aperto não sente a minha,
 Em convulsivo tremer;
 Nem vês um ai delirante,
 Que vem do peito arquejante,
 A' flor dos labios morrer !

Oh ! quem me dera a innocencia
 Dessa limpida existencia,
 Desse virgem coração,
 Em vez de longo martyrio,
 Dessas horas de delirio,
 De loucura, de paixão !

Tu que hoje, minha Lucinda,
 Vives alegre, e tão linda,
 Innocente como a flor,
 Ai ! cedo talvez ja cores,
 E tristes lagrimas chores,
 Por ja sentires amor !

Nessa alminha de creança,
 Lucinda, guarda a lembrança,
 De meu terno suspirar;
 E um saudoso pensamento,
 Dá-me si quer um momento,
 Quando souberes amar. —

F. G. F. DE MATTOS.

MEOS ANHELOS.

Se bendigo, mulher, a hora infausta
Em que da vida a luz primeira eu vi,
Se ao duro embate d'uma cruel sorte
Até hoje, mulher, não succumbi,
O devo a ti !

Se presinto glorias n'um porvir remoto,
E vejo estrada nova que não vi,
Se eu aspiro, mulher, do louro as palmas,
E á duras provações não esmoreci,
O devô a ti !

Se morte ingloria receioso temo,
Se á vãos perigos sempre me sorrí,
E' p'ra dizer-te no momento extremo
Vivi ! em vão luctei, morro por ti !

F. S. DOS REIS, JUNIOR.



A VIRGEM DO MEU AMOR.

Quer esteja acordado, dormindo ou sonhando
A mente me embala bem doce illusão:
Dormindo, desperto; sonhando estremeço;
E sinto, acordado, fagueira emoção.

As vezes vem ella com as tranças caídas,
Bem meiga tristesa trazendo na face,
Nos olhos brilhantes, agora tão languês
Que dão a seo rosto mais bello realce;

E eu louco de amores, em fogo me abraso,
E fico agitado com a linda visão. . . .
Se durmo, desperto; se sonho estremeço,
E sinto, acordado, fagueira emoção.

Se a vejo touçada, com os olhos brilhando
Trazendo nos lábios um ledo sorrir,
Que o brilho do dia bem claro, bem limpo,
Que o brilho da flor costuma encobrir;

Eu, louco de amores, me prostro humilhado,
Beijando-lhe as roupas com terna paixão,
Se durmo desperto, se sonho estremeço
Mas vejo acordado que é tudo illusão.

G. H. DE ALMEIDA BRAGA



SEU NOME.

Nomen ant numen.

Brilha no ceo a diamantina estrella,
Resplendente de luz e de harmonia,
Quando em silencio a natureza inteira
Descansa antes que venha a luz do dia.
E' puro o seu fulgor, doce a belleza
Do astro, que derrama a luz divina;
Porem, mais doce e de maior pureza
E' teu nome, Idalina.

Passa no lago a sussurrante aragem,
Beijando no passar de manso as flores.
Vai deixando após si no campo aereo
Terna canção de mysticos amores.

E' suave a canção, jasmineo o aroma,
 Que se exhala da brisa matutina;
 Mais suave, porem, mais delicado
 E' teu nome, Idalina.

E quando a virgem no sonhar mimoso
 Julga escutar do amor as melodias,
 Um suspiro desponta bem mavioso
 A' flor dos labios seus entre alegrias.
 Arfa-lhe o peito, que o pudor enfeita,
 Langue suspira a candida menina . . .
 E' bello o suspirar! mais casto e bello
 E' teu nome, Idalina.

O sorriso do infante, que desperta
 Aos carinhos de irman meiga, extremosa,
 Reflecte o mimo do sorrir dos anjos,
 Imita o pejo de encarnada rosa.
 E' placido o sorrir, puro e contente;
 E' singella a expressão que o illumina;
 Mais singello, porem, mais innocente
 E' teu nome, Idalina.

E da estrella o fulgor, da brisa o aroma,
 O suspiro da virgem que sonhára,
 O sorriso infantil, que mal desponta
 Nos encanta o viver, que um riso aclara;
 Nada me alegra, nem me dá consolo,
 Nada desperta-me a illusão divina,
 Nada é mais puro, nem mais meigo e bello
 Que o teu nome, Idalina.

O ORVALHO.

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
Da planta, do arbusto, que surge do chão,
Reunem-se as gottas do orvalho nitentes,
Tombadas á noite da aerea soidão.

Proviudas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Descansam nas flores, ás folhas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino
O tremulo, incerto, brilhante luzir,
Não tem mor belleza, fulgor mais divino,
Nem pode mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutila no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do ceo,
Beijando estas gottas co'um beijo inflammado,
Desfaz taes prodigios nos beijos, que deu.

Quem foi que as verte'a, quem foi que as chorara,
Quem, limpido orvalho, do ceo vos lançou ?
Quem poz sobre a terra belleza tão rara ?
Quem foi que nos ares o orvalho formou ?

Dos anjos, que ontr'ora baixaram da esfera,
Morada longinqua dos anjos de Deus,

São prantos o orvalho, que amor os vertera,
Depois que perdidos volveram-se aos ceos.

Baixados á terra, sedentos de amores,
Gozaram delicias de um breve durar.
Depois em lembrança dos tempos melhores
Os anjos á noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino christal;
Procura das flores o calix querido,
Recae sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sozinhos vagueiam no espaço,
Buscando as imagens, que o ceo lhes roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz, que dos labios lhes sae suspirante,
Semelha um queixume pungente de dor.
E o ar, que circula girando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
Pezares tão fundos são todos em vão.
Ninguem os escuta; carpidos ou queixas
Vai tudo sumido na etherea soidão.

E os anjos, que outr'ora viveram de amores,
Gozaram delicias de extremos sem par,

Saudosos relembram seus tempos melhores
E tem por consolo seu triste chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino christal;
Procura das flores o calix querido,
Recae sobre as plantas do monte ou do val.

AMOR E CRENÇA.

(A Pedro de Calasans.)

Surge et ambula.

Inclina-te, oh minha alma ! o sol resplende
De meus annos no albor, banhado em luz !
Ante o sol do viver quem se não rende ?
Quem não se inclina como aos pés da Cruz ?
Formoso appareceu; solemne e bello
Perante os olhos meus elle raiou.
Surge, oh minh'alma ! ao contempla-lo, ao vê-lo
Sorriu meu coração, ledo cantou.

Se immerso em trevas, se em tristeza involto,
Mandei da vida ao hymno um triste adeus,
Hoje, sol do viver, a ti me volto,
Erguendo em teu louvor os versos meus.

Inclina-te, oh minh'alma! o sol resplende
 Por entre as nuvens de azulado ceo.
 Nasceu, surgiu, brilhou; a luz desprende
 Por sobre as franjas de encarnado veo.

Como enfermo seuil que a luz do dia,
 Encerrado a penar, passou sem ver;
 Que depois da afflicção volta á alegria,
 Vendo alem no levante o sol nascer,
 Eu, que da vida a luz perdido houvera,
 Fugindo ao teu poder, candido amor,
 De novo á luz me volto, e como a hera
 Comtigo me abracei, querida flor!

Se eu pude, insano, desfazer os elos,
 Que prendiam minh'alma ao teu viver;
 Se do amor duvidei e os meus anhelos
 Quizeram sobre o nada o nada erguer;
 Se da pura affecção ri-me zombando,
 Se um sepulchro ao pudor fundo cavei,
 Louco pensava quando ri-me, quando
 Pureza ao divo amor, impio, neguei.

Tu, que em meu peito despertaste a chamma
 Do casto e puro amor, que em mim nasceu;
 Tu, cujo olhar de candidez se inflamma,
 Quando o volves da terra para o ceo;
 Tu, que tens o sorrir meigo da infancia,
 Que és anjo n'alma, que és mulher na voz,
 Que deixas no passar leve fragrancia,
 Como o sylpho a correr ledo e veloz;

Tu, cuja fronte a timidez corôa,
 Que em sonhos vives de innocente amor;
 Tu, meu anjo-mulher, que sempre bôa
 Deste ao meu coração vida e calor;
 Tu, que me ouviste as doloridas queixas,
 Os suspiros da angustia, ais da afflicção,
 Ouve o crente fervor d'estas endeixas,
 Dá, meu anjo-mulher, dá-me o perdão.

Outr'ora disse Deus: surge e caminha—
 Ao pobre, que da vida a luz perdeu.
 Ei-lo, o Lazaro morto, ei-lo que aziinha
 Do sepulchro com vida então se ergueu.
 Tu como Christo para mim volveste
 A meiga voz, o compassivo olhar.
 Crença firme no amor, vida me deste
 E os puros gozos de innocente amar.

Deste á minh'alma, que era então descrida,
 O lume sancto da robusta fé,
 Deste ao meu coração alento e vida;
 Fizeste-me surgir: eis-me de pé!
 Amo a voz que me diz: surge e caminha,
 Volta ao meigo brilhar das illusões;
 Ama, canta e sorri, pobre avésinha,
 Seja Deus teu amor, prece as canções.

Minh'harpa concertei, que era quebrada,
 E aos rudes cantos seus a voz cazei.
 Sincero o canto foi, mas se afinada
 Foi tambem a canção, anjo, não sei.

Dizer-te apenas posso que o meu verso
 Foi transumpto fiel do meu sentir,
 Involto em crença e o meu amor immerso
 N'elle fez-se escutar e fez-se ouvir.

Cantei-o á briza, que voando passa,
 Beijando as flores, enrugando o mar,
 A' fugitiva abelha, que esvoaça,
 E ao velho, que se curva á luz do altar.
 Cantei-o á virgem, que de noite sonha
 Meigas, lindas vizões, casos de amor.
 Cantei-o a ti, cantei, virgem risonha,
 Cantei-o a ti, meu Deus, meu Creator.

CANTICO.

« Deus Senhor deu fulgor ás estrellas,
 Deu ás nuvens o leito do espaço,
 Deu ao filho o materno regaço,
 Onde incauto pode elle dormir.
 Deu sorriso e pudor ás donzellas,
 Cheiro á flor, que no prado germina,
 Deu á lua, que a noite illumina,
 Brilho fôscio de meigo luzir.

No levante poz Deus a alvorada,
 Que do mundo a tristeza-desterra,
 E no fundo ou do mar ou da terra
 Poz thesouros de immenso valor.

Deu frescor á gentil madrugada,
 Deu ás aves sentido gorgocio,
 Poz o lago dos campos no meio,
 Poz no sol um brilhante splendor.

Ao romeiro, que exausto caminha,
 Já curvado ao cansaço da vida,
 Deu-lhe Deus a deserta guarida
 Nos extremos de extenso areial.
 A' gazella, que errante e sozinha
 Foge e corre ao perigo imminente,
 Deu-lhe Deus a caverna latente
 Entre as ervas do monte ou do val.

Dêus Senhor ás abelhas deu flores,
 Com que formam da vida o sustento;
 Deu ao triste o saudoso lamento,
 Que mitiga seu duro penar.
 Deu mil varias, gentis, vivas cores
 A' fugaz borboleta, que errante
 Bate as azas no vôo inconstante,
 Foge e corre, brincando no ar.

Deu á fonte que a sede minora
 Ao tapyr, que um regato buscára;
 Deu ao velho, que a fronte curvára,
 Crença viva de eterno viver.
 Deu ao pobre, que allivio lhe implora,
 O pão negro da triste indigencia,
 Deu aos anjos snave clemencia,
 Juncto á dor poz contente o prazer.

Deus Senhor deu á virgem formosa
 O sorrir de innocente alegria,
 Deu á voz a celeste harmonia
 Transportada de um mundo melhor.
 Mas ao bardo, que a medo nem ousa
 Procurar uma palma de gloria,
 Deu-lhe Deus o laurel da victoria,
 Deu-lhe o goso de um candido amor.

Gloria a Deus, que do vate o destino
 Aromou de sorrisos e flores,
 Que do mel dos seus puros amores
 Deu-lhe o saibo em brilhante christal.
 Gloria a Deus, que attendera ao seu hymno,
 Que lhe ouvira o queixume da prece;
 Gloria a Deus! seu poder apparece
 Entre os risos de amor paternal.

O SALGUEIRO DE SANCTA-HELENA.

(Trad. de José Mery.)

Em solitaria ilha bem distante
 Do Sena, seus amores,
 Dorme o somno da morte o genio altivo
 Da guerra e dos horrores.

Morto, bem morto está; mas sempre vivo
 Na popular lembrança
 Será o heroe da França.

Ao murmurio da fonte cristallina,
 Que alli corre e serpeia,
 Aos sonidos das ondas e do vento
 Em constante lamento
 Descansa o vencedor d'Africa e Europa,
 Morto e bem morto em terra tão remota.

Da campa, que o protege, o guarda e esconde,
 O marmore cobrindo,
 Um salgueiro, que alli cresce e vegeta,
 Ora os ramos levanta, ora os abaixa
 Sobre o heroe, que descansa em terra imiga,
 Apoz tanto vencer, tanta fadiga;
 E nas plagas ignotas
 Espalha as folhas soltas
 Como se foram lagrimas de amigo,
 Choradas sobre as lettras de um jazigo.

E em baixo d'arvor, que fluctua e treme,
 E em cujos ramos um funereo passaro
 Procura sempre o pouso
 Elle dorme, o heroe, dorme em repouso,
 Como na tenda do arraial guerreiro,
 Nas vesperas de um combate derradeiro.

Quando, porem, dos ares onde paira
 Desce a aguia veloz e rouco trôa

O medonho trovão pelas gargantas
 Do valle ou cimo de escabrosos montes,
 Parece que elle, o heroe, co'a bocca em chammas
 Do frio leito sahirá raivoso,
 Acceso em furia insana,
 A dar batalha á morte, tão tyranna.

Do cimo da collina vê-se á tarde
 Sobre o triste moimento
 Baixar os ramos o salgueiro funebre
 Como se fosse o amante;
 Que o quizesse abraçar n'aquelle instante.
 Ouve-se então a dolorida queixa,
 Que elle, o salgueiro, entôa
 Para servir de consolo ao longo tedio,
 Que ao heroe sotterrado
 Por irrisão da sorte ha sido dado.
 Semelha a queixa uma elegia ignota,
 Que sobre a pedra nua
 Cai co'o murmuro das pesadas noites,
 Ou co'o baço clarão, fraco da lua.

Para contar ao heroe, que alli descansa,
 Os nobres feitos do seu grande Imperio
 E memorar-lhe as glorias
 Resta o salgueiro solitario e triste.
 Que dos seus cortezãos é hoje o unico,
 Que inda ao tempo resiste.
 De tantas corôas, festivaes grinaldas,
 Que ornaram a fronte altiva
 Do Corso denodado,

Hoje o que resta ? sobre a pedra dura
 Resta o salgueiro de folhage escura.
 Em bem, deixou-lhe o tempo
 Um arco triumphal, não de granito
 Ou marmor portentoso,
 Que fôra mais custoso,
 Porem, menos solemne e menos nobre
 Do que aquelle, que sua lousa encobre.

Quando por caso ao solitario sitio
 Dos navios de França os marinheiros
 A visita-lo chegam,
 Colhem co'a fronte descoberta os ramos
 Do salgueiro chorão, que alli fluctua.
 E então mais crentes no poder dos astros
 Desfraldam velas á marinha brisa,
 Certos que em breve ao desejado porto.
 Serão salvos chegados.
 E' fama ou preconceito,
 Que as sanctas folhas do salgueiro escuro
 Tornam feliz o barco em que levadas
 São as longinquas plagas.

J. D. LISBOA SERRA.

AO CORRER DAS LAGRIMAS.

Borbulhai, doces lagrimas; cahi-me
Por sobre as murchas faces desbotadas
Pelo afan da saudade;—vinde, amigas,
Vinde abrandar-me com o roçar mavioso
Este febril ardor que as afoguêa.
Assim . . . assim, correi; oh! são mais doces
Os vossos ternos osculos que os beijos
Das formosas Huris; calão-me n'alma
Hum balsamo suavissimo que embebe
As fibras todas do ulcerado peito
E a medulla dos ossos m'estremece.
A terra em que cahis envolve os restos
De dous entes que amei com as forças d'alma;
Regai-a, minhas lagrimas, ditosas

Hide beijar-lhes as lourinhas tranças,
 Ensopar seos ossinhos descarnados
 E sumir-vos emfim nas cinzas d'ambos.
 Oh ! sim hão de esses restos inanidos
 E á toa pelos vermes espalhados
 Sentir doce emoção, ao toque electrico
 Das lagrimas de um Pai hão de vibrar-se,
 E lá no ceo, no côro dos Hoshanas
 Hão de n'esta hora revelar saudades.
 Saudades ? Sim, que em gloria embora envoltos,
 Dos anjos na mansão, juntos do Eterno,
 Já mais olvidarão doces premicias
 Que gozarão na terra, e muitas vezes
 Tantas delicias trocarão gostosos
 Pela terna lembrança do passado
 Os beijos maternaes quem hade dal-os
 Tão suaves no ceo ? que seio d'anjo
 Pode ao seio d'um Pai ser igualado
 Quando entre risos o filhinho estreita
 Em fervoroso amplexo ? e os brincos
 Infantinos do Irmão ? e o doce enlevo
 Dos mimos de uma Irmã ? Oh ! é sublime
 A clemencia de Deos;—aos seos eleitos
 Concede dons sem preço, sem louvores
 Na lingua dos humanos, mas se acaso
 Lhes tirasse a lembrança maviosa
 De quanto n'este mundo mais amarão,
 Se de todo vedasse as esperanças,
 E destruísse os laços que os preudião
 Aos entes que na vida idolatrarão,
 Se um olvido perpetuo oh ! menos bello,
 Menos grande seria o dom celeste ! . . .

Sagradas cinzas, inanidos restos
 Dos filhos que adorei, mimoso simbolo
 De innocencia e de paz; esta capella
 De flores, como vós, puras, singellas,
 Esta capella que ensopou, tecendo,
 De prantos vossa Mãe de dor tranzida,
 Hade em breve murchar; hão-de por terra
 Pelo vento rojadas flores, folhas
 Para sempre perder-se . . . assim tudo
 Nesta vida s'esvae, acaba, esquece ! . . .
 Eterna é só a dor pungente, amarga
 Que n'alma, qual thesouro, preservamos
 Com avaro egoismo.

Vecejai formosissimas,
 Florinhas que plantei junto ao seu tumulo !
 E vós, ó brizas, que acordaes a aurora;
 E vós, ó zephiros, que guiaes a tarde;
 E vós, ó lua, que espargis fulgores
 No silencio da noite, ouvi piedosos
 Meos gemidos sem fim; n'esta erma estancia
 Oh ! não os olvideis, sede-lhes socios,
 Em torno modulai-lhes dulios canticos,
 Consagrai-lhes amor, dizei seos nomes
 Aos echos da soidão.

SUBINDO PELO VOUGA.

Sumiu-se o sol ! E' quasi amortecida
 A muda desmaiada natureza !

E em dormente langor, em paz serena
 Parece mollemente reclinar-se
 Nos torvos braços da calada noite,
 Que de sombras em leito magestoso
 A vae acalentando.

Sumiu-se o sol! E as prateadas nuvens,
 Que sobranceiras podem vel-o ainda
 Perder-se pelo abismo, vão-se orlaudo
 De rica franja, que em matiz mimoso
 As côres d'alma todas tem pintadas
 Na hora da saudade.

O manso gado, que na opposta margem,
 Pascendo ao som de pastoris avenas,
 Gosou do dia fulgidos ardores,
 Ora vadea vagoroso o rio,
 Ou já do aprisco ruminando á porta,
 E do tenro filhinho a tez lambendo,
 Pelo pastor aguarda.

Tudo respira placido socêgo!
 Só ligeiro batel, que vae cortando
 A branda face do crystal lusente
 Ondas formando, que os anneis retratão
 Crespos, mimosos de engraçada coma,
 Com sumido suspiro está turbando
 O silencio geral á hora tão meiga
 E sobre o leito de brilhantes perolas
 Obriga a tremular suavemente
 Os salgueiros da margem.

Co'os olhos fitos no arenoso fundo,
 Rosto sombrio, definhado aspecto,
 No tosco bordo o peito debruçado
 E suspenso no braço a fronte pallida,
 Como quem todo em si embevecido,
 D'angustias soffre dolorosos trances,
 Vae afflicto mancebo.

Debalde intenta procurar nos echos
 Consolo a seus pesares
 Aperta-lhe a garganta atroz cadêa,
 Mais rigida, que o bronze, e lhe suffoca
 A triste voz no peito. . . .

Os olhos estão seccos, nem das palpebras,
 Tumidas com a enchente represada,
 Lhe é dado verter magicas gotas,
 Que molhando-lhe as faces lhe mitiguem
 Os soffrimentos d'alma. . . .

Em vão pretende do anciado peito
 Um suspiro soltar, que amenisando
 D'amargas afflições atro veneno,
 Lhe consinta provar na soledade
 Doce melancholia;
 Sem aos labios chegar seus ais fenecem,
 Ou mais acerbos pelo baldo esforço
 Na fonte, que os verteu, vae intornando
 Requinta das essencias d'amarguras
 De negro fel em bagas.

Quem tantas dores lhe entranhou no seio ?
 Quem lhe gravou no juvenil semblante,
 A macilenta côr, que tinge as faces
 No extremo da agonia ?

Ah! não me illudes, seductor enleio !
 Que traz elle o cuidado em triste ausencia,
 Afogão-lhe o sorrir memorias ternas,
 Disfarçadas co'as vestes da amargura:
 E essa dôr, que lhe corta os seios d'alma,
 E' a dôr da saudade.

DOMINÉ, EXAUDI ORATIONEM MEAM.

Morrer tão moço ainda ! quando apenas
 Começava a pagar á patria amada
 Um escasso tributo, que devia
 A seus doces extremos !

Morrer tendo no peito tanta vida,
 Tanta idéa na mente, tanto sonho,
 Tanto afan de servi-la, caminhando
 Ao futuro com ella !

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,
 Educados por mim, legar-lhe o esforço

Mas ah ! que os deixo, tenras florezinhas,
A' mercê dos tufões.

Vencerão das paixões o insano embate ?
Succumbirão na luta do egoismo ?
As crenças, a virtude, o sentimento
Quem lhes ha de inspirar ?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos
Deste mundo illusorio; mas supplico,
Tempo de vida,—quanto baste apenas
Para educar meus filhos.

E' curto o prazo; dai-me embora o fel
Dos soffrimentos; sorverei contente,
Lucida a mente, macerai-me as carnes,
Estortegai-me o corpo.

E após tranquillo, volverei ao seio
Da eternidade. A fimbria do teu manto,
Face em terra, beijando,—o meu destino
Ouvirei de teus labios.

J. R. JAUFFRET.

EPISODE D'ADAMASTOR.

(Des Lusiades du Camões.)

Nous quittons à jamais ce rivage perfide;
Un vent propice et frais nous emporte et nous guide
Sur ces flots de nul autre, avant nous, entr'ouverts,
Lors qu'un soir, en veillant, nous vîmes dans les airs
Un nuage aux flancs noirs, présage des tempêtes,
Se former, s'élever et croître sur nos têtes.
Bientôt sur tout le ciel règne une affreuse nuit:
Chacun en fut glacé;—au loin grondait le bruit
Des vagues en fureur, dont l'impuissante rage
Paraissait se briser sur un lointain rivage.
« Grand Dieu ! je m'écriai, sur ces bords inconnus,
De quels nouveaux dangers, de quels maux imprévus
Nous menace aujourd'hui ta volonté suprême ?
Je crains plus que l'horreur de la tempête même ! »

A' ces mots, dans les airs, d'un immense géant
 Parut, à nos regards, le corps vaste et puissant:
 Monstre énorme et hideux, dont l'attitude affreuse
 Et la barbe en désordre et la pâleur terreuse
 Ajoutaient à l'horreur de ses yeux courroucés.
 Sur sa tête poudreuse on voit des crins dressés,
 De jaunes dents grinçaient dans sa bouche effroyable;
 Il portait jusqu'aux cieux sa tête redoutable,
 Tel à Rhode autrefois le colosse orgueilleux
 Etonna les humains de son port merveilleux.
 Couvrant le bruit des flots, sa voix résonne et gronde,
 On dirait un écho sorti du sein de l'onde.
 Nous, la terreur dans l'âme, à son horrible aspect,
 Tremblants, nous écoutions sa voix et notre arrêt.
 « Portugais, nous dit-il, dont la valeur surpasse
 Des plus grands des héros le génie et l'audace;
 Vous, que la guerre en feu, et de si grands combats
 N'ont suffi pour dompter et ne rebutent pas;
 Peuple avide de gloire, infatigable, ardent
 C'en est trop; anjour d'hui votre orgueil insolent
 Ose franchir des mers les bornes défendues,
 — Ces mers que je gardais, jusqu'à vous, inconnues !
 Et bravant les dangers, vient surprendre en ces lieux
 Du liquide élément les secrets merveilleux,
 Aux plus grands des mortels voilés par la nature;
 Tremblez ! le sort un jour vengera mon injure !
 Déjà, dans l'avenir, je vois couler le sang,
 La conquête à ce prix dans l'Inde vous attend;
 Et surtout sur les mers, pour punir tant d'audace,
 Apprenez de quels maux le destin vous menace.
 Les fiers aventuriers, qui viendront comme vous,
 Défier de ces mers le terrible courroux,

Entendront en ce lieu, noir séjour des tempêtes,
 Tonner les aquilons déchainés sur leurs têtes,
 Et malheur au premier, dont l'intrepide ardeur
 Exposera sa flotte aux traits de ma fureur,
 Soudain le châtement suivra de près l'offense,
 C'est ainsi que d'un Dieu éclate la vengeance !
 Vous expierez un jour, j'en atteste le cieux,
 De m'avoir découvert le crime audacieux;
 Que dis-je ! exterminés, tous les ans, sur ma plage,
 Vos vaisseaux trouveront la mort et le naufrage;
 Les plus henreux de vous, tet est l'arrêt du sort,
 N'auront d'antre salut que la cruelle mort !
 Envain l'illustre nom d'un fils de la victoire.
 Portera jusqu'aux cieux ses exploits et sa gloire
 En vain du Turc féroce, heureux triomphateur,
 Il aura ceint son front des lauriers du vainqueur;
 Tant d'orgueil (d'un Dieu juste insondable mystère !)
 Trouvera sur mon sol un tombeau solitaire.
 Déjà je vois Mombace à ses maux applaudir,
 Et Quiloa ruinée sourit à l'avenir.
 D'un autre infortuné dirais-je aussi l'histoire ?
 Noble cœur, passioné par l'amour et la gloire,
 Il m'aborde; il emmène en ce triste sejour
 L'amante, à ses desirs accordée par l'amour.
 Malheureux ! du destin le courroux les entraîne
 Sur ma grève sauvage et les livre à ma haine;
 Echappés au naufrage, hélas ! pour le malheur,
 Après mille tourments, ils mourront de douleur.
 Leurs enfants, de l'amour tendre et precieuX gage,
 Mourront de faim près d'eux; et le Cafre sauvage
 De la beauté en pleurs, profanant les appas,
 Osera déponiller ses membres delicats:

Au froid, au feu du ciel exposée sans défense
 La jeune et belle amante, indigne de souffrance,
 Viendra de mes deserts, pour comble de tourment,
 De ses pieds délicats fouler le sable ardent.
 Bien plus,—ceux dont le sort pour surcroît de supplice
 Peut-être épargnera les jours dans son caprice,
 Ne vivront que pour voir le couple infortuné
 Dans le bois triste et sombre, errant●abandonné,
 Parmi de durs rochers que ses pleurs attendrissent;
 Là, les échos déserts de leurs cris retentissent !
 Enfin par la douleur consumés lentement
 Dans les bras l'un de l'autre ils meurent en s'aimant. »
 Ainsi de nos destins, le monstre épouvantable
 Déroulait à nos yeux le tableau déplorable:
 « Geant ! dont m'a surpris l'affreux et vaste corps,
 Qui es-tu ? » m'écriai-je en m'élevant;—alors
 Roulant de sombres yeux qu'enflammait la colère,
 Le monstre, au souvenir poignant de sa misère,
 Fit retentir les cieux d'un cri terrible et fort,
 Puis d'une faible voix qu'il traîne avec effort:
 « Je suis, dit-il enfin, ce grand cap dont le monde
 Ignore, jusqu'à vous la retraite profonde:
 Des tempêtes le nom par vous me fut donné;
 Jamais Pline, Strabon, Mella n'ont soupçonné
 Mon promontoire altier qui vers le sud avance,
 L'Afrique ici termine, ici la mer commence,
 Là le Pole aux mortels cachait son froid séjour,
 Qu'ose affronter ainsi votre audace en ce jour.
 Je fus un des Géants durs enfants de la Terre;
 Nommé Adamastor je pris part à la guerre
 Livrée par eux jadis au souverain des Dieux,
 Qui tient la foudre en main; et tandis que des cieux

Egée, le Centimane et le fier Enclade,
 Entassant mont sur mont préparaient l'escalade,
 Moi seul, au loin, rêvant la conquête des mers,
 Et du vaste Océan parcourant les déserts,
 Du maître du Trident je poursuivais la trace;
 L'amour seul m'inspirait ce dessein plein d'audace !
 Je l'aimais, oh ! Thetys ! pour toi, reine des eaux,
 Je dédaignai du ciel les attraites les plus beaux :
 Au milieu de ses sœurs, un jour sa blanche image
 Toute nue à mes yeux apparut sur la plage,
 Soudain j'en fus épris, — un désir dévorant
 S'alluma dans mon cœur et brule encor mon sang.
 Cependant de mon corps l'effroyable présence
 De lui plaire à jamais m'enlevait l'espérance.
 Dès lors de la ravir méditant le projet
 A Doris alarmée je contai mon secret.
 Doris l'en instruisit; mais, hélas ! la cruelle
 Sourit en l'econtant, à la fois noble et belle
 Puis repoudit: « Eh ! quoi ! l'amour le plus ardent
 D'une Nymphé est-il fait pour celui d'un geant !
 Pourtant le danger presse et la guerre s'apprête,
 S'il le faut, je saurai conjurer la tempête
 Au prix de mon honneur » Je reçus promptement
 Ce message imposteur, et j'y crus aisement;
 Un cœur épris croit tout; et la douce espérance
 De mon bonheur futur m'enivra par avance
 Dès lors j'oubliai tout, la gloire et les combats. . .
 Le jour promis, Téthys aux celestes appas
 Seule au soir m'apparut au rendez-vous fidelle.
 De loin, les bras ouverts, je m'elancai vers elle,
 Brûlant de posséder au gré de mes transports
 Et l'espoir de ma vie et l'âme de mon corps.

Déjà ma bouche en feu dévorait son visage,
 Ses yeux, sa chevelure . . . Oh ! desespoir ! oh ! rage !
 Oh ! souvenir affreux ! Au comble du bonheur
 Je croyais d'embrasser l'objet cher à mon cœur,
 Tout-à-coup je n'ai plus trouvé sur ma poitrine
 Qu'un grand mont couronné par la ronce et l'épine,
 De buissons hérissé ;—dans mon aveuglement
 Je ne pressais, oh ciel ! sur mon sein palpitant
 Qu'un âpre et dur rocher ;—devant lui face à face
 Confus, anéanti je restai sur la place,
 De rage et de douleur frémissant à la fois,
 Comme un roc près d'un autre immobile et sans voix.
 Oh ! toi de l'Océan la Nymphé la plus belle,
 Si ton cœur me vouait une haine éternelle,
 Que ne me laissais-tu ma douce illusion ?
 Ne fut-ce, hélas ! qu'un rêve, un mensonge, un vain nom !
 La rage dans le cœur, honteux, hors de moi-même
 Loin de ces tristes lieux, dans ma douleur extrême,
 Je cherchai d'autres bords, où, de mon deshonneur
 Je fus cacher la honte et pleurer mon malheur.
 Il était temps ;—déjà la colère céleste
 De mes frères vaincus avait dompté le reste ;
 Quelques-uns sous des monts gémissaient enterrés ;
 Le ciel était vainqueur, et les Dieux rassurés ;
 Et moi, pleurant, trop tard, mon aveugle impuissance,
 Las de tant de regrets, de ma vaine insolence,
 Je reçus, à la fin, le digne chatiment.
 Ma chair se change en terre, et durcit lentement,
 En rochers escarpés mes os se convertirent,
 Au loin, couvrant les mers, mes membres s'étendirent,
 Enfin ma vaste masse et mon corps monstrueux
 Furent en ce grand cap transformés par les Dieux ;

Et pour comble de maux, de celle que j'adore
Sans cesse autour de moi, le flot murmure encore !
Il dit;—puis tout-à-coup disparut dans les flots;
Au loin grondaient encor ses horribles sanglots;
La mer en rugissant y répond avec rage,
Et le ciel éclairci chassa l'épais nuage.
« Dieu puissant ! m'écriai-je au ciel levant les mains,
Toi qui nous conduisis en ces climats lointains,
De tant d'affreux malheurs, achevant ton ouvrage,
Détourne loin de nous le funeste présage. »

JOSÉ BERNARDES BELFORT SERRA.

EPICEDIO.

A fama em versos se eterna: suba
Em meus hymnos teu nome á Eternidade.
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO. Oriente.

Viriato, oh Céos ! Viriato já não vive ! . . .
Oh terrível certeza,
E tres vezes que a morte inda mais acre ! . . .
He crível que não fosse
Bastante a desarmar tua crueza
Ó Morte inexorável,
A sua juvenil rara belleza ? . . .

Mal o corpo lhe tóca
Da pállida doença a mão mirrada,
O niveo collo inclina,

Qual a tenra vergonhea em flor cortada;
 Ao vel-o desta sorte,
 C'os lindos olhos já nadando em morte. . . .
 Adeos irmão querido, adeos lhe brada
 Seu consternado irmão, que mal contrasta
 A pena com que luta; elle lhe torna:
 Adeos, qn'eu morro, adeos, não chores, basta,
 Que o pranto he só devido
 A quem vive no vicio submergido.

A nossa terna May, que ver não torno,
 Quando chegues a ver-te nos seus braços;
 Te peço, irmão querido,
 Que dê, entre soluços, mil abraços,
 Em penhor da ternura,
 Que sempre lhe mostrei, singela, e pura;
 Que a sua benção maternal me lance;
 Pois della, mais que nunca, hoje preciso;
 P'ra que gloria maior morrendo alcance,
 Quando chegue a entrar no Paraiso;
 Ai! A nossas irmans dirás, te peço,
 Que de todas saudoso me despeço,
 Para hir gozar no Emyreio
 A c'rôa do martyrio,
 Que com morte tão dura se merece;
 Porem já me falece
 A voz; e no sepulcro já tropeço! . . .

A minha Avó ternissima, mil beijos,
 Já qu'eu dar-lhos não posso,
 Darás, em testemunho dos desejos,
 Que tenho de beijar-lhe a mão piedosa,

Que foi sempre, ai de mim ! na nossa infancia,
 Já por mim, já por ti, tão carinhosa.

A meu Padrinho, dize, idollatrado,
 Que o levo no meu peito retratado,
 Que conserve no seu memorias minhas,
 E meu rosto na mente debuxado;
 Que a sua benção salutar lhe peço,
 Que me conserve o amor que lhe mereço,
 E que a sua carissima consorte
 Tambem lembranças ternas
 Do leito envio funebre da morte.

De todos os parentes
 Me despeço, com lagrimas ardentes.

Em ultimo lugar, irmão querido,
 Ao que vezes nos faz hoje de Pay
 Dirás, que enternecido
 Lhe invio hum terno—adeos—envolto em ais;
 Sê-lhe sempre subjeito,
 E a nossa May não faltes o respeito;
 Mas já, irmão que adoro,
 Eis no marco fatal meo fim terreno !...
 Eis a Morte que assoma;
 E já quasi, que horror !... illacrimavel,
 C'o a mortifera dextra,
 Em seus êrmos vastissimos me afunda;
 Mas surgirei nos astros;
 Para nunca morrer; com riso impune

La zombarei da sorte ! . . .
 Oh fagueira esperança,
 Capaz de amenisar o horror da morte ! . . .
 E tu, não te detenhas, corre, vôa,
 Aos sitios venturosos
 Onde a nossa escoôu ditosa infancia,
 Em brincos de praser, ditosos tempos ! . . .
 Que a memoria me trazem
 (Oh extasi ! Oh relampagos da gloria ! . . .)
 Momentos, qu' ai de mim ! volver não tornão,
 E alli, com voz de pranto interrompida,
 A nossa Mãe refere
 Esta minha saudosa despedida.

E vós, minha Madrinha, amados Tios,
 Lacrimosos parentes, vós que extremos
 De maternal, dulcissima ternura,
 Inda quíz a ventura,
 Que nest' ora fatal me prodigasseis,
 Adeos; não quíz meu fado
 Qu' eu vivesse mais tempo a vosso lado.

Neste ponto expirando
 Aquelle mais que Adonis lindo joven
 Ficou qual branco lyrio, que no campo
 Ao pezo da geada inclina o collo;
 E logo o Côro Angelico, que desce,
 Do seu candido espirito se apossa,
 E qual raio veloz, que os ares trilha,
 Ascende dos Celiculas á gloria,
 Este cantico excelso repetindo:

Astros luzentes
Do Ceo Superno,
Vós, que ab æterno
Lâ scutillâes,

Qual hoje brilha
Est'alma pura,
Na summâ altura
Vós não brilhaes;

Ao vel-a apenas
Porque distante
Luz curuscante
Já não vibrâes ?... .

Oh como a vista
Do Sol a Lua
A vista sua
Vos eclipsâes !... .

Cântico excelso,
Que os Ceos atrõe,
O Côro entõe
Dos immortâes,

E o Ser se exalte,
Que a tudo excede,
Que nos concede
Dous eternâes;

Astros luzentes
Do Ceo Superno,
Vós, que ab æterno
La scintilláes,

Qual hoje brilha
Est'alma pura,
Na summa altura
Vós não brilháes.

Maranhão 20 de Novembro de 1826.

J. PEREIRA DA SILVA.

SONETOS.

De novo esmalte touca-se a campina !
Mais rubicunda assoma a fresca Aurora
Favonio desdenhando a terna Flora,
Suspira junto a candida bonina !

O cadente sabiá no ramo trina
Maxiosa toada encantadora !
A fonte vai correndo mais sonora
Sobre a limpida arêa cristallina !

D'alli vejo de rosas ennastradas
De Ninphas um formoso ajuntamento,
Bailando ao som de modas alternadas !

Dia, que inspira assim contentamento,
 As Musas consagrarão transportadas,
 Mattos, da Prole tua ao nascimento.

Que nuvem d'aurea côr resplandecente,
 As graças transportadas de alegria,
 Baixarão da lustrina moradia,
 Os ares inflamando em chama ardente.

Pousadas no teu lar com gloria ingente,
 Bella Marina, em honra do teu dia,
 Branda canção, que ameiga a tyrania,
 Com jubilo cantarão ternamente:

« Gentil Marina, copia dos amores,
 « Gosa sempre em teus dias da ventura,
 « Deusa inconstante, candidos favores;

« Ah! nunca te perturbe atra amargura,
 « E teu peito, que tem adoradores,
 « Abrase da virtude a chamma pura.

Inda nos braços de Titan dormia
 A candida consorte desgrenhada,
 E a Deusa que nas ondas foi gerada,
 Os cynes inda ao coche não prendia:

Cupido, que não dorme, e só vigia,
 Assim co'a Mãe fallava nacarada:
 « Da formosa Marina suspirada
 « Olha o doce raiar do fausto dia!

« Com Ella meu imperio consolido;
 « Pois, com sen lindo rosto pudibundo,
 « Esquivos corações hei já rendido.

« A seus mimosos pés terno, e jucundo,
 « Este arco, este carcaz quebro insoffrido,
 « Que Ella só me avassalla todo o Mundo!»



Nas margens do Cutim, sentado, um dia,
 Na suspirosa fruta modulava,
 Quando Apollo nas ondas sepultava
 A doce luz, que as terras allumia.

Jonia formosa então que allí soia,
 A vir banhar a calma, que a abrasava,
 Por entre os cajueiros se occultava
 Como que de encontrar-me se temia.

Mas, co'o rumor da timida Pastora
 Volto rapido os olhos, oh! Pastores,
 E a copia vi da Deosa caçadôra.

Baixando os vivos olhos matadores,
 Ella de pejo as niveas faces cora,
 E eu, captivo, suspiro alli d'amores.

Umás tranças côr d'ebano anneladas,
 Uns garços olhos, pouso dos Amores,
 Uns labios de carmin por onde odores
 De breves rosas manão delicadas:

Uma eburnea cerviz, que arrebatadas
 Almas fastiosas deixa; uns tremedores
 Pomos, de acerbas lagrimas motores;
 Uns braços, que aformosão mãos nevadas:

Uns pés mimosos, uma feiticira
 Cintura, que seduz, que atrahê, que inflama,
 Um modesto ademan, uma maneira...

Eis quanto, e não de Amor fingida trama,
 Lá do Cutim, na placida ribeira,
 O peito me abrasou em viva chama.

(Ao Tenente-Coronel Rodrigo Pinto Pizarro.)

Já, Rodrigo immortal, sulcando os mares,
 Oprime de Neptuno o dorso ingente,

Por ver do Tejo a limpida corrente
D'Ulissea demanda os patrios lares.

Ouve detido Boreas sobre os ares,
Os hymnos, que lhe alternão gravemente,
Em circulos girando o mar tumente,
As candidas Nereides singulares.

O louro Apollo os raios avivando,
Satisfeito parece, ao vel-os tanto
Nas bolicosas ondas tremulando.

Mas ai! Que da tristeza o negro manto
Deixa apenas de ouvir (tudo abafando)
Os gritos da amisade, os ais, o pranto.



A Mãe de Amor, banhada de ternura,
Nos verdes campos de Línisso entrava,
Quando a brilhante aurora despontava,
As trevas dissipando á noite escura.

Co'a delicada mão de neve pura
Odoríferas flores, apanhava,
E uma linda grinalda aparelhava,
De rara encantadora formosura.

Depois de a conéluir, depois de vel-a,
Ao Menino traidor, que allí corria,
Diz entregando a lucida capella:

« Vae, Amor, transportado d'alegria,
« De Ursulina ennastrar a fronte bella,
« Vae com isto brindar seu fausto dia.

Aparta-te de mim, doce lembrança,
Não venhas revoltar-me a fantasia,
Deixa meu coração como algum dia
Repousar em pacífica bonança:

Se até'gora fantastica esperança
Com falsas illusões in'enlouquecia,
Hoje olhando a rasão, qu'eu já não via,
Hei de todo perdido a confiança.

Já me não compadece o duro Fado
Que adore, que idolatre a Jonia bella,
Nem consente que eu seja afortunado

Por influxo fatal de opaca estrella,
Seus mimos divinaes, seu terno agrado,
Outro gosa, ai de mim, nos braços della.

JOAQUIM SERRA.

MUDANÇA.

Que peu de temps suffit pour changer toutes choses !...
V. HUGO.

De tanto amor á vida,
De tantos sonhos bellos
Que resta hoje á minh'alma
Que em sonhos já folgou ?...
Ai, tudo jaz por terra...
Cahirão-se os castellos
E d'illusões em busca
Minha alma se gastou !... .

Agora tu me encontras
Bem outro, hem mudado,
Sem ter a fé robusta
Que enchia o coração !

Agora tu me encontras,
 Qual tronco derrubado,
 Que viste tão florido
 Não ha uma estação !..

A garça que se mira
 Juntinho a lympha clara,
 Da vida o alimento
 Vem n'ella procurar;
 Porem vòa na flexa
 Do indio lá da ygara
 Em vez da vida—a morte,
 E a faz no chão tombar!.

Assim eu que voava
 P'ra um mundo tão sonhado,
 Nas azas confiado,
 Qual Icaro tombei. . . .
 No mundo só vi dores,
 Só dores á meo lado,
 Mentidas minhas scismas
 Foi tudo quanto achei !

Ai, se eu voltar pudesse
 Aos meos sonhos passados,
 Ao meo viver primeiro,
 As minhas illusões;
 Fugira dos humanos,
 Dos sitios povoados,
 Vivera dos meos sonhos
 Sosinho nos sertões.

Assim fuge contente
A juruty qu'estava
Calada, triste e presa
Em fulgida prisão,
E o vôo seo desabre,
Deixou de ser escrava,
Lá vai cantar maviosa
Em rustica soidão ! . . .

Amigo, não me entendes,
Que a vida vai-te bella,
São risos sobre risos,
São canticos de amor !
Não queiras nem ouvir-me,
Que os roncós da procella
Infunde em quem os ouve
Um turbido pavor ! . . .

Porem não me perguntas
Porque estou mudado
Sem ter a fé robusta
Que enchia o coração;
Porque tu me encontraste
Assim desanimado,
Sem ter fogo no estro,
No estro a inspiração ! . . .

SCISMANDO.

Por ti só os meos sentidos
Todos n'um confundidos
Amão, gemem, suspirão
Em ti e por ti delirão.

GARRET.

Quando a noute vae alta e serena,
E que as ondas solução na plaga,
Quando a lua tranquilla divaga
Pelos campos ceruleos do ceo;
Quando canta na densa floresta
Sururina o seu canto tremido
E que sente-se o doce arruido
Da palmeira que ao vento gemeu;

Quando em horas que rompe a alvorada
E que fogem para o monte as neblinas,
E que vê-se brilhar nas collinas
Orvalhado e fragrante o jasmim;
E com o sol, inda occulto nos mares,
Purpurisa-se o ceo do oriente,
E que tudo desperta contente
Aos reclamos do dia por fim;

Quando em dubio crepusculo da tarde
Pelos campos a sombra se estende,
E na beira da estrada desprende
Sonorosa harmonia a perdiz;

E que se ouve distincto o murmurio
 Do ribeiro que manso deslisa,
 E que traz só perfumes a brisa
 Ao passar pelo floreo tapiz;

N'essas horas eu penso, meu anjo,
 Só em ti, no teu rosto e doçura;
 Na harmonia de toda a natura
 N'essas horas eu só vejo a ti!
 Quer as horas saudosas da tarde,
 Ou o silencio da noute calada,
 Ou o alegre romper da alvorada,
 Tudo falla o teu nome e sorri! . . .

Para ti é que as flores vicejão,
 Para ti os suspiros da brisa,
 E minha alma que assim sympathisa
 Com taes scenas, por ti as cantou!
 Para ti da manhã o sorriso,
 O mysterio do denso arvoredado,
 E da lua o amoroso segredo,
 E o hymno que a ave entôou!

Para ti, meu pensar incessante,
 As vigalias que passo scismando,
 Os castellos que levo sonhando
 Onde vejo a ti só, teu amor!
 Para ti meu amor de poeta,
 Minha lyra vibrada com alma,
 Para ti a mais fulgida palma,
 Se na lucta eu sahir vencedor!

Para mim teus sorrisos amantes,
 Teus olhares os mais expressivos,
 Para mim não mais modos esquivos,
 Só ternura, carinho e paixão !
 Para mim todos teus pensamentos,
 E a jura de seres só minha,
 E a ventura que a mente advinha
 Que é esse o maior galardão !

MORTA !

Rose, elle a vecu ce qui vivent les roses !
 (MALBERBE.)

Visão tão pura e candida
 Dos meus sonhos passados,
 Estrella que no pelago
 Da vida se afundou !
 Aonde a luz tão vivida
 Dos teus raios dourados,
 Aonde o odor balsamico
 Que a mim inebriou ?

Murchou-se a flor angelica,
 A rosa de minha alma !
 Porque, meu Deus, tão rapido
 Quebrou-se o seo hastil ?

Agora tantas lagrimas
Em vez da florea palma . . .
Do ceo ha pouco fulgido
Toldou-se o puro anil !

O riso de meus labios
Por ti desabrochava;
De amor perdido, extatico
Vivia ao lado teu !
Por ti nos sonhos calidos,
Que amor phantasiava,
Eu via-me em delirio
Levado para o ceo !

Visão subtil e languida
De vestes roçagantes,
Eu via-te nos extases
De meo devaneiar !
A tez mimosa e pallida,
Os labios offegantes,
Os olhos vivos, rutilos
Incertos a brilhar !

Ai, que clarão funereo,
Qual luz de alampadario,
Me fez te vêr exangue,
Sem vida, morta emfim !
E vi sem tino, pavido
Com sepulchral sudario
Cobrir-se o encanto angelico
Que dava vida a mim !

Ai que poder satânico
 Se aprouve em torturar-me !
 Ai que nune maleficio
 Matou-nos, tão cruel !
 Agora vejo gelida
 Quem soube tanto amar-me !
 O céu foi-me bem perfido
 Por flores deo-me fel.

Assim no verde paramo
 A côrça cahe ferida
 Por flexa que de subito
 Os passos lhe quebrou,
 E a companheira tremula
 Tambem fica sem vida,
 Que o golpe foi mortifero
 E a ambos traspassou !

UMA RETRACTAÇÃO.

Vous l'ange d'autrefois, maintenant pauvre femme !..

LAMARTINE.

Perdôa, rôla innocente,
 Perdôa o pobre demente
 Que maldisse a flor do céu !

Minhas palavras perdôa,
 Esqueça tua alma bôa
 As phrases do peito meu!...

Cuberta de vituperios,
 De baldões e de improperios
 A meus olhos te afeei....
 E com riso de sarcasmo,
 Sem ter remorso, nem pasmo,
 Tua alma nobre insultei!...

D'essa cruel ironia
 Gottejão o fel da agonia
 Meus labios, meo coração....
 Ai que fui cego contigo,
 Ai que fui duro comigo,
 Menti cobarde e vilão!....

Mas se te vale a certeza
 Que se pequei com cruesa
 Foi por muito e muito amar,
 Que teus primores tão bellos
 Me motivarão taes zelos,
 Me fizerão blasfemar;

Então, ó rôla innocente,
 Perdôa o pobre demente
 Que cometteu tal acção;
 Perdôa qu'eu estava louco,
 Perdoar custa tão pouco,
 Menti cobarde e vilão!...

Dizer-te mais eu não posso
Que do meu crime o remorso
Na minh'alma sinto eu !
Como fui cego e insensato
Comettendo um desacato
N'um peito que peito é meu ! . . .

Anjo meu, será loucura
Esperar que com ternura
Me queiras inda sorrir ?
Mas, por Deus, por ti, perdoa !
Esqueça tua alma boa
O qu'eu disse sem sentir.

J. MARIANO DA COSTA.

MEU AMOR.

Eu não tenho na terra os meus amores,
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe no céu—é n'essa estrella.

JOÃO DE LEMOS.

Meu amor foi como o vento,
Que bafejou-me passando;—
—Mas além perdeu-se todo—
Eu fiquei nelle pensando.

Meu amor foi como o canto
Da donzella requestada;—
—A brisa levou-lhe o écho,
—Mas a voz ficou gravada.

Meu amor foi tão veloz
Qual pensar de lindo infante,—

Apenas sonhei com elle,
Me fugiu no mesmo instante.

Meu amor foi como o fumo,
—Não parou,—correu fugindo:—
Elle não vê-me, mas eu
O vejo á noite dormindo.

Meu amor he o bramir da procella
Que ao longe lá vem rouquejando!...
Todos correm, ao vel-a, medrosos,
Eu sorrindo aqui fico esperando!

Meu amor he o céo carregado
De mil nuvens correndo á lutar;
Do trovão escutando o bramido,
Dá-me vida o ouvir seu róncar!...

Meu amor he o rugir do oceano,
Que galeras além já sorvêu!...
—Se, em perigos ouvirem sorrisos,—
Olhem bem,—esse riso foi meu!...

—A mulher, qu'eu amei, foi-me falsa,—
Só deixou-me um soffrer bem profundo!
—Hei de amar os horrores da terra,
—Já que um anjo não tive no mundo!

AMEI-TE ! . . .

Tu trouxeste éstro divino

A' lyra do trovador.

PALMEIRIM.

Eu julguei que meu peito cansado
De lutar entre amor e traição,
Conservasse dormindo cá dentro
Algum tempo este meu coração.

Ai ! que assim não quizeste, donzella,
Com esses olhos de tanta poesia,—
Que me vendo deixarão-me louco,
Me roubarão a feliz phantasia ! . . .

Eu vivia tão livre no mundo . . .
Só amava da terra a soidão,—
Ou o doce sibilo do vento,
Revolvendo, um feroz furacão.

S'escutava uma virgem chorando,
Que praser n'esse pranto eu sentia ! . . .
—Era a voz da desgraça um consôlo—
—Era o raio estallando harmonia !

Os teus olhos, donzella formosa,
Me abrandarão este peito feroz:—
—Aborreço os horrores, que amava;—
—Deu-me nova harmonia tua voz ! . . .

São de um anjo, mulher, esses olhos,
 Que fizeram este canto cantar !..
 He de um anjo mulher, essa voz,
 Que hoje faz á teus pés me curvar !

Adorar-te, viver á teu lado,
 Assentado alta noite ao luar,—
 Nos teus olhos, donzella, embebido
 Quero a vida em delirios passar !.. .

Eu julguei que meu peito cansado
 De lutar entre amor e traição—
 Nunca mais sentiria bater-me
 Nos extremos de alguma paixão !.. .

IMPOSSIVEL.

Ella foi-se, e com ella foi minha alma.
 MACIEL MONTEIRO.

Foi uma pura illusão, eu bem conheço,
 Esse sonho de amor ardente e puro !
 Porem, que importa ? delirei contigo,
 E uma hora de amor vale um futuro !

Bem sei que foi visão; porem, tão grata
 Como jamais gosei nos meus delirios.

Tu foste um anjo que me trouxe vida,
Do ceo baixado, á minorar martyrios. . . .

E eu, pobre de mim ! inda hoje sinto
A ardente chamma d'esse amor sonhado.
Inda hoje sinto requieimar-me os labios
Aquelle beijo, que trarei calado.

E eu amei-te, senhora, como um louco
N'essas horas de falso despertar !
Mulher, porque a meus olhos te mostraste
N'essa noite feliz do meu sonhar !

Tu não sabias que não posso amar-te,
Que não posso viver nos braços teus ?
Porque turbaste meu sonhar sosinho,
Viado enlear-te n'estes braços meus ?

Depois fugiste para o ceo sorrindo,
Com um sorriso que inda julgo ver !
E eu, coitado ! se dormi contente,
Hoje acordado saberei soffrer !

Visão de amores, sim, recebe ao menos
Este delirio do meu peito amante.
A tua imagem n'este mundo vive,
E eu por ella te serei constante.

J. DE SOUSA ANDRADE.

TE DEUM.

(Cantico.)

Meu Senhor Omnipotente!
Minha harpa, as harpas do monte,
O rio caudal e a fonte,
Librada a nuvem nos ares
Perante ethereos altares
Se humilharam. Sancto! Sancto!

Deus immenso! eterno sopro
Os labios teus fecundaram;
Os ceos de sóes s'estrellaram,
Sobre os sóes outros ceos vão.
Nasce o mundo, a criação
Surge e canta. Sancto! Sancto!

Cheio o vacuo, o espaço ondula
 Do infinito; retumbante
 Gemo o chaos, e palpitante
 Começa a brilhar, viver,
 Contemplar-se, estremecer,
 Rugir de horror. Sancto ! Sancto !

E nos ventos, e nas ondas,
 No universo equilibrado,
 Harmonioso, animado,
 E n'um atomo da terra,
 N'uma flor, penedo ou serra
 Teu nome está. Sancto ! Sancto !

Echo infindo envolve o mundo,
 Infindo se renovando.
 Hontem vi-me alevantando,
 Hoje me vejo a cantar;
 Amanhan no meu logar
 Talvez serei . . . Sancto ! Sancto !

Ande o mar lambendo a areia,
 Manso, calmo e deleitoso,
 Ou se estorça procelloso
 Cortado da ventania,
 O mar teu nome diria,
 Di-lo ainda. Sancto ! Sancto !

Erre a lua em brancas noites,
 Doure o sol varias paysagens,
 Estas montanhas selvagens,

Estas compridas palmeiras,
 Cantando pelas ribeiras,
 Dão louvores. Sancto ! Sancto !

Sancto ! Sancto ! Deus dos astros,
 Que la no Horeb Adonai
 O rubo cercar-te vae
 Em flammæ de um fogo innato,
 Camadas de um fumo grato
 Circulando. Sancto ! Sancto !

Tudo me obedeccu ! nos ceos um côro
 Vai d'encantados orgãos ondulado,
 A voz dos animaes, dos elementos,
 Das plantas o meu cantico entoando.

A

Tu não és como a arabe infante
 Encantada no lindo corsel,
 Nos desertos de areia brilhante,
 Aurea adaga no cinto de anel,
 Ou na doce cabilda ondulante
 Nos amores de louro donsel.

Nos floridos kiosques saltando,
 Ou na ogiva fumosa a dormir,
 Cousas d'Asia amorosa sonhando,

Que sonhadas se fazem sentir,
 Tu não és como o Árabe amando,
 Tens no rosto mais sancto sorrir !

Nem semelha-te a rútila estrella,
 Nem as ondas douradas do mar,
 Nem a flor mais esplendida e bella,
 Terra e ceo não te sabe imitar.
 Teu olhar é bem meigo douzella;
 Docemente te vejo a me olhar.

FRAGMENTOS.

(Costas do Brasil.)

Salve ! pincaros frondosos
 Do meu frondoso Brasil.
 Os pés em verde esmeralda,
 A fronte n'um ceo de anil.

São meus irmãos estes ares
 Que vem meu rosto afagar,
 No meu encontro saudoso,
 Correndo por sobre o mar.

As aves sabem que eu venho,
 Escuto um doce cantar,
 Na montanha realçando
 Entre a sombra do palmar.

Requebrando-se as palmeiras
 Suavemente respiram,
 Como virgens encantadas,
 Que á noite meigas suspiram.

O sol reflecte seus raios
 Pelos declivios do monte,
 As nuvens se purpuream,
 Veste galas o horisonte.

Como a familia que espera
 O filho de ha muito ausente,
 Tudo em festas se alvoraça,
 Tudo se agita contente.

AO SOL.

Dos rubros flancos do azulado oceano
 Com suas azas de luz prendendo a terra
 O sol eu vi nascer ! Joven formoso,
 Saltando pela nua espadua d'ouro
 A perfumada e luminosa coma,

Nas cheias faces que o calor inflamma
 Sorriso de coral deixava errante.
 Em torno a mim não tragas os teus raios;
 Suspende-os, sim, oh sol ! oh tu, que outr'ora
 Em candidas canções eu memorava,
 N'esta hora de esperança ergue-te e passa
 Sem ouvir minha lyra. Quando infante,
 Nos pés do laranjal adormecido,
 Orvellido das flores que choviam
 Cheirosas d'entre o ramó e a fructa bella,
 Na terra de meus paes eu despertava
 De minha irman ao riso, ao canto e aromas
 E ao sussurrar da valida mangueira.
 Eram teus raios que primeiro viuham
 Roçar-me as cordas do alaude brando,
 Nos meus joelhos timidos vagindo
 Ouviste, sol, minha alma em verdes annos
 Toda innocente e nua como o arroio
 Em pedras estendido, em seu murmurio
 Andando como o fiz a natureza.
 Tu, de uma luz piedosa me cercavas,
 Aquecendo-me o peito e a fronte altiva.
 Tu me appareces hoje como outr'ora
 Mas o mesmo eu não sou ! hoje me encontras
 A beira do meu tumulo assentado
 Com a maldicção nos labios desmaiados
 Azedo o peito, resfriada cinza
 Onde resvalas como em rocha escura.
 Ensombra a esphera tua, os raios quebra,
 Apaga-te p'ra mim, sol que me cansas !
 A flor que lá nos valles levantastes
 Subindo o monte já no chão sê inclina.

J. E. V. DE CARVALHO.

NENIA.

Nas não choremos, que dos céos a herança
Querer arrebatat é crime ousado;
Ella veio dos ceos, nos ceos descança.

R. A. VALLE DE CARVALHO.

Se a visses hontem ! como a flor da varzea,
Ella vivia de innocencia e amor;
Se algum sorriso lhe assomava aos labios
Era uma estrella á derramar fulgor.

Vês essas faces, que o livôr mareia ?
Já forão rosas, e eil-as—murchos lirios !—
Vês esses olhos sem calor, já languidos,
Cuja luz se assemelha á luz dos cirios ?

N'elles houve uma luz, e era tão magica,
Como a que vem c'ó matutino albor !
Ah ! esse peito, onde moravão canticos. . . .
Vela-o da morte o lugubre pallor !

Bem como ao sol se fana a flor nas céspedes,
 Eil-a tocada do fatal mysterio !. .
 Forão-se os sonhos . . . já trauquilla e placida
 Dorme no lar commum do cemiterio.

E mudo e frio, o seo terreneo involacro
 Volveo dos vermes á pousada horrivel:
 Fundio-se o barro, mas a essencia candida
 Queda no mar de goso indefinivel . . .

E o que è da vida esse bulicio fervido
 E as pompas vans, que sollicita o homem ?
 Porque se veste co'a vaidade estolida
 A fraca argilla, que os sepulchros somem ?

Ouves do vento o sussurrar monotouo
 Nos tristes ramos do cypreste esguio,
 E á meia noite á esvoaçar nos tumulos
 Do tetro mocho o solitario pío ?

Vês uma cruz á campear funerea,
 E a lua triste á orvalhar segredos . . .
 E um lume vago á scintillar phosphorico,
 Bem como o pyrilampo nos balsêdos ?

Elles que dizem ? que a vaidade quebra-se
 Ante essas lages, que o silencio afeia,
 E que da vida os oitropéis extinguem-se,
 Como a pallida luz de nua candeia.

S. Luiz, abril de 1859.

J. J. DA SILVA MAÇARONA.

—

SONETO.

(Consoantes forçados.)

Tu que de Homero os cantos semilhando,
Ora brando e suave, outr'ora irado,
Ergues ingente temeroso brado,
Que ao longe sôa os ventos repulsando;

Sobre os astros teos vôos remontando
De Minerva e das musas rodeado,
Solta o canto teo estro electrizado,
Sobe as nuvens teo nome fulgurando.

A' magica harmonia,—ao doce encanto
Dos ternos hymnos teos o moribnado
Julga ouvir já nos céos celeste canto.

O' Dias portentoso, a patria, o mundo
Divinsem teo estro sacrosanto,
Homero do Brasil, sem ser segundo !

J. ANTONIO COQUEIRO.

EM VIAGEM.

E' noite—tudo é silencio
Nesta triste solidão !
Tudo é calmo—tudo é quedo
Na bella equorea extensão !

Monta o astro opaco e bello
Que exprime terna saudade,
Monta ás nuvens—vagaroso
Com sublime magestade.

Lá de cima exparze luz,
Que pratêa o negro mar,
Lá de cima aviva ao triste
Seu padecer, seu penar.

No centro do mar redondo
Segue o lenho socegado,
Que do horizonte só busca
O termo tão afastado !

Soffre o triste, porque a patria,
Mãe e amigos deixou—
Porque a saudade sentida
O coração lhe cerrou;

Mas um bom e caro amigo
O acompanha em sua dôr,
O consola em sua magoa
Dá-lhe animo e valor.

1.º de Julho de 1855.

D.^a J. A. CERRA.

SONETO.

De estatura ordinaria e corpo cheio,
A tez pouco morena e descorada,
Testa nada redonda, antes quadrada,
Nariz muito commum, porem não feio;

Os olhos a volver, mas com receio,
A bocca regular, mas engraçada,
A voz, se bem que meiga, já cansada
De supplicar em vão o amor alheio;

Das homens, em geral, pouco gostando
E capaz por nã só de dar a vida,
Contente os guilhões seus, louca beijando:

Eis Josina, que a sorte fementida,
N'este mundo cruel, feio e nefando,
Lansou, para querer, sem ser querida!

L. VIEIRA DA SILVA.

MY NATIVE LAND—GOOD NIGHT.
LAND

TRAD. DE BYRON.

(Childe Harold.)

Adeus, adeus! O meu paiz amado
No azul das vagas já se vae sumindo!
Suspira o vento, brame o mar irado,
Está-se o grito da gaivóta ouvindo!
O sol seguimos, que se esconde n'agoa;
E antes que fuja, que no mar se acoite,
Eu o saudo com sincera mágoa!
Adeus, adeus! Meu paiz, boa noite!

Em poucas horas surgirá por fim,
Trazendo a auróra já de um novo dia;
E o mar e as nuvens só terei por mim;
Mas não a patria, que inda ha pouco via!

Como deserto não ficou meu lar,
 Triste e sombrio—na desolação!
 No muro a era vejo já trepar;
 E junto á porta como late o cão!

« Vem cá, vem cá, oh! meu pequeno pagem!
 De que te afliges ~~para~~ estas chioroso?
 Do mar as ondas tirão-te a coragem?
 Ou é o vento que te faz medrôso?
 Enxuga os olhos inda agora em pranto,
 Que o barco é forte, mui veloz navio!
 Destro falcão, assim não vóa tanto,
 Qual com mais graça já voar se vio?»

—Que importa o mar, que me importa o vento,
 Que escume aquelle, que este sopra assim?
 Não vos admire deste meu tormento,
 Que de saudades morrerei por fim!
 E' que, partindo, deixo um pae querido,
 Mãe carinhosa, a quem meu peito adóra,
 Fieis amigos, que só tenho tido,
 Excepto vós, e quem lá em cima mora!

Meu pae com dor a sua benção deu-me!
 A' elle é facil disfarçar no entanto!
 Poreni partir de minha mãe doeu-me,
 Que só na volta enxugará seu pranto—
 « E' quanto basta, meu gentil donzel;
 Agora vejo como tens rasão!
 Não contivesse este meu peito fel,
 Que acompanhar-te poderia então. »

« Vem cá, vem cá, oh ! meu fiel servente !
 Porque tão palido é o teu semblante ?
 Tremes da gallo—inimiga gente ?
 Porque vacillas tu a cada instante ? »
 —Suppões que temo pela minha vida ?
 Nada receio, oh ! meu bom senhor:
 Na esposa ausente, na mulher querida,
 Eu penso agora se mudei de côr !

A triste esposa mora junto ao lago,
 Co'os tenros filhos do solar visinhos;
 Quando buscarem de seu pae o afago
 O que hade a mãe dizer a seus filhinhos?—
 « Assaz, assaz, meu dedicado amigo;
 Ninguém de certo estranhará tua dôr;
 Mas, eu chorar não poderei contigo,
 Deixar a patria não me faz pavôr.

Quem nos suspiras, pois que são fingidos,
 Inda acredita da esposa ou amante?
 Outros virãõ, e que de amor rendidos
 Lhes seque o pranto, que não é constante !
 Não é o passado, que me afflige agora,
 Nem o receio de um perigo certo;
 O que lamento é de saber nesta hora,
 Que eston na vida como em um deserto !

Eis-me sosinho, muito só no mundo,
 Sulcando afoito a amplidão dos mares;
 Porque me occupa este penar profundo ?
 Que importa aos outros estes meus pesares ?

Talvez meu galgo de chamar já rouco,
 Por mãos estranhas sendo alimentado,
 Nem me conheça dentro mesmo em pouco!
 Até me morda estando tão mudado!

Na minha barca eu irei pois fugindo
 Sobre escarceos do agitado mar.
 Que importa o rumo que ella vae seguindo,
 Se é só na patria, que não quero estar?
 Salve, portanto, mar e céos de auil,
 Onde m'esqueço dos pesares meus!
 E quando a barca fundear gentil,
 Salve, desertos! Minha patria, adeus!

A' LILIA.

(Dedicatória.)

Quando, encostada á meza, em horas mortas,
 A face reclinada
 Sobre a mão feiticieira, descansares
 De triste ou fatigada;

E á fraca luz da lampada sombria,
 Já quasi amortecida,
 Recordares momentos de ventura,
 Relampagos na vida;

Lilia, meus versos lê, meus tristes versos
 De augustia repassados !
 N'elles a minha dita co'o teu nome
 Verás entrelaçados.

São flores desfolhadas que cairão
 Por ti talvez pisadas !
 Flores do coração na dor nascidas,
 No pranto alimentadas !

VÊS O MAR.

TRAD. DO ALLEMÃO.

(Geibel.)

Vês o mar ? Sobre as suas ondas brilha
 O sol com luz mui pura !
 Mas, no fundo, onde as per'las elle esconde,
 E' noite, e noite escura.

O mar sou eu. E como as suas vagas
 E' assim meu pensamento.
 Como raios do sol n'elle meus versos
 Reflectem-se n'um momento.

E quantas vezes fallo com meiguice
 De amor e de ventura,
 Embóra o coração no fundo d'alma
 Transborde de amargura !

Novembro, 185..

O RETRATO.

(A virgem mirando-se.)

Nas fontes, ah ! não procures
 O lindo retrato teu;
 Nem procures nos meus versos
 Essa pintura do céu.

Teus olhos procura ver
 De noite—no firmamento;
 Nos astros, terás seu brilho,
 —E na noite o meu tormento !

Eu amo os olhos formosos,
 Que inspirão, tanta paixão;
 Em quanto que mudos sempre
 Para nós os astros são.

Procura teu meigo riso,
Na serena madrugada;
Nas flores, e aves, em tudo,
No azul da nuvem doirada.

Eu amo tanto esse riso,
Riso de boca formosa!
Que esmalta teus lindos lábios,
Como o orvalho a flor mimosa.

Procura a doce expressão,
Do formoso rosto teu,
No grato aroma das flores,
Na lua, que vês no céu.

Eu amo o rosto gentil;
Que exprime tão vivo amor,
Amo o riso, a boca, os olhos
Que brillão com tanto ardor.

Nas fontes, ah! não procures
O lindo retrato teu;
Mas procura, bella virgém
No abrasado peito meu.

L. VIEIRA FERREIRA.

DESEJO.

E poi morir !
METASTASIO.

Eu não aspiro riqueza,
Grandes titulos de nobresa,
Nem vanglorias quero ter;
Só tenho ardente desejo
De vencer-te, Naura, o pejo,
Gosar um beijo e morrer !

Por um beijo só deliro
E' elle só que eu aspiro,
Mas sendo dado por ti
Já gosci beijos bem dados,
Por labios bem nacarados,
Mas n'alma não os senti

Erão beijos mornos, frios,
 Não trasião calafrios
 A' aquelle que os recebeo!
 Só senti nelles friesa,
 E nem mais achei bellesa
 Na boca impura que os deo !

Mas tu, Naura, tão formosa
 Serás acaso impiedosa
 Que não queiras me attender?
 Dá-me, ó anjo, o lindo rosto,
 Que eu cumpra n'elle o meo gosto:
 —Gosar um beijo e morrer—!

SORRISÓ.

Nos labios de Naura s'eu vejo, em delirio
 Brilhar um sorriso de vivo frescor,
 Eu sinto em meo peito nascer a ventura
 E d'elle extinguir-se cruento temor.
 Ó bella, sorri
 Á teo trovador.

Se vejo seos olhos formosos, travessos,
 Em mim se fitarem com ardente fulgôr,

Eu vejo tambem que vem e que foge
Nos labios carmineos sorriso traidor.
Sorri, minha bella,
Á teo trovador.

Se toco em sua mão de rara brancura
Eu sinto queimal-a um brando calor,
Se fito-a de perto, e busco um sorriso
Eu vejo em seos labios ligeiro tremor,
Não tremas, sorri-te
Á teo trovador.

Se chego meo rosto ao seo delicado
Eu sinto o effluvio de magica flor !
Não vejo seos olhos, não vejo seos labios,
Mas sinto sua alma sorrir-se de amor . . .
Sorri-te, meo anjo
Á teo trovador !

DR. L. MIGUEL QUADROS.

METEÓRO.

Meteóro brilhante, ergue soberbo
A face em chammas d'entre as nuvens negras,
Ennastra as trevas, incendia globos
Do manto ardente desdobrando as pregas !

Demonio em chammas espargindo a coma,
A loura crina, sulfurosa, e ardente !
Racha a cup'la do ceo, funde mil astros;
Cavalga o mundo, meteóro ingente !

Eu vi-te um dia faiscante, doido,
Erguido á cima do solar das gentes;
Convulsa a terra, calcinada a face,
Ferreas entranhas eram bem trementes !

E tu, demonio, aniquilando globos
 Na voraz carreira triumphavas rindo !
 Té que a mão do Senhor quebrou-te as sanhas,
 Nas extremas do mundo te fundindo !

Assim em trevas recahindo a terra
 Mostrava ás gentes—que se tu brilhaste,
 Demonio ou astro, no horisonte extenso
 A furia insana, tambem tu quebraste !

E' que a mão do Senhor, mantendo espheras
 Revolidas no ether, que varreste,
 Não deixa que as domine força extranha
 E tu, meteóro ingente, lá morreste !

Maranhão—1860.

ESQUECER-ME ? !

Non ti scordar de me.

Dizes de longe:—*Só quero*
Que me dés esquecimento—
 Como se alem d'esse houvesse
 Um mais audaz pensamento !

Pede ao mar encapellado
Que seus furores abrande;
Pede morte á sempre-viva,
Pede que aromas te mande.

Pede ao sol opacidade,
Pede á lua um raio quente;
Do corpo pede á minh'alma
Que pesarosa se ausente.

Do ceo pede que as estrellas
Se despedacem no ar;
Pede ao regato corrente
Que deixe de murmurar.

Pede descrenças ao moço,
Alegrias pede á dor;
Pede aos anjos que maldigam,
Que maldigam do Senhor.

Pede á linda parasita
Que viva no isolamento;
Pede á rocha que vegete,
Pede ao gèlo um pensamento.

Pede ao rócio que se torne
Em terrivel furacão;
Pede á concha calcinada
Que te mostre um coração.

Pede ao justo que pragueje,
 Ao forte pede fraqueza;
 À mulher, que vende o corpo,
 Que te falle de puresa.

Pede ao sancto sacerdote
 Uma infamia bem sensivel;
 Mas pedir-me esquecimento
 E' pedir um impossivel !

Rio de Janeiro—1857.

PERDI-A !

I.

Perdi-a ! E na sombra que avulta-me em torno
 Ainda um luzeiro me falla da bella !
 Ainda no abysmo, que affronto saudoso,
 Descanta a sereia, fulgura uma estrella !

Ainda o seu riso na flor que se expande,
 Nos hymnos de aragem perdidos no ar !
 Ainda o seu vulto no vulto que a planta
 Desenha pendida nas ondas do mar !

Se etruge o folguedo, na festa apparece,
 Nas galas, no aroma de niveos festões;

Soberana das salas, perpassa vaidosa,
Fazendo a colheita de mil corações !

E eu sigo-a no echo, na sombra, no traço
De leve deixado nas nuvens—em vão !
No echo—meus cantos; na sombra meu porte;
Só ouço, só vejo. confusa a rasão !

.....

E era da terra na face morena
Não tinha a serena candura do ceo !
Nem eram tranquillos os olhos ardentes,
Que as chammas trementes expunham sem véo !

II.

Era da terra mas logo
Transformou-se em seraphim.
Do amor gerado no fogo,
Anjo, apartou-se de mim !
Era uma estrella cahida
De farta constellação;
E a minha com a sua vida
N'uma esphera mais lusida.
Derramou com profusão !

Era da terra e sorrindo
Foi de nuvens se vestindo,
Té que elevou-se no ar !

Assim a rola mimosa
Deixa a campina saudosa,
Indo outro espaço cortar,

Germeu fecundo, o seu riso
Lá mesmo do paraíso
Em minh'alma se embebeu.
E n'aquella immensidade
Fez florescer a saudade,
—Flor que atirou-me do ceo!

Bahia—1856.

M. EDERICE MENDES.

HYMNO.

(A tarde.)

Que hora amavel ! Espiram os favonios;
Transmouta o sol, o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa, abrasadora chamma;
Em ti repousa a triste, humana prole
Do trabalhado dia; nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraquesa conduzir ao tumulo.

Lasso o colono mal avista ao longe
 A irman da noite, cõa-lhe nos membros
 Placido allivio; pouza a dura enxada,
 Limpa o suor, que em bagas vai cahindo.
 Que ventura ! A mulher o espera anciosa
 Co'os filhinhos em braços; já deslembra
 O homem dos campos á diurna lida;
 Com entranhas de pai ledo abençoã
 A proenie gentil, que á olho pula.

Não vês como o phantasma do silencio
 Erra e pára o bulicio dos viventes ?
 Só québra esta mudez o pastor simples,
 Que trazendo o rebanho dos pastios,
 Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
 Feliz! que nunca o ruido dos banquetes
 Do estrangeiro escudou, nem alta noite
 Foi á porta bater do alheio alvergue.
 Acha no humilde colmo os sens pênates,
 Como acha o grande em soberbões palacios;
 Conviva dos festins da natureza,
 Vê perfazerem-se as funeções mais altas:
 O homem nacer, morrer e deixar prantos.
 Agora ia, entre prados, apoz Laura,
 O ardido vate magoando as cordas;
 E á selvatica virgem recolhendo
 A grave dor christan, que a assoberbava,
 Do mancebo cedia á paixão nobre,
 Grande e sublime como os troncos do ermo . . .
 Ai misera Atalá . . . mas rasga o fogo,
 E o sino sôa pelas brenhas broncas.

Tarde serena e pura, que lembranças
 Não nos vens despertar no seio d'alma?
 Amiga terna, dize-me, onde colhes
 O balsamo que esparges nas feridas
 Do coração! Que apenas dás rebate
 Cala-se a dor; só geras no imo peito
 Mansa melancholia, qual ressumbra
 Em quem sobre os seus pés tem visto as flores
 Irem murchando, e a treva do infortunio
 Ante os olhos medonha condensar-se.

Longe dos patrios lares quem não sente,
 Os arreboes da tarde contemplando,
 Um subito alvoroço? Então pendiamos
 Dos cantos arroubados, que verteram
 Propicios deuses nos maternos labios;
 E branda mão apercebia o berço
 Em que ternos vagidos afagava,
 Infausto annuncio de vindouras penas.

Sobre o poial sentada, a fiel serva
 Que vezes attentei chamando ao pouso
 A ave tão util, que arrebanha os filhos,
 E adeja e canta e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros
 Agora sobre a encosta da collina,
 A casta lua como mãe saudavamos,
 E supplicando que nos fosse amparo
 Em jubiloso grito o ar rompíamos.

Mas da puerícia o genio presenteiro
 Já transpoz a montanha; e com seus risos
 Recentes gerações vai bafejando:
 A quem ficou a angustia que moderas
 Oh, compassiva tarde? olha-te o escravo,
 Sopeia em si os agros pesadumes:
 Ao som dos ferros o instrumento rude
 Tange, bem como em Africa adorada,
 Quando, tão livre! o filho do deserto
 Lá te aguardava; e o echo da floresta,
 Da ave o gorgueio, o trepido regato,
 Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
 Tudo em cadencia harmonica lhe rouba
 A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, oh musa, basta; que na noite
 Os pardos horisontes se tingiram,
 E me peza e carrega a escuridade.
 Oh! venha a feliz hora, que da patria
 N'essas fecundas, dilatadas veigas,
 Tu mais suave a lyra me temperes;
 Da singela Eponima acompanhado
 Na escura gruta, que nos cava o tempo,
 Hei de ao valle ensinar canções mellifluas;
 Nos lindos olhos, nos mimosos beijos,
 Nos alvos pomos, no ademan altivo,
 Irei tomar as cores que retratem
 Da natureza os intimos segredos;
 Do ardor da esposa, do sorrir da filha,
 Do rio que espontaneo se offerece,
 Da terra que dá fructo sem o arado,
 Da arvore agreste, que na densa grenha

Abriga da pendente tempestade,
 A sobre-olhar aprenderei haveres,
 A fazer boa sombra ao peregrino,
 A dar quartel ao errado viandante.
 Lá estendendo pelos livres ares
 Longas vistas nas dobras do futuro.
 Entreverei o derradeiro dia . . .
 Venha que acha os despojos do homem justo,
 Oh esperança, toma-me em teus braços;
 Com a imagem da patria me consola !

A MORTE.

O furacão da morte
 Entra medonho os campos da existencia,
 Perdoa a seccos troncos,
 Leva consigo florescentes plantas,
 Cuidados do colono esperançoso.

Sobre o meu leito pobre
 Se debruça a cruel, fita-me os olhos;
 Um perfido sorriso
 Lhe torce os beiços pallidos . . . já vejo
 As magoas, as saudades da partida,

Da patria o doce ninho,
 Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas,

Dos irmãos, dos amigos,
 O ultimo adeus; e em Lethes ensopado
 O negro manto, que me cubra a campa !

Quão triste a final scena !
 Mas o quadro da vida inda é mais triste !
 As breves alegrias
 N'um só ponto apparecem mal distinctos,
 E sombream-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra ?
 O crime estende o formidavel sceptro,
 Raro fulge a virtude;
 Em torno ao coração o praser vda,
 A dor penetra, e vai sentar-se no amago !

Eu, que em meus devaneios
 Sonhei tanto com glorias e venturas,
 Vi sempre derribadas
 As esperanças; e o pungente alfange
 Da desfortuna contra mim alçar-se.

No circulo afanoso
 De meus juvenis annos nada tenho
 Que agradeça ao destino.
 Da velhice os pezares me aguardavam !
 Contento apararei o extremo córte.

SONETO.

(Em nome do marechal Manoel Jorge Rodrigues, quando tendo perdido um filho n'um combate, em que ambos se portaram com brio. foi pelo Governo demittido do commando das armas do Pará.)

Sempre á ten mando prompto obedecendo,
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
« Da marcial trovada o ruido horrendo.

Hoje que á triste campã vou descendo
Queres me ver, oh patria, deshourado?
Das-me este premio, quando nobre e ousado,
O ultimo bocejar te voto e rendo!

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso!

Mas nem se me permite, indigna sorte!
Que após meu filho intrepido e ditoso
Alcance ao menos uma illustre morte.»

M. BENICIO FONTANELLI.



ANTE A' SERRA DOS ORGÃOS.

PERPETUUM CARMEN.

Por sobre os altos cumes da extensa serra
Poz Deus, como amplo pallio de extrema bizzarria,
Perpetuo nevoeiro de puro azul-turqui;
E sob a umbella ingente mandon que a Poesia,
Sentada em verde throno de eterna louçania,
Cantasse, e eternos hymnos soar fizesse alli.

E deu por harpa á Virgem a propria Naturessa
E n'harpa de mil cordas pouzando com destressa
A mão abençoada de puro cherubim,
Ao ceo erguendo o rosto de angelica belleza,
Cantou a meiga virgem, com graça e singellesa,
Seu cantico inspirado, que assiduo ouve-se assim:
28

« Por sobre os altos cumes
 « Da extensa serrania,
 « Senhor, vdam perfumes,
 « Perfumes de mil flores,
 « Que a terra aos ceos envia:
 « Se as flores nos incensam,
 « Vos canta a Poesia.

« Como amplo pallio, as nuvens
 « De bello azul-turqui
 « Derramam-se nos montes;
 « De azul c'roam-se as fronte
 « Das arvores aqui;
 « Senhor, a Poesia
 « Vê vossa gloria ahi!

« No azul dos nevoeiros
 « Lê ella o vosso nome
 « Em traços que do tempo
 « Não risca, nem consome,
 « Nem toca a ousada mão;
 « Lê sempre—Deus—no centro
 « Da bella cerração.

« Quando ergue o sol a fronte
 « Envolta em aureos veos,
 « Saúdo-o no horisonte
 « Sublime rei dos ceos:
 « Saudo-o rei magnifico!
 « Mas, sobre o seu diadema
 « Vos beijo os pés, meu Deus!

« À noite, quando o espaço
« De mundos se semeia,
« Quando entre esses mil mundos.
« Misterioso ser vagueia,
« Que os enche e orna de luz:
« Senhor, é o vossa dedo
« Que os mundos mil conduz !

« A noite, o dia, os astros,
« A terra unida aos ceos,
« Senhor a cada instante
« Proclamam—Deus, sim, Deus!
« A cada instante sôa,
« E a poesia o echôa
« Também nos cantos seus.

« Da terra sobe o incenso,
« Dos ceos une-se á luz,
« E o sol no seio immenso,
« —Divino sacerdote
« Envolto na opa splendida—
« O incenso, a luz e os canticos.
« Que entôa vos conduz !

HYMNO

À ESTRELLA DA TARDE.

(Imitado de Alfredo de Musset.)

Doce estrella da tarde ! mysteriosa,
 Longinqua mensageira, que do occaso
 As pallidas cortinas entre-abrindo
 Assomas radiante !

Do teu de azul diaphano palacio,
 Princesa d'estas horas ! que contempas
 No seio da planicie, onde das sombras
 O veo mudo se estende ?

A procella colheu a fatai aza,
 O vento se acalmou, tenue na selva
 Vai o rumor, sereno grato ás folhas
 Peneira-se invisivel.

Pelo campo aromatico e sombrio
 Atravessa o dourado perylampo,
 Alada flor de petalas de fogo,
 Que á noite desabrocha.

No aereo lar a ave se agazalha.
 Tudo é silencio em torno. Sobre a terra
 Adormecida em que magias sonhas
 Do ether branca fada ?

Mas, para os montes já subtil descambas;
 Fogos sorrindo, maviosa amiga;
 E a se extinguir do teu olhar é prestes
 O brilho melancholico.

Doce estrella dos sonhos do crepusculo
 No horror nocturno presto dissipados!
 Triste lagrima argentea resvalando
 Da noite no atro seio!

Tu, que do tampo da collina verde
 Ris ao colono, que o suor enchuga,
 E ao pegureiro, que ao redil cantando
 Conduz o seu rebanho!

Onde vas tu por esta noite immensa,
 Estrella amavel, gloria do Occidente?
 Buscas á borda do oceano um leito
 Nos roridos canniços?

Onde vás taõ gentil, nympha dos ares,
 Por estas horas de silencio e trevas
 Tombar como uma perola no seio
 Fundo e escuro das agoas?

Ah, se debes morrer, astro formoso,
 Se tua fronte, em languidez banhada,
 Vae do atro pègo sepultar nas ondas
 Seus dourados cabellos,

Antes de nos deixar, astro adoravel,
 Espera, ouve uma supplica: naõ desças,
 Naõ, naõ desças do ceo, do amor estrella,
 Naõ te apagues na terrã!

M. FIRMINA DOS REIS.

POR VER-TE.

Por ver-te inda uma vez
Meu coração
Anceia desejoso !
Por ver-te a mim rendido d'afeição,
Por ver-te venturoso !

Por ver-te—apoz que goso—o ar que gyra:
Em todo o firmamento,
Eu quisera me fossem denegados,
Só por ver-te um momento.

Por ver-te inda eu quisera aniquilado
O ceo, o mar, a terra, o ar, o vento;
Quisera, pendurados nos abysmos,
Ver os astros perderem o movimento.

Quisera qu' em meu leito, a horas mortas,
 Tetrico spectro, minaz, sinistramente
 Me viesse despertar!—Depois a morte
 Meus dias terminasse cruelmente.

Por ver-te, tudo isso me causara
 Não pesar—alegria.
 Por ver-te uma só vez durante a vida,
 Por ver-te inda um só dia.

Por ver-te inda uma vez
 Meu coração
 Anceia deseioso!
 Por ver-te a mim rendido d'afeição,
 Por ver-te venturoso.

Por ver-te
 Tudo—tudo eu daria:
 A vida, a alma, oh ceos!
 Te off'receria.

Guimarães...

MINHA VIDA.

Um deserto espinhoso, arido e triste
 Atravesso em silencio—erma soidão!...

Nem uma flor qu'ameigue estes logares,
Nem uma voz qu'amenise o coração !

E' tudo triste. . . . e a tristezã acaso
Convem á minh'alma ? oh dor ! oh dor !
Eu amo acalentar-te no imo peito,
Como a fragrancia que se esvae da flor.

Seccas as folhas pelo chaõ cahidas,
Calcadas aos pés, o seu ranger me apraz;
Um ai sentido como que murmuram,
Que lembra as queixas qu'o proscripto faz.

E attenta escuto este gemer queixoso,
Que com minh'alma triste se harmonisa.
Naõ sei se ameiga as dores, mas ao menos
Meus profundos pesares—amenisa.

Nem uma flor, uma somente brilha
No meu deserto. . . . que avides mortal !
E o vento rijo que revolve a areia,
Tudo consome, no mover fatal.

No ceo a lua, branquejando os mares,
Passeia triste, merencoria e bella:
Eu amo a lua, que revela muda
As fundas dores de gentil donzella.

Comigo a sós no meu deserto vivo,
Curtindo dores, que a ninguem commove;
E só a brisa que murmura queixas,
Com meus suspiros a ondular se move.

Mas lá no extremo já diviso a campã,
Melhor agora o meu deserto siga !
Um dia basta—transporei o espaço,
Onde antevejo o derradeiro abrigo.

Guimarães . . .

NUM ALVARES.

MEU PASSADO.

O homem não tem senão o passado
e o futuro; o passado para chorar, o
futuro para temer.

GARRET.

Se volto os olhos ao passado, virgem,
Nas minhas faces se regéla o pranto;
Ima saudade me aquebranta as forças,
Saudade, virgem, de um soffrer bem santo!

Não vejo em roda primavera e risos,
Não vejo as graças que adornavam a infancia,
Não vejo os campos, os vergeis, as flôres,
Não vejo nada; que cruel mudança!

Não vejo o rio deslizando manso,
Não vejo mansa deslizar-se a ygára,

E a êsmo o indio modulando òs cantos,
Da doce patria, que lhe é tão chara !

Não vejo o fumo que se ergue ao longe
Em erma choça que a virtude habita;
Somente sinto no bater do peito
A dor da morte que me ahí palpita !

Rio de Janeiro, 1859.

O RECRUTADO.

Um soldado do povo se chora
Guarda à todos as magoas que tem,
A saudade ninguem lh'a minóra
Nem se doe dos tormentos ninguem.

(GOMES DE AMORIM.)

E' noite ! a lua fagueira
Vai nos ares feiticeira
Pelas ondas se mirando;
Lá na prôa de um navio
Se vê um vulto sombrio
Tristemente soluçando.

« Adeus, amores que eu deixo,
« Adeus meu pallido berço,
« Adeus terra em que nasci,

« Adeus, ó mãe tão querida,
 « Adeus, prenda desta vida
 « Que saudoso eu deixo aqui !

« Adens ó pobre velhinha ! . . .
 « Ficas aqui tão sosinha
 « Sem ter quem véle por ti,
 « Vai teu filho recrutado,
 « Que pode o pobre soldado
 « Sem ter quem olhe p'ra si ?

« Ah ! pobre mãe ! que tu choras,
 « Que a Deus pelo filho imploras,
 « Que tens saudades de mim,
 « Eu sei de mais; o meu pranto
 « Cabindo neste recanto
 « Me diz teu mal é sem fim !

« Lá vai teu filho ! . . . é soldado,
 « Pobre infeliz recrutado,
 « Curvado á dura oppressão,
 « Debaixo da grossa farda,
 « Esconde um peito que escalda,
 « Esconde ardente paixão

« Sim, depois de muitos annos
 « Após trabalhos insanos
 « Eu voltarei'inda aqui,
 « Se fores viva comtigo
 « Terás um filho *mendigo*;
 « Do que servirá p'ra ti ?

Pobre infeliz recrutado !
 Ei-lo na prôa sentado,
 Triste mirando o céo,
 Pensando só na velhinha
 Que fica tão coitadinha,
 Tão longe do filho seu !

Rio de Janeiro, 1856.

EM UMA NOUTE DE FEBRES.

(A' minha Mãe.)

Silente a noute ! não murmura a brisa,
 A lua triste lá no céo desmaia,
 Ardente febre me envenena as veias
 E no meu leito solitario e triste
 Tremo de susto !

E' meia noute ! no meu quarto, a véla,
 Já quasi extincta a me deixar nas trevas !
 Oh ! tenho febre que me queima o peito,
 Tenho sede que me abrasa as fauces,
 Oh ! tenho medo !

Medo da morte não me aterra a idea,
Somente doc-me a de morrer tão longe
De minha Mãi, sem poder ao menos
Um doce abraço, terno beijo em pranto.
Levar ao tumulo !

Amanhã ! quem sabe ? já extincta a febre,
Serenó o pulso, descarnado o peito,
Repouse a fronte sobre fria argilla,
Não sobre um cóllo que me chame a vida,
Gelida, extincta !

Rio de Janeiro, 1855.

F. WENESSOP CANTANHEDE.

OLINDINA.

(Hectico.)

Je pars, et des ormeaux qui bordent le chemin
J'ai passé les premiers à peine...

(A. CHÉNIER.)

... et fugit velut umbra.

(JOB.)

Por fôrça da molestia se mirrãrão
Minhas carnes, e a côr trago perdida;
E como pouco a pouco expira a chamma
Assim fugiu-me a voz...

E' duro ver a vida ir-se extinguindo
Conservando a razão vigor inteiro !
Mas não, meu Deus ! bem é que a razão mostre
O caminho da morte...

Tu só, tu só, razão! nos dás alento
 Neste mar de miragens enganosas,
 Celeste emanção! tu nos amparas
 Neste valle de lagrimas. . .

Tão breve a vida—com desgostos tantos!
 Ephemero o prazer. . . longas as dores. . .
 Rara a afeição sincera. . . o fingimento
 Esparso como o mar! . . .

E sôbre tudo isto—a enfermidade
 Alem de triste e má, isoladora!
 Ninguem, excepto tu, ó mãe querida,
 Se chega á pobre enferma. . .

Não mais lamentações. . . não mais, meus labios!
 Vem, ó morte, eu te aguardo—vês? heu calma;
 Não te temo—que é filha da saudade
 Esta minha tristeza. . .

Ó mãe, ó doce mãe vem a meus braços;
 Dá-me o ultimo amplexo; o beijo extremo
 Na face me depõe cavada e pallida
 Como a face da morte. . .

Adeus! . . . e quando a aurora alem desponte,
 Ou quando, á noite, sôbre a terra desça
 O anjo do silencio, ó mãe querida,
 Te recorda de mim. . .

Disse . . . Sua voz sumida semelhava
 O cicio da brisa entre a folhagem . . .
 A fronte inclina no materno seio,
 Beija-o . . . suspira e morre . . .

Recife, 15 de Novembro de 1848.

AMBOS SONHAVAMOS.

Les soupirs soulevaient son sein blanc
 et sa joue était mouillée de larmes...

(OSSIAN.)

Sonhar é ventura,
 Deixai-me sonhar.

(G. DIAS.)

Que lindo leito ! que perfume exhala !
 Todo elle é mimos com que amor acena;
 Dentro se escuta um respirar custoso,
 Crebros suspiros d'ignorada pena.

Trémulo, sôfrego, estendi meus braços;
 O cortinado alvinitente e fino
 Corri um pouco . . . que visão celeste !
 Cega-me os olhos seu fulgor divino.

Elisa ! Elisa ! os teus labios se abrem;
 Tumido, oppresso, como o mar, arquêja
 Teu seio. Choras ! . . . sonhas ! . . . ai ! quem dera-me
 Teu sonho, Elisa, decifrar qual seja !

—« Doces venturas d'um amor infindo . . .
 Doces . . . quem sabe ? ! . . . Ah ! quanto eu te amo e adoro !
 Tudo esqueci ! . . . sê generoso . . . em nome
 De amor tamanho o teu respeito imploro . . . »

E em lindos cachos se desdobrão negros
 Sôbre o alvo collo seus cabellos bastos,
 E novas per'las de seus olhos pendem,
 E os labios tremem . . . que tremores castos !

Oh ! quadro magico ! em delirio ardente
 Nos labios rubros quiz depor-lhe um beijo;
 Tento, retraio-me, e protesto, e juro
 Não offender-lhe o enleiado pejo.

Elisa ! dorme; sê tranquilla; sonha . . .
 Oh ! não me quebres esse mago encanto !
 Meus dias tristes eu passara-os todos
 Vivendo neste divinal quebranto . . .

Mas pouco e pouco tudo esvae-se—o leito,
 E o anjo caro que me prende á vida . . .
 Tento retel-os, mas em vão . . . desperto
 Vendo inda traços da visaõ querida . . .

Oh ! quanto avara que tu és, ó vida,
 De gozos puros té nos sonhos teus !
 Adeus ó sombra como as sombras pallidas
 Das brancas virgens d'Ossian... adeus !...

Caxias, 22 de Setembro de 1860.

QUEBRE-SE A LYRA DE AMOR.

Amor ! delirio—engano. . .

(G. DIAS.)

Quer o poeta ter lyra,
 Cujas doces cordas fira
 Cantando amores sem dor !...
 Já fui poeta amoroso,
 Nunca porém fui ditoso,
 Quebre-se a lyra de amor !

Amor ! palavra impostora,
 Afeição enganadora,
 Dura e cruel illusão !
 Meus amores forão sonhos,
 Que alguns instantes risouhos
 Minárão meu coração. . .

Meu coração era franco,
 Era livro todo em branco,
 Guardado muito em segredo;
 A ninguém tentei mostral-o,
 Mas alguém quiz maculal-o,
 Pediu-m'ó . . . dei-o sem medo.

Dei-o porque m'ó pedião
 Certos olhos que me vião
 Pela vez primeira então,
 Porém tão aveludados,
 Com tanta paixão vibrados,
 Que cri-os de coração . . .

Cri-os porque me encaravão
 Com olhares que matavão,
 Que impedião reflexão;
 Pois, si não fôra a magia,
 Minha alma reflectiria,
 E eu não dera o coração !

Quer o poeta ter lyra,
 Cujas doces cordas fira
 Cantando amores sem dor ! . . .
 Já fui poeta amoroso,
 Nunca porém fui ditoso,
 Quebre-se a lyra de amor !

Olinda, 5 de Março de 1847.

DEIXU-ME SÓ! . . .

Quando na praia já, sem luz me deixas !
(GARRETT.)

Como era amena a tarde ! Meditando
Eu a vi na collina predilecta
Do Itapecurú á margem linda
Ao pôr do sol.

Os seus olhos tão vivos, tão brilhantes,
Agora meio mortos se volvião
Com magica expressão por sôbre as aguas
Do rio placido.

E eu do meu barquinho, que nadava
Da molle correnteza á cortezia,
No fundo ajoelhei-me, ardendo o peito
D'amor nas fragoas . . .

Os olhos fixos no semblante angelico
Orava em 'spirito lhe adorando a imagem;
Era a minha oração—intima, ardente:
—« Dálila ! eu te amo . . .

Enfim—almo prazer ! os negros olhos
Se volvem sôbre os meus; na face pallida
Assoma a rosa; e lhe roça os labios
Meigo sorriso . . .

Mas oh! fugaz ventura! como o fumo
Assim se dissipou minha esperança..
Inda ésta vez—medrosa! já tão perto.
Deixou-me só!.....

Caxias; 14 de Agosto de 1860.

R. B. GOMES DE SOUSA.

A TAPERA DE SANTA BARBARA.

Eis o que resta do passado encanto
Aqui n'este lugar !
Como hei de ver-te sem saudoso pranto
As faces me orvalhar !

E eu só te choro, te visito e te amo,
Na hora da tristeza !
Que é dos convivas de teus dias bellos ?...
Crimina-te a pobreza !

Teu nobre e vasto tecto hospitaleiro,
Sorrindo aos viajantes,
Nem da calma garante agora um herdeiro
Dos velhos habitantes !

A rua bella da mangueira ativa,
 Onde vinha scismar,
 Não nega a sombra, mas o pé ferido
 Procura onde pisar!

Cemiterio da paz! logar querido
 Voltarei a te vêr.
 Ah! conta que meu peito agradecido
 Já mais te ha de esquecer.

18 de Novembro de 1860.

AMOR E TRAIÇÃO.

I.

Um baço véo de tristesa
 Cobre teu rosto, cantor,
 Tremem-te os dedos na Lyra?
 « Vou cantar o meu amor! »
 Canta diz-lhe uma donzella,
 « Canto »—diz o Trovador—

II.

De seu peito magoado
 Suspiro triste e sem fim,
 Que em si reúne um passado

Todo inteiro de soffrer,
 Vem da lyra ao som queixoso
 Misturar-se mavioso,
 E no espaço se perder,
 Como uma seta enpenhada,
 Ponte-aguda, envenenada
 Que em nuvens de brancas aves
 Voando passa á gemer.

III.

Já nas azas do preludio
 Foge o suspiro dorido.
 Curto silencio se segue
 Ante a esperada canção,
 Como o espaço decorrido
 Entre o fusil e o trovão.

IV.

« Era pobre e sosinha na terra
 « A mulher que eu amei—como a flôr—
 « Quiz que tudo no mundo devesse
 « A perjura, somente ao amor.

« Insensato ! julgava que assim,
 « O que ao homem no mundo é vedado
 « —A firmeza em mulher fosse dado,
 « Fosse dado, somente p'ra mim !

« Já enfermo, meu pae caminhava
 « P'ra o sepulchro, que o cobre por fim,
 « E eu deixei-o, mulber, por seguir-te,
 « E o velho chorava por mim !

« Mão estranha seus olhos fechou,
 « Mãos estranhas o levão ao jazigo,
 « E o velho contava commigo—
 « N'essa hora—seu filho faltou !

« Dos amigos da infancia m'esqueço;
 « Dos parentes desprezo o tractar;
 « Aos que estimo por fim aborreço,
 « Só te vejo no mundo—p'ra amar !

« Em teu leito a fortuna derramo,
 « Que hoje outrem partilha contigo,
 « A pobreza, a vergonha, o remorso
 « Insensata ! deixaste commigo ! . . .

« E eu que d'ella julguei ser amado ! . . .
 « D'esse sonho tão curto acordei,
 « E no altar ao praser levantado
 « Do desprezo a image encontrei !

« D'esse sonho o que resta ?—a mentira !
 « D'esse amor o que resta ?—a traição !
 « Em meu peito o que resta ? o remorso !
 « E no d'ella ? não tem coração ! . . .

V.

Aqui cansado parou
 O triste do trovador,
 Vergão-lhe a fronte os males
 Passados que recordou !

E no rosto descarnado,
 Dos olhos entristecidos
 Duas lagrimas rolando
 Lhe molhão os pobres vestidos.

Agosto de 1845.

SEM AMAR.

(A' pedido.)

Amor não é razão é só vontade.

X. DE MATTOS.

Uma lagrima de seus olhos,
 Nos meus dias de afflicção,
 Quantas vezes orvalhou-me
 O queimado coração !

Assim o pranto da noite
 Reanima a casta flôr,
 Que o raio do sol ardente
 Deixou tristonha e doente
 Emmurhecida e sem côr.

Que importa lamina aguda,
 Por ciume envenenada,
 Não ferir-me mais o peito,
 Se ahi não sinto mais nada !

Que importa á flôr recolhida
 Que o sol não queime e emmaurcheça,
 Se tambem brisa aromada
 Já a não deixa humedecida
 De beijos, na madrugada! . . .

Ella tambem, coitadinha!
 Bem triste deve viver. . .
 Era por mim tanto amada!
 Ninguem mais a há de querer.

Sim, que da flôr de seus annos
 O perfume já passou:
 Tambem murcha sobre o ramo,¹
 Bem como a que foi cortada,
 A flôr, que ninguem cortou. . .

Mas porque deixei de amal-a?
 Pobresinha!—nem eu sei. . .
 Bem ou mal, seguio-me sempre
 Na linba que lhe tracei.

E' que amor quando se farta,
 Despresa a voz da razão,
 E injusto, quanto inclemente,
 Firme escreve eternamente
 O basta—no coração—

4.º de Janeiro de 1859.

Ella foi-se e com ella foi minha alma,
Na aza veloz da brisa sussurrante.

M. MONTEIRO.

Partio!... ella partio não me deixando
Furtivo olhar, se quer, por despedida!
Como sempre, de mim vai-se esquecida,
Sobre o barco feliz que a vae levando.

Figura-se-me vel-a reclinada,
Doce e meigo sorrir, ar_ distraido,
Ô espirito de saudades combatido,
A mão no rosto, junto da amurada;

Sobre a tremula planicie derramando
De seus olhos a luz doce e querida,
Com as puras scenas da manham da vida,
Ir o vasto horisonte povoando;

Memorar muitos na feliz revista
(Flores dispersas juntas n'um bouquét,
Que o zephiro torna a collocar de pé
Ainda que o Euro a desfasel-o insista.)

Memorar muitos!... mas a quem padece,
A mim que a sigo na amplidão dos mares,
—Profundos, vastos como os meus pesares—
Em mim não pensa—só de mim se esquece!—

R. A. VALLE DE CARVALHO.

SONETO.

(Parodia).

Se é triste na prisão negra, horrorosa,
Viver-se sempre a sós e abandonado;
E quebrando a soidão, descompassado
Erguer-se o suspirar d'ave saudosa;

Se é triste na mudez da noite umbrosa
Do rijo bronze ouvir-se o som pesado,
Carpindo a infausta sorte do finado,
De quem breve existencia foi ditosa;

Se é triste turvo mar e ceos nublados
Da tempestade ver-se entre os horrores,
Bramidos e clarões soltando irosos;

Ma is triste é ver teus olhos seductores
 Baixarem-se, negando-me impiedosos
 Um suave volver, volver de amores.

A' saudosa memoria do Dr. João Duarte Lisboa Serra,
 dedicada á sua irman a Exm.^a Sr.^a D. M. A. L. Serra.

Porque na fronte os louros do poeta
 E da louca ambição febris venturas ?
 Como a onda na praia, o sonho estala,
 E myrrão-se os laureis nas sepulturas !

A. DE AZEVEDO.

Quem a dor pode calar,
 Que da saudade provem ?
 Quem pode o pranto vedar,
 Que origem na mágoa tem ?
 Essa dor não se comprime,
 Enxugar o pranto é crime,
 E' profanar a sublime
 Linguagem, que d'alma vem.

Deslisar deixa teu pranto,
 Não temas o mundo vão;
 E' esse o bálsamo sancto
 Das chagas do coração.

Uma lagrima saudosa
 E' a flôr mais preciosa,
 Que podes lançar, piedosa,
 A' campa do teu irmão.

Mas não creias que sua campa
 Só teu pranto regará;
 Em muito rosto se estampa
 A dor, que eterna será:
 Os teus ais, os teus gemidos,
 Irão, magoados, sentidos,
 Com mil outros confundidos,
 Ao jasiço, onde elle está.

O irmão, que idolatraste,
 Não morreu para ti só;
 Assim como te enluctaste,
 O Brasil arrasta o dó:
 Se tu perdeste um thesouro,
 Mais precioso que o ouro,
 O Brazil perdeu um louro,
 Que lá jaz murcho no pó.

Tu te separas do amigo,
 Que ao seio do Eterno vae;
 Outros perdem n'elle o abrigo
 De bemfeitor e de pai:
 Em ti só geme a saudade;
 Mas, em misera orphandade,
 Quantos invocão debalde
 O justo, que o ceo retráe.

Seus dias, em quanto homem,
 Todos deixarão signal;
 Os tempos jamais consomem
 Esse nome perennal,
 Porque o brilho da virtude,
 Confundindo o vício rude,
 Leva aavez do ataúde
 O seu fulgor immortal.

Foi um astro radioso,
 Que ao Brazil Deos enviou;
 Mas que o fado caprichoso
 Para sempre eclipsou.
 Ao seu passado brilhante
 Sorria-se á cada instante
 Futuro immeuso, gigante,
 Que o sepulchro arrebatou.

Do vivo esplendor coberto,
 Que ao talento só condiz,
 Sempre foi asylo certo
 Para todo o infeliz.
 Quer o rico, quer o pobre,
 Quer o plebeu, quer o nobre,
 Sobre a lagem, que o encobre,
 Sua memoria bendiz.

Deslisar deixa teu pranto,
 Não temas o mundo vão;
 E esse o balsamo sancto
 Das chagas do coração.

Os teus ais, os teus gemidos,
Com mil outros confundidos,
Irão tecer-lhe doridos
Uma saudosa oração.

S. Luiz, 1855.

R. A. DE CARVALHO FILGUEIRA.

—

A MÃO DIREITA.

Todos tem, só eu não tenho
Duas mãos, uma direita
E outra que esquerda chama
Quem com ella não se ageita.

Mas ou seja esta a razão
Ou seja só convenção,
Certo é que eu tenho ambas
E com que pesar não digo
Que ambas esquerdas são !

Houve tempo em que pensei
Que não havendo signaes
Por onde se conhecesse
Que ambas não erão iguaes;

Era injustiça não tel-as
Uma e outra por direitas,
Quando sendo ambas bem feitas
E sobre-postas com arte
Ficavão justas, perfeitas !

Mas hoje não, hoje sei
Que tenho ambas esquerdas,
Por isso que sendo iguaes
Ambas são pesadas, lerdas . . .

A mão direita não tenho,
Inda me falta essa mão,
Que hei de ter por concessão
Da virgem que der-m'a um dia
Quando dér-me o coração.

E quando me dér . . . oh quando !
Juntinhos ao altar de Deus
Jurarmos amor eterno
Cá na terra e lá nos ceos;

Quando para tel-a presa
A aquelle que a vive amando,
Pela estola e pela resa
Nossas sortes, nossas vidas
O padre esteja ligando !

Ah, meu Deus, em tal instante,
Palavra ! que ali na igreja
Mesmo ahí sem que alguém veja
Por baixo da santa estola
Essa mão estou apertando !

R. FERREIRA E SOUZA.

SONETO.

Apenas vem donrando o sol luzente
O cume das montanhas escarpadas,
Que das compridas contas enfiadas
Alcino lança a mão, rapidamente,

E ao ceo orando mui devotamente
Os *padre-nossos* larga ás enxorradas,
E as *ave-marias*, quaes pedradas
Uma nas outras batem rijamente !

Dizem todos que cheira a santidade,
E que espera nas contas confiado
Arrombar o portão da eternidade.

A cada *gloria-patri* ei-lo prostrado;
Entretanto o chicote sem piedade
Na dura dextra vibra ensanguentado—!

R. HENRIQUES LEAL.



MORRER ! (*)

Morrer, morrer quando a vida
A sorrir me principia !
Oh ! é triste, muito triste
E quem tal dizer havia ?!
Oh ! é verdade, não minto.

Vejo os dias deslisar-se,
E esta fraca minha vida,
Sinto-a, sinto-a já finar-se !

.....

.....

Sinto-me, sinto-me finar,
Longe da patria querida

(*) Esta poesia foi feita um mez antes da morte do autor, que entao tinha 46 annos incompletos.

Sem ao menos poder dar
Um adeus de despedida
Aos entes, que caros são
N'esta vida de amargura,
Aos irmãos do coração.

Estou qual rosa do prado
Que cheia de frescor e vida
Jaz agora emmurchecida
E sobre a relva cahida
Oh ! é verdade, não minto,
Eu morrer já ha muito sinto.

Sinto meus dias correr
Com incrível rapidez,
Sinto, sinto-me morrer !
Oh ! agora d'esta vez
Meus dias finir-se vão . . .
Eu só peço, sob a campa
Simples e breve oração.

Lisboa, 13 de fevereiro de 1861.

R. V. M. REGO.

O MEU SONHO.

Vi-a em sonhos purpurina e bella,
Qual no vergel a rubicunda rosa,
Via-a no rosto e no trajar mimosa,
Dos céos julgando-a—fulgurante estrella !

Amor ardente senti logo ao vel-a !
Co'alma presa, de ambição vaidosa,
Vaguei incerto, como a mariposa,
Louco aos encantos da gentil donzella ! . . .

Si acaso um riso divinal, fagueiro,
Leve corria pelos labios seus,
N'elle ideiava o meu porvir inteiro..

Mas ah !. que acordo sem qu'rer, meu Deus,
Foi-se com o sonho meu fiel luzeiro . . .
Fanou-se a esp'rança dos amores meus . . .

S. A. D'AZEVEDO.

MARAVILHAS DE AMOR.

Amor, velhaco, rapaz
Tem bofes de Satanaz,
O diabo do machacaz
Continuos cercos me faz
E não quer que eu viva em paz.
Põe as settas no carcaz,
E sobre as costas o traz,
Quando encontra a gente—záz!
Vôa a setta—um rombo faz,
No peito mais pervicáz,
E o pobre ferido jáz
Entre as brazas e a tenáz,

Sem allivio e sem solás,
 Soffrendo mil cousas más,
 Até tornar-se um lambáz.
 Mil d'elles assim verás
 Quando a moça é um caifaz
 Que com caprichos o traz,
 Feito um lórpa, um basbacáz,
 E sem saber o que faz.

Isto é da mythologia;
 Forão cousas d'algum dia:
 No seculo corrente,
 A pintura do Amor é diferente.
 Amor, da sympathia doce filho,
 No coração se aninha,
 E ali roendo cresce o peralvilho:
 E crescido que foi—fera damninha,
 Tudo devora e come
 Sem saciar a fome.
 Ha lá um certo quê (que eu não explico
 Porque ali me é custoso metter bico),
 Que úne dois corações intimamente
 Com attracção reciproca,
 Com reciproco affecto,
 De que para *elle* a bella,
 E de que *elle* para *ella*
 E' o adorado objecto.
 Ah ! como eu ficaria tão contente
 Se achasse um coração que ao meu se unisse
 Com esse d'amor puro sentimento,
 E ella sentisse o mesmo que eu sentisse ! . . .
 Oh ! para o conseguir não acho meio,

E o primeiro motivo é ser mui feio...
 Paciencia!...

—

Em certo bairro em que sempre esmolava,
 Os louvores do amor assim cantava
 Um cego chamado Xisto,
 Que tinha um filhinho chamado Evaristo,
 Galante menino,
 Esperto e mui fino,
 Filho d'uma mulher bonita e baia
 Que usava de saia.
 E o seu nome... ora esperem!... era Olaia.
 O cego, emfim
 Cantava assim:—

« Amor agarra como carrapato,
 Ladra como cão, nia como gato,
 Ratinho que as almas rõe,
 Ferida funda que dóe,
 Mó que o coração nos móe;
 Trapo velho que se gomma todo o dia,
 Morossoca que aos ouvidos sempre chia.
 Quando o amor agarrou,
 Se o deixam ficar ali,
 Depois—é visco de jaca,
 Resina de bacori.
 Mão pensamento importuno,
 Rapaz pedinchão, gatuno,
 Coceira de sarna ou tinha
 Ou piólho de gallinha.

Se me disserem que raio traz pedra—
 Essa opinião commigo não medra;

Se me disserem que o bicho do côco—
Do côco procede—não creio tão pouco.

Se me disserem também que o morcêgo
Transforma-se em rato—tal braza não peço;
Se me disserem também que ha feitiço;
Quem quizer creia, que eu não creio nisso.

Mas se me disser que amor
Faz mil cousas estupendas,
Eu o creio, sim, senhor.

Amor é trasgo despotico
Tirannico,
Exotico,
Satanico,
Strambolico,
Galvanico,
Excentrico,
Terrifico,
Asneiratico,
Malefico,
Esquipatico;
E quando um pobre está amantetico,
E' um fanatico
Fica raquetico,
Anda frenetico,
Faz-se lunatico,
Torna-se estúpido,
Vive caquetico,
Fica estolido,
E' hypocondriaco,

Stá melancolico,
Morre maniaco.
No seu idolo embebido
Fica esdruxulo em todo o sentido.»—

—

Quando o cego isto cantava
Tinha tal graça o cantar,
Que sempre a esmola pingava,
Tinindo sempre ao pingar.

Eu que exemplos d'amor vejo
Querer negocios d'amor?!
Não, não, meu coração-zinho,
Deixa lá esse Senhor.

Êntra meigo e mui galante,
Depois todo elle é rigor! . .
Não, não, meu coração-zinho,
Deixa lá esse senhor.

Põe mel no limbo da taça
No fundo acerbo amargor! . . .
Não, não, meu coração-zinho,
Deixa lá esse senhor.

Suas doçuras são veneno
Em calix de bella flor. . .
Não, não, meu coração-zinho,
Deixa lá esse senhor.

Cinge a alma de torturas,
 Enche o coração de dôr ! . . .
 Não, não, meu coração-zinho,
 Deixa lá esse senhor.

Deixa-o meu coração, deixa-o . . .
 Vá-se embora e a vapor !
 Amigos perfidos, falsos,
 Longe, longe o mais que fôr.

Icatú—1855. Dezembro 1.

SONETOS.

A um pobre doente a quem tratava
 Assim dizia velha mesinheira:
 « Pois meu senhor não cuide que é asneira
 Um charope tomar d'arruda brava. »

« Mas porque? (o enfermo perguntava);
 « —Para suar (disia a curandeira):
 E o triste ao só pensar na charopeira
 D'afflicto e agoniado já suava !

« Tome e abafe-se (a velha continua):
 Não deve em todo o dia dár um passo;
 Nem comer cousa alguma em quanto sua.

Olhe que meu avô, velho madraço,
 Tomou um suadouro, foi a rua...
 Mas pagou; pois cahio, quebrou um braço !

Formosa Olyntha, quando vi teu rosto,
 De taes graças e encantos adornado,
 Por teu amor deixei o antigo estado,
 D'amor me fiz escravo por meu gosto.

Fora ao cego menino sempre opposto;
 Mas de inimigo, acerrimo e exaltado,
 Em amigo de amor me vi tornado,
 Formosa Olyntha, quando vi teu rosto.

Ouviste que te amava com candura;
 Teu meigo coração não foi-me esquivo;
 Sensível me votaste a fé mais pura.

Formosa Olyntha, quão ditoso vivo !
 Teu captiveiro trouxe-me a ventura,
 Assim quisera eu sempre ser captivo !

OS DOIS MACHOS.

(Trad. do Lafontaine.)

Dois machos iam juntos, carregado
 De aveia um, e o outro de dinheiro:

Este co'a carga preciosa inchado,
Não quiz que o ajudasse o companheiro,
E com passo arrogante marchava,
E o seu guiso sonante agitava . . .
De ladrões uma tropa eis os rodeia,
Que querendo o dinheiro, e não a aveia,
Cai sobre o triste que conduz o ouro,
E o agarra, e despoja do thesouro.
O macho, defendendo-se, coitado !
E' dos golpes da turba maltractado,
Geme, suspira, e assim accusa a sorte:
« Eis o que prometteram-me ! . . Este amigo
Que é tão pobre, não teve algum perigo;
Eu que trouxe tanto ouro, encurto a morte ! . . .
« Amigo (lhe tornou seu companheiro),
Tem risco altos empregos: se serviras
Como eu algum moleiro,
Certo que em tal desgraça não cahiras.»

T. G. DE CARVALHO.

O CALHAMBOLA.

Aqui, só, no silencio das selvas
Quem me pode o descanso vedar?
Durmo á noite n'um leito de relvas,
Só a aurora me vem despertar.
Ante a onça, que afouta anda a cõrso,
Mais afouto meus passos não torço,
Nem é dubia uma lucta entre nós.
O bodoque a vez supre da bala,
Toda a matta medrosa se cala,
Quando ruja medonho na voz.

Tenho fome? A palmeira se verga,
Seus coquilhos alastram o chão;
E debaixo a cutia se encherga
Assentada comendo na mão.

Se as entranhas se abramas sedentas,
 Tu, ó terra, mil fontes rebentas,
 Como as fontes do leite á mulher !
 N'um terreno tão farto e maduro
 Quem lá pode cuidar no futuro,
 Quem de fome ou de sêde morrer ?

Nasci livre, fizeram-me escravo,
 Fui escravo, mas livre me fiz.
 Negro, sim; mas o pulso do bravo
 Não se amolda ás algemas servis !
 Negra a pel, mas o sangue no peito
 Como o mar em tormentas desfeito
 Ferve, estua, reserve em caixões !
 Negro, sim; mas é forte o meu braço;
 Negros pés, mas que vencem o espaço
 Assolando, quaes negros tufões !

Negro o corpo, afinou-se mihi'alma
 No soffrer como ao fogo o tambor;
 Mais altiva reergue-se a palma
 Com o peso, assim eu com a dôr !
 Como a lingua recolhe, pascendo
 Tamanduá, de fornigas fervendo,
 Tal de açoutes cingiram-me os rins.
 E eu bramia, qual onça enraivada,
 Que esbraveja, que brame acuada
 Em um circo de leves mastins.

Eu bramia, porem não chorava,
 Porque a onça bramiu, não chorou.
 Membro a membro meu corpo quebrava,

A vontade ninguém m'a quebrou !
 Como reina a mudez na tapéra,
 No meu peito a vontade é que impera,
 Aqui dentro só ella dá leis.
 Se commetto nma empresa gigante
 Co' o bodoque ou co'a flexa talhante
 A vontade me brada—podeis !

Oh, que sim; estes hombros possantes,
 Digno assento da frente de um rei,
 Não m'os hão de sulcar vis tagantes
 Nunca mais, nunca mais, que o jurei !
 O homem forte, que brada aos verdugos
 —Guerra, guerra, ou quebrai-me estes jugos—
 Tem um echo, tem voz lá no ceo.
 O que a morte não teme, eis o forte;
 E mal basta o temer-se da morte,
 Quem na vida tornienta corren.

Outros ha, cujo peito abebêra
 O temor como ao peixe o tingui.
 Oh, meu Deus, oh poder que eu podera
 Accendê-los n'um raio de mi.
 Este sangue em que bolha o insulto
 De um covarde nas veias inulto
 Não corrêra ou vazara-o no chão !
 Mas eu só . . . maldicção sobre a escrava,
 Que o filhinho p'ra o jugo aleitava,
 Sobre ti, minha mãe, maldicção !

Vivo só . . . ponco fundem meus brios
 Contra o numero e a força brutal.

Invios mattoz, occultos desvíos
 Não me offerecem guarida cabal !
 De que vale ao pão d'arco a rijeza
 Do seu tronco, que o ferro despresa,
 Quando o ceo vibra raios a mil ?
 Oh ! se cai, toda a matta retumba;
 Pouco importa que o bravo succumba,
 Quando a morte é briosa e viril !

A' SENTIDÍSSIMA MORTE DO BRIGADEIRO FALCÃO.

Ah ! vibrem, vibrem as tremulas
 Cordas do meu alahude
 Quaes na torre os dobres funebres,
 Que o sino plangente e rude
 De triste vibrando está !

Ah ! voem meus ais harmonicos
 Nas azas da fresca brisa,
 Meus versos corram quaes lagrimas
 Dos olhos, que o chôro pisa,
 De noiva que viuva é já ! . . .

Maranhão, berço de genios,
 Formosa filha dos mares,
 Ah ! troca por vestes lugubres
 As galas de tens folgares,
 Ai ! não folgues nunca mais ! . . .

Ah! chora que o varão integro,
 Dos teus filhos o mais forte,
 Que as balas provocou rubidas,
 Na guerra vencendo a morte,
 Venceu-o a morte na paz. . .

Falcão . . . destino malevolo
 Persegue os filhios de Marte !
 Cede á morte em leito inglorio
 Tendo-a visto em toda a parte
 De Arbellas o vencedor:

Caê Pompeu em plagas barbaras
 Ás mãos de vis assassinos:
 De Marengo o heroe, que indomito
 Tangia da morte os hymnos,
 Morreu ! . . . aos poucos . . . de dôr !!!

Falcão ! . . se, vencendo os seculos,
 Seus nomes enchem o mundo,
 Foi a scena mais esplendida,
 Não foi genio mais profundo,
 Não foi peito mais viril . . .

Quem na lide mais intrepido,
 Quem mais sisudo no plano,
 Quem no vencer foi mais rapido,
 Na victoria mais humano,
 Que tu, genio do Brazil ?

Foi tua espada um prodigio
 No refferver da batalha,

A morte poisava rabida
 No gume, que o sangue orvalha,
 Dos que vão morder o chão:

Imbravecida no prelto,
 Similhava onça faminta,
 Que se rodeia de victimas;
 E de sangue toda tincta
 Ferve-lhe inda o coração.

E pende inerte o teu gladio
 Dês que o punho não lhe aperta
 A mão, que o regia valida
 Nos estos da guerra incerta,
 Onde o teu genio primou.

Ai! Jesses teus olhos d'aguia,
 Onde a victoria luzia,
 O lume brilhante e vivido,
 Que o sol vencer contendia,
 Para sempre se apagou ! . . .

A voz que troava rispida,
 Como o clangor das trombetas,
 Nos casos da guerra varios
 Movendo mil bayonetas,
 Para sempre . . . emmudeceu ! . . .

Esse peito—incêrronitido
 De mil inquebraveis brios,
 Das virtudes tabernaculo

De impulsos de feitos pios,
 Já mais não pulsa. . . morreu !!

Olinda.

O BRASIL.

Imperium sine fine.

VIRG.

Porque gemes, porque choras
 Tãmi triste assim, meu Brasil ?
 Porque nos labios demoras
 Esse sorriso febril ?
 N'alma te pesa algum crime,
 Seu ferrête vil te imprime
 Na fronte o remorso atroz ?
 Cuspiram-te alguma injuria,
 Algum Nero, acceso em furia,
 Infame jugo te impoz ?

Quem offusca a formosura,
 Que te infeita o lindo ceu,
 Onde se estampa e fulgura
 Da lua a face-sem ven ?
 Quem traja tantos verdores,
 Quem tem mais lindos amores,

Quem mais garbo e louçanias ?
 Porque, pois, te quedas triste,
 Porque--tam ledos!--banniste
 Os sorrisos que sorrias ?

Cobra alento, sus, avante !
 Despe esse luto, essa dôr . . .
 Meu Brasil, és um gigante,
 Mas no berço, e sem vigor;
 És agua ainda no ninho,
 Que do pico aos ceus visiuho
 Não arrostra a luz do sol:
 És um astro no nascente,
 A brilhar mui frouxamente
 Co'a frouxa luz do arrebol ! . . .

Mas esse astro que fulgura
 Com mui tenue, escassa luz,
 Que apenas na face escura
 Da noite libio reluz,
 Ha de, em estos referventes,
 De fogo vasar inchentes,
 Ha de o mundo deslumbrar;
 Como o cometa que em Roma,
 Sacudindo fero a coma,
 Veiu o mundo ameaçar . . .

Mas essa aguia tenra, implume,
 Que inda não sabe voar,
 Que do sol o vivo lume
 Não pode firme fitar,
 Co'o fragor da tempestade

As azas battendo, ha-de
 Juncto ao sol ir-se aquecer,
 Ha-de as azas disferindo,
 A luz do sol incobrando,
 Ha-de o mundo escurecer ! . . .

Mas o gigante impotente,
 Infante, e sem robustez,
 Como o Archanjo lusente,
 Que o Rebelde tem aos pés,
 Ao mundo, que aos pés lhe treme,
 Que em negra borrasca freme,
 Com desmedido fragor,
 Dirá, battendo no peito:
 « Eis-me aqui, rende-me preito . . .
 « Eis-me aqui, sou teu senhor ! »

Eia, pois, esmalte o riso
 Os labios que a dôr crestou ! . . .
 Co'um munifico sorriso
 Deus p'ra muito te creou . . .
 Que nação teve um começo
 Tam grande, de tanto apreço,
 Tam subido . . . tanto assim ?
 Se não dormes respeitado
 A' sombra do teu passado . . .
 Tens um futuro sem fim ! . . .

A CREOULA.

Sou captiva . . . qu'importa ? Folgando
Hei-de o meu captiveiro levar ! . .
Hei-de, sim; que o feitor tem mui brando
Coração, que se pode amansar.
Como é terno o feitor, quando chama,
A' noitinha, escondido co'a rama
No caminho:—ó creoula, vem cá !
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer:—não vou lá ?

Tenho um pente coberto de lhamas
De oiro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobrolham com ar de desdem.
Sou da roça; mas sou tarefeira . . .
Roça-nova ou feraz capoeira,
Corte arroz ou apanhe algodão,
Cá commigo o feitor não se cança;
Que o meu côfo não mente á balança
Cinco arroubas—e a concha no chão !

Ao tambôr, quando saio da pinha
Das captivas, e danço gentil,
Sou senhora, sou alta rainha,
Não captiva—de escravos a mil:
Com requebros a todos assombro,
Voam lenços, occultam-me o hombro,

Entre palmas, applausos, furor . . .
 Mas se alguém ousa dar-me uma punga,
 O feitor de ciumes resmunga,
 Pega a taca, desmancha o tambor.

Na quaresma, o meu seio é só rendas,
 Quando vou-me a faser confissão,
 E o vigario vê coisas nas fendas,
 Que tomara antes vê-las na mão.
 —Senhor padre, o feitor me inquieta—
 E' peccado?—Não, filha . . . ora . . . peta . . .
 Gosa a vida . . . esses mimos dos ceus . . .
 És tam bella ! . . . e nos olhos do padre
 Eu vi coisa, que temo, não quadre
 Ao ministro sagrado de Deus.

Sou formosa, e os meus olhos estrellas,
 Que trespassam negrumes do ceu . . .
 Estes mimos e fórmias tam bellas
 P'ra que foi que a natura m'as deu ?
 E este fogo, que me arde nas veias,
 Como o sol nas battidas areias,
 Porque ferve ? Quem foi que o ateiou ?
 Apagal-o vou já, não sou tola . . .
 E o feitor lá me grita:—ó creoula !
 E eu respondo-lhe branda:—já vou.

A LUA.

Per tacitæ silentia lunæ,
VIRG.

Bem como no galho tremulo
A flebil rolinha geme;
Ou como a virgem brasilica
Que o ardor da calma teme,
E na rêde—invento indigena—
Embala o corpo, que a mente
Embalada docemente
Em doces scismas está:

Tal nos ceus a lua candida
Entre os seus raios se libra,
Raios macios, tam placidos,
Que a lua exhala, não vibra;
Raios da luz do alto empyreo,
De que o justo se reveste,
E os derrama no cypreste
Que a seus ossos sombra dá.

A briza de somno languida
Frouxas canções em vão tenta,
Move acaso as azas roridas,
E a lua as azas lhe argenta:
Que no firmamento esplendido,
Nos silentes horisontes,
Nos fundos valles, nos montes
Arde a lua tropical.

Da matta nas palmas garrulas
 Fresco orvalho a noite verte,
 E a lua da noite as lagrimas
 Em aljofares converte:
 Da caruahuba as aureolas
 São resplendores de prata:
 Mais cheiro a rosa desata,
 Mais rosas brota o rosal.

Quem não te ama, ó pomba etherea,
 Rainha da soledade!
 Quem não tem na vida um tumulo,
 Ou no peito uma saudade?
 Se não paz, tu dás-nos treguas
 Da vida na dura guerra,
 E és tam querida na terra,
 Quanto formosa nos ceus!

O velho, que, a passos tremulos,
 P'ra sepultura caminha,
 De infantes o bando lepido,
 Que, chamando-te madrinha,
 Tua abençoam pedeni simplices,
 Folgando e rindo innocentes,
 Não vês, ó lua, não sentes
 Que adoram os raios teus?

O rei nos seus paços regio
 E o triste o pobre captivo,
 A' porta do seu tugurio,
 Acham doce lenitivo,

Quando, ó astro, além te estampas:
Assim se alegram as campas,
Onde rebenta uma flôr !

E o poeta—summo espirito,
Que só de dores se ceva,
E á luz sublime do genio
Do porvir tateia a treva,
Menos amargas as lagrimas
Bolham-lhe nos seios d'alma;
Pouco a pouco a dôr se acalma...
Milagres do teu amor...

F. F. DE SOUZA PIMENTEL BELLEA.



EPISTOLA A CERTO MAJOR.

Bons dias, caro major;
Estimo passasse bem,
E os bolsos tenha melhor
Do que os meus, que sem vintem,
Vão de mal sempre a peor:

E a culpa só tenho eu;
Pois se não fôra janota,
Cuidára mais do que é meu,
E, co'a minha capa rota,
Levára menos boléo:

Mas quiz a sorte fatal
Que cumprisse o meu fadário;

Contra a sorte nada val:
 Córro em vão ao bolicario,
 Que não mitiga o meu mal.

Deixando, porém, de parte
 Os meus delirios de amante,
 Em lugar d'esse descarte
 Vamos ao mais int'essante,
 O qual começo d'est'arte:

Não tenho a lingua ferina,
 Do que me sinto acoimar;
 Porém faz-m'a viperina
 Ver um tolo se emproar,
 Correndo teso á bolina:

Ver um fidalgo catinga
 D'este nosso Maranhão,
 Oriundo de Mandianga,
 E cujo honroso brasão
 Foi ser o avô *pechilinga*.

Faz-m'a ver de espada e banda,
 Com certo tom marcial
 Pifio lapuz, que já manda
 Qualquer guarda nacional
 Como a moço de quitanda:

Ver mesquinhos empregados,
 Que não têm vintem de seu,
 De peitos tão emproados,

Que ao vêl-os qualquer sandeu,
Julgal-os-lia potentados:

Ver menina tão vaidosa,
Que ao pobre pai—paspalhão—
Pondo a rasão duvidosa,
Quer seis nagoas de bulão
Alem de muito gulosa:

Ver casas ditas—*de sorte*—
Pelas festas de arraial,
Onde só tem-se por norte
Ver quanto a trapaça val
Entrincheirada n'um forte:

Ver tão omissoes agentês
Da policia encarregados
Contemplando indifferentes
Estellionatos provados
Co'os indicios mais vehementes:

Tambem, por não ter remedio,
(Tal é a desdita minha)
Peraltas, que causão tedio
Pondo qualquer janellinha
No mais apertado assedio:

Negros boçoes de casaca
De tão tesos colleirinhos,
Quanto do corpo a *caraca*,
Levando sobre os focinhos
Chapéo, que quasi os atraca.

Sem remedio, meu major;
 Poetas vejo aos milliares,
 Aos quaes coubéra melhor,
 Começando por meus lares,
 Tomar empresa maior;

Que o pranto corre de mais
 Em suas mestas canções;
 Porem são de amantes taes,
 Que os deixão por sem-razões
 Tristes presas do Novaes. (1)

Sim, major, como é possível
 Contemplar tanta loucura
 O espectador impassivel?
 Quando o meu peito murmura,
 Calar-me fôra impossivel.

Mudo verei saltim-bancos,
 Ha pouco sem mais valia
 Alem dos cabellos brancos,
 Tractando de engenharia,
 Dando leis, andando aos trancos?

Qualquer boçal enfermeiro,
 Que jamais da medicina
 Se quer aspirára o cheiro,
 Curando typho e malina,
 Ganhando posto e dinheiro?

(1) Xavier de Novaes, poeta portuguez muito satyrico,

Entunados bachareis
 De tão mesquinha cachola,
 Que recebem rapa-pés,
 Não pelo que tem na bola,
 Mas por maços de papéis ?

Mulheres ao luxo dadas
 Sem terem de que viver,
 Homens de fardas bordadas,
 Em quanto podeis ir ver
 Suas joias empenhadas ?

Um luxo desordenado,
 Que a tudo murcha e consome,
 Em quanto o povo esfaimado
 Mal supporta a dura fome,
 Que o tem já desnordeado ?

Pretendentes desastrados
 A cargos inda providos
 Co'os tympanos applicados
 A escutar os sons perdidos
 Nos salões dos potentados ?

Orgias e saturnaes,
 Não nos bairros mais escusos,
 Mas nos salões principaes,
 Onde Luculos profusos
 Alção taças de crystaes ?

Se quizéra enumerar
 O que aqui não posso ver,

Leváro a vida a palrar,
Sem chegar nada a dizer,
Sempre achando o que notar.

Sinto, major, sinto n'alma
Verdades taes vos dizer;
Mas o brio leva a palma:
Em me mettendo a escrever,
Adeus prudencia, adeus calma.

Proferindo atroz verdade,
Não recuo ante a impostura;
Cumpro lei da humanidade:
Tragando embora a amargura,
Não serei dos máos, compadre.

Aqui paremos, major,
Que a noite já se approxima;
As horas gratas a amor
Me advertem lá de cima
Que o busque com terno ardor.

Co'ó favor da noite escura
Já vôo aos braços de Anella,
Que saudosa me procura
Já co'os olhos da janella
Com riso de alma ternura.

Adeus, amigo, até logo,
Que não ha tempo a perder:
O doce, amoroso fogo

Vem-me as fallas empecer,
Pondo-me as fibras em jogo.

SONETO.**A UM PEDANTE COPISTA.**

Tu és, immenso Atilio, um gran'portento,
Na trombeta da fama és celebrado,
Byron, Tasso, Camões tens suplantado,
Nem da Grecia ao cantor deixaste alento !

Nas azas do immortal teu pensamento
Foste do Pindo ao cume alevantado,
Apollo te brindou co'o dom sagrado,
São de Aganippe as lymphas teu sustento.

Na marcha singular que has proseguido
Aos Andes espantaste com teu brado,
Desd'o Amazona ao Prata és conhecido.

Quem ha hi tão tenaz, tão tresloucado,
Que, nas copias te vendo destemido,
Não pasine de terror, fique assombrado !

INDICE.



Antonio Gonçalves Dias.	PAGINAS.
Sobolos Rios .	1
Estancias .	4
Canção .	5
Soneto .	6
Estancias	7
Antonio Marques Rodrigues.	
A Revista nocturna .	11
Vinte e oito de Julho.	13
A verdade a justiça e o bello.	14
O Brasil	16
Antonio Joaquim Franco de Sá.	
O sol e a princesa	18
Arrependimento.	19
Amor e namoro.	21
Sete de Setembro.	23
Soneto	27
«	28
Meus namoros de Olinda.	29
Nenia.	35
Improviso	38
Antonio da Cunha Rabello.	
Devaneio.	38
Delirio	42
* * *	46
Em viagem.	48

II

	PAGINAS.
Augusto Cesar dos Reis Raiol.	
Recordações da infancia .	54
A melancholia .	55
Augusto Olympio Gomes de Castro.	
Desalento.	58
Confidencia .	59
Alfredo Valle de Carvalho.	
Escuta .	62
Antonio Cesar de Berredo.	
A Infancia.	65
Augusto Frederico Colin.	
Ella	69
Antonio M. de Carvalho Oliveira.	
Soneto	72
Ayres da Serra Souto-Maior.	
Soneto	73
Soneto	74
Um suspiro.	75
Caetano Candido Cantanhede.	
Canção	77
Caetano de Brito Sousa Gayoso.	
Soneto	79
Celestino Franco de Sá.	
Saudades .	80
Coriolano Cezar Ferreira Rosa.	
O Beijo no ar.	82
Eduardo de Freitas.	
Soneto	84
No mar	85
Improviso	86
Soneto .	87

III

	PAGINAS.
Francisco Sotero dos Reis.	
A morte de Hypolito .	89
Frederico José Corrêa.	
As duas ilhas .	93
O Lacrymarum fons	102
Suaves miscetis odores.	103
Francisco Dias Carneiro.	
Pelo Itapecurú.	106
Perdoae-lhe, Senhor!	111
A um retrato .	113
A	115
Fernando Vieira de Sousa.	
Seu nome	118
Ainda a ti.	119
O passeio	119
Velhos amores, novos amores.	121
Felippe Franco de Sá.	
Innocencia e amor .	123
Fabio Gomes Faria de Mattos.	
Meus anhelos	125
Francisco Sotero dos Reis, Junior.	
A virgem de meu amor	126
Gentil Homem d'Almeida Braga.	
Seu nome	128
O orvalho.	130
Amor e crença.	132
O salgueiro de Santa Helena.	137
João Duarte Lisboa Serra.	
Ao correr das lagrimas.	141
Sabindo pelo Vouga.	143
Domine, exaudi orationem meam.	146
José Ricardo Jauffret.	
Episodo d'Adamastor	148

	PAGINAS.
José Bernardes Belfort Serra.	
Episodio.	155
José Pereira da Silva.	
Soneto	161
«	162
«	162
«	163
«	164
«	164
«	165
«	166
Joaquim Maria Serra, Sobrinho.	
Mudança.	167
Scismando	170
Morta! . . .	172
Uma retractação	174
José Mariano da Costa.	
Meu amor	177
Amei-te! . . .	179
Impossivel!.	180
Joaquim de Sousa Andrada.	
Te-Deum.	182
A' . . .	184
Fragmentos.	185
Ao sol.	186
João Emiliano Valle de Carvalho.	
Nenia.	188
J. J. da Silva Maçarona.	
Soneto	190
João Antonio Coqueiro.	
Em viagem.	191
Dona Jesuina Augusta Serra.	
Soneto	193

Luiz Antonio Vieira da Silva.	PAGINAS.
My native land good-nigh.	194
A Lilia	197
Vês o mar !	198
O retrato.	199
Luiz Vieira Ferreira.	
Desejo.	201
Sorriso	202
Luiz Miguel Quadros.	
Metéoro	204
Esquecer-me !	205
Perdi-a	207
Manoel Odorico Mendes.	
Hymno á tarde.	210
A morte .	214
Soneto.	216
Manoel Benicio Fontenelle.	
Ante a serra dos Orgãos.	217
Hymno.	220
Dona Maria Firmina dos Reis.	
Por ver-te.	222
Minha vida.	223
Nuno Alvares Pereira e Sousa.	
Meu passado.	226
O recrutado.	227
Uma noute de febre.	229
Pedro Wencescop Cantanbede.	
Olindina	231
Ambos sonhavam.	233
Quebre-se a lyra de amor.	235
Deixou-me só	237
Raymundo Brito Gomes de Sousa.	
A tapêra de Santa Barbara.	239
Amor e traição	240
Sem amar.	243
...	245

R. Alexandre Valle de Carvalho.	PAGINAS.
Soneto	246
A' memoria do Dr. Lisboa Serra	247
R. A. de Carvalho Filgueira.	
A mão direita	251
Raymundo Pereira e Sousa.	
Soneto	253
Ricardo Henriques Leal.	
Morrer !	254
R. Valentiniano de M. Rego.	
Soneto	256
Severiano Antonio de Azevedo.	
Maravilhas de amor.	257
Soneto	262
Os Dous Machos.	263
Trajano Galvão de Carvalho.	
O Calhambola	265
A' morte do brigadeiro Falcão.	268
O Brasil.	271
A creoula	274
A lua.	276
T. F. de Gouvêa Pimentel Belleza.	
Epistola a certo major.	279
Soneto	285



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).